

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II
B.V./S.à.r.l.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer
semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Copyright © 1991 by Barbara Delinsky

Originalmente publicado em 1991 por Harlequin Temptation
Título original: THE STUD

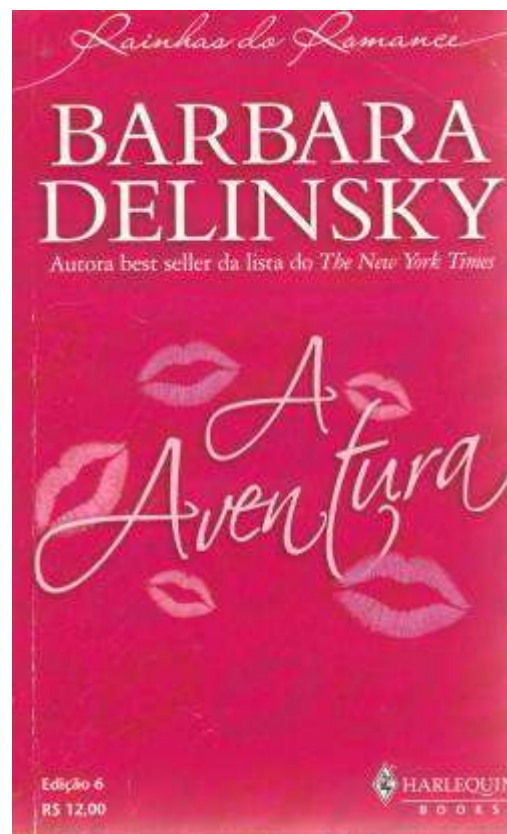
Tradução *Marie Olivier*

Impressão:
RR DONNELLEY MOORE
Tel: (55 11)2148-3500 www.rrdonnelley.com.br

Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171, 4ª andar
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondências para:
Caixa Postal 8516
Rio de Janeiro, RJ — 20220-971
Aos cuidados de Virginia Rivera
virginia.rivera@fearlequinbooks.com.br

HARLEQUIN
B O O K S
2007



Harlequin Rainhas do Romance 06

Jenna McCue quer um filho, e escolheu Spencer Smith para ser o pai... ou melhor, o doador. Ela garante ao famoso aventureiro e solteirão não precisar de absolutamente nada, somente de seu precioso fluido. Ele concorda com a proposta, mas sob uma condição: ser um doador á moda antiga.

Porém, contrariando seu enorme desejo de ser mãe, Jenna não fica logo grávida. O que significa que ela e Spencer precisam tentar e tentar novamente. Quando Jenna engravida, já está perdidamente apaixonada por Spencer, mas contar a verdade significa nunca mais voltar a vê-lo. Afinal, isso faz parte do acordo. Ou não?



Barbara Delinsky

Com mais de 50 romances publicados, atualmente Barbara é uma das grandes estrelas da ficção feminina. Suas histórias envolventes já lhe renderam muitos prêmios e o reconhecimento como autora best seller do The New York Times. Há mais de 12 milhões de exemplares de seus livros em todo o mundo, uma prova do grande sucesso de Barbara.

Digitalização: Silvia Crispim
Revisão: Nelma



Capítulo Um

A CICATRIZ ao longo da mandíbula era o que tinha de mais atraente.

Não: era o cabelo. Escuro e despenteado, dava-lhe um ar de safado.

Não: eram os olhos. Azul-acinzentados brilhavam elétricos na fotografia — o que era incrível, já que a foto era em preto-e-branco. Mas Jenna McCue já vira aqueles olhos ao vivo e uma vez vistos, jamais poderiam ser esquecidos.

Sentindo-se estranha, como se a tocassem, virou o livro para esconder a fotografia da quarta capa no assento do carro, o que deixava a capa à vista. *Ouro Verde* era o título do livro. A história narrava a busca de esmeraldas em minas na África do Sul e era verídica. Spencer Smith tinha vivido a aventura e a escrito, assim como escrevera sobre a caça ao tesouro nas pirâmides do Egito, nos Andes peruanos, em cavernas de piratas nos Mares do Sul. Seus livros não eram best sellers. Faltavam os elementos necessários para obter sucesso comercial, ou seja, melodrama e sexo. Eram documentários bem escritos, capazes de fascinar corações aventureiros.

Jenna não se enquadrava no perfil. Levava uma vida rotineira, mas Spencer Smith era o irmão de sua mais antiga e querida amiga. Compraria os livros por lealdade a Carolina e à família, mesmo se não os achasse intrigantes. Mas adorou cada um deles. Ao longo dos anos, tinha se tornado, quando solicitada, nas visitas à casa dos Smiths, crítica não-oficial dos livros.

Entretanto, essa visita tinha um objetivo diferente. É verdade que tinha lido e adorado *Ouro Verde* e não perderia as bodas de ouro dos pais dele por nada nesse mundo, mas tinha outros planos além de simplesmente tomar champanhe, comer lagosta e dançar pelo salão com qualquer um que a convidasse.

Tinha que fazer um pedido a Spencer Smith. Uma espécie de favor. Uma espécie de proposta. Um pedido pessoal — muito pessoal. E com certeza, muito estranho.

Ele podia não acreditar, debochar, ficar intrigado ou rejeitar a idéia. Carolina havia sugerido todas essas hipóteses, preparando Jenna para o pior, mas concordara ser uma boa idéia. Boa não: ótima. Jenna sabia que fazia o mais absoluto sentido. Satisfaria um grande número de pessoas por motivos diferentes. Só precisava era convencer Spencer a aceitar.

Fazendo a curva para pegar a estradinha particular que levava à casa dos Smiths em Newport, estacionou atrás do último carro da fila, saltou e dirigiu-se à casa. O sapato de salto alto amarelo-claro decerto não era nada adequado para caminhar numa estrada empoeirada, mas combinava com o conjunto de seda de saia curta e jaqueta da mesma cor que, por sua vez, combinava com os cabelos ondulados e femininos. Normalmente se vestia de forma mais sóbria e prendia o cabelo, como cabia a uma executiva de alto nível. Mas, independente da festa dos Smiths, nos últimos tempos se sentia mais feminina.

Tinha a ver com os planos para o futuro onde Spencer se encaixava. Ignorando o friozinho no estômago, seguiu em frente.

O número de pessoas aumentava à medida que se aproximava da casa. Reconheceu várias delas e cumprimentou-as calorosamente. Foi apresentada a outras que, embora não a conhecessem pessoalmente, com certeza conheciam-na de nome. A loja de departamentos McCue era considerada um meio-termo entre a Bergdorf Goodman e a Jordan Marsh. Sobrevivera a períodos ruins e tornara-se a mais lucrativa dentre todas, para a qual os moradores dos estados da Nova Inglaterra acorriam para comprar desde camisas pólo e jeans até ternos de camurça, porta-retratos de prata e roupa de cama de grife. Jenna, a última sobrevivente do clã McCue, ocupava a presidência da empresa e do conselho. Aos 35 anos, era uma líder eficiente, com boa visão de negócios. Assim como o pai e o avô, mantinha a loja atualizada e, por esse motivo, a cadeia de lojas crescia enquanto outras faliam. Antecipava os problemas e lidava com eles, antes de virem a tornar-se um ponto fraco.

Fazia o mesmo com sua vida pessoal, motivo pelo qual precisava conversar com Spencer.

Ele não estava no vestíbulo nem na sala de estar quando a atravessou em direção ao pátio onde Joe e Abby Smith recebiam os cumprimentos dos convidados. Jenna abraçou-os afetuosamente e conversou com eles bastante tempo até a chegada de outros amigos. Mal pegara uma taça de vinho de uma bandeja, quando Caroline se materializou ao seu lado.

— Você está maravilhosa — disse, examinando-a detidamente, antes de perguntar: — Esse vestido é da loja?

Jenna deu uma olhadinha ao redor para se certificar de que ninguém poderia ouvi-las. Definitivamente não fazia o gênero exibida. Em voz baixa, admitiu:

— Selecionamos alguns no desfile em Paris, mas decidi serem caros

demais para trazer muitos. Peguei um. Gostou?

— Você sabe que sim. Só não tenho certeza se estou com mais inveja do vestido ou do seu corpo. Você está tão magra. Meu Deus, o que eu não daria para vestir 38.

Jenna lançou-lhe um olhar malicioso.

— Meu Deus, o que eu não daria para ter três filhos. — Os olhos percorreram a sala lotada. — Onde estão?

— Por aí. Disse a Annie para olhar Wes e a Wes para olhar Nathan então os três devem estar correndo um atrás do outro. Suponho que alguém há de notar se um deles cair na piscina.

— São crianças maravilhosas — disse Jenna com sinceridade, embora ao percorrer a sala com os olhos buscasse outra pessoa e não elas.

— Ele ainda não chegou — comentou Caroline. — Ligou há pouco para avisar que caiu uma tempestade em Washington e precisou voltar a Pittsburgh para abastecer. Disse estar voando para Newport. Não duvido nada que aterrisse em nossa praia.

— Ele não faria isso!

O olhar de Carolina demonstrou que sim. Pensando melhor, Jenna não discutiu. Para qualquer pessoa — à exceção de Spencer Smith — aterrisar numa praia rochosa em Rhode Island seria suicídio. Mas Spencer tinha a capacidade de colocar a vida em perigo e sair ileso. Jenna o imaginou aterrisando o Cessna naquele pedaço estreito de areia, taxiando o avião e saindo da cabine com a maior tranquilidade.

Era um homem forte. Era um homem hábil. Era um homem com uma curiosidade inata: não tinha medo de fazer perguntas ou de enfrentar o desconhecido. Alguns, de pura inveja, consideravam-no tolo por arriscar-se daquele jeito. Mas Jenna lera seus livros e sabia que não era bem assim. Embora algumas das aventuras pudessem parecer levianas, nunca fazia nada sem pesar os prós e os contras e assegurar-se de que o vento soprava a seu favor. Nesse sentido, era extraordinariamente inteligente.

Inteligente. Competente. Forte. Curioso. Corajoso. Qualidades admiradas por Jenna; qualidades que, se pudesse, escolheria para o filho.

— Ele vai chegar — disse Caroline apertando-lhe a mão.

— Mas vai ficar tempo suficiente para podermos conversar? Preciso de privacidade. Não é o tipo de pergunta a ser feita enquanto um zilhão de pessoas escuta.

— Ele disse que vai ficar para o final de semana.

— Não é a primeira vez que diz isso e depois vai embora. Não consegue ficar parado no mesmo lugar.

— Quando está com a família, não consegue mesmo. Largue-o nas margens do Lago Ness e vai ficar parado, dias a fio, esperando pela aparição do monstro. Newport o deixa nervoso. Nós o deixamos nervoso. Ele está convencido de que a única coisa que queremos é colocar-lhe uma sela. — Caroline riu. — Como se fosse possível! — A segunda risada transformou-se num berro. — O que foi isso?

Jenna também tinha visto uma criança de 3 anos correndo no meio dos convidados.

— Parecia Nathan.

— Parecia um bolo de casamento — murmurou Caroline. — Eu mato ele. — Com um olhar assassino se foi.

Jenna a viu partir, sentindo ao mesmo tempo afeto e inveja. Deu um profundo suspiro. Spencer não estava ali. Ainda demoraria. Podia relaxar.

Durante as duas horas seguintes, não fez outra coisa. Gostava dos amigos dos Smiths. Aliás, vários pertenciam a seu círculo de amizade e socializar fazia parte de sua natureza. Como Caroline, fora criada no luxo. Os pais tinham bastante dinheiro e embora adorassem viajar, comer fora e doar dinheiro para ostentar seus nomes em alas de hospital, adoravam festas acima de tudo. Desde muito pequena, Jenna se lembrava deles dando festas ou participando delas. Para sobreviver, Jenna aprendera a conviver bem socialmente e embora nunca tivesse desenvolvido interesse por festividades barulhentas, como os pais, ficava totalmente à vontade. A chave do sucesso era sorrir, envolver-se em conversas amigáveis, ler as necessidades das outras pessoas e ouvir ou responder de acordo — sem levar nada muito a sério. Fofocas não lhe interessavam. Uma parte de seu ser permanecia distante disso tudo e, portanto, protegida.

Serviu-se dos canapés servidos em bandejas de prata, antecedendo um abundante bufê. Conversou e riu. Levantou a taça quando o marido de Caroline, representante do governo com ótima lábia, propôs um brinde aos sogros, mas não conseguiu deixar de pensar que esse papel cabia a Spencer. Mas ele não o faria. Nem se tivesse chegado a tempo. Apesar de aventureiro, era reservado. Embora convincente, fugia dos holofotes. Qualquer outro homem em seu lugar levaria uma equipe de filmagem nas viagens, mas ele se recusava a fazê-lo. Estava determinado a curtir a aventura. Se depois surgisse um livro, ótimo. Se o livro fosse transformado em filme, melhor ainda. Trabalharia nele como consultor técnico e ponto

final.

Ninguém sentiu falta do brinde de Spencer. Vários amigos e parentes se encarregaram dos discursos. Quando Spencer apareceu no meio da multidão, Jenna o viu de imediato. Ele chamava a atenção. Com 1,95m, era mais alto que a maioria das pessoas na sala, mas não era isso e sim sua aura. O conjunto: beleza, descontração e porte — exalava independência, personalidade e, embora não fosse desdém, uma falta de inclinação para joguinhos — além dos próprios.

Jenna não via Spencer há seis anos, mas ainda assim sentiu logo sua força. Era muito mais forte que qualquer coisa mostrada na contracapa do livro e a deixou imóvel por um momento. Não tinha certeza se poderia se aproximar. Ele era tão... tanto... E ela nunca tivera uma boa performance com homens, exceto em negócios.

Mas isso era negócio lembrou-se, e o pensamento acalmou-lhe o palpitante coração. Entretanto, não conseguia afastar os olhos e o viu avaliar o ambiente e se afastar. Esperaria até os discursos terminarem. Quando as pessoas retornassem aos assentos, ele ocuparia seu lugar na mesa dos pais.

E foi exatamente o que fez. Ouviu alguns comentários sobre sua chegada, mas ninguém ousou levantar um brinde ao sucesso de *Ouro Verde*. Só os mais próximos fizeram questão de parabenizar o autor. Os outros ficaram a distância, atitude bem mais prudente. Spencer nunca fora sociável. Os olhos azul-acinzentados eram legendários pela habilidade de afastar gente falsa.

Jenna também manteve distância, mas não por medo de ser afastada. Como amiga de Caroline, tinha imunidade. Spencer sempre havia sido educado com ela, até gentil, como era com a irmã. Apesar dos desentendimentos com os pais, Caroline era especial para ele. Nunca deixava de ligar no aniversário dela ou mandar um presente para as crianças nos aniversários. Jenna o respeitava por essas atitudes. Também achava que isso demonstrava uma faceta de seu temperamento pouco conhecida. Esperava estar certa.

Não, não foi por medo que Jenna não correu a seu encontro, mas sim com o propósito de uma aproximação cuidadosamente controlada. A missão era delicada. Queria maximizar as chances de sucesso, dizia a si mesma. Mas bem depois da orquestra ter começado a tocar e as pessoas ido para o salão, se manteve afastada. Entreteve-se conversando a uma razoável distância de Spencer. Levou Annie, Wes e Nathan até a praia ao ter certeza de que Spencer estava com os amigos no gazebo. Finalmente, concordou em dançar charleston com um velho amigo da família, mas

afastou-se da multidão e deixou o salão no instante em que a dança terminou. Quando o café foi servido e o bolo de casamento chegou à mesa — com várias rosas faltando por obra de pequeninos dedos — sabia que teria que tocar no assunto.

Era chegada a hora. Quando os convidados fossem embora e o ambiente se acalmasse, Spencer ofereceria menos resistência. Seria mais fácil abordar um Spencer com menos resistência do que um com as defesas em estado de alerta. Assim, ele estaria mais disposto a considerar sua proposta. Assim estaria mais propenso a aceitá-la.

Mas um Spencer com menos resistência não foi o que encontrou quando, com a festa ainda a todo vapor, sentiu uma mão dominadora no braço. Mal teve tempo de se virar quando com sua voz profunda, nada desafiante, Spencer perguntou à pessoa com quem conversava:

— Pode dispensar Jenna por um instante? Preciso de sua ajuda.

Sem esperar permissão, a mão grande segurou a sua conduzindo-a.

— Spencer? — murmurou.

Mas sua atenção estava concentrada em atravessar a multidão.

— Com licença — disse e foi se esgueirando entre os convidados. — Desculpe. Com licença. Obrigado.

Jenna não voltou a chamá-lo. Os maxilares contraídos demonstravam o estado de tensão. Não queria provocá-lo quando tinha um pedido tão delicado a fazer. Então o seguiu sabendo que ele acabaria por se explicar.

E foi o que aconteceu. Tão logo se afastaram do grupo de pessoas no gramado, disse:

— Me acompanhe. Preciso de ar.

Contente por ajudar, seguiu-o. De tempos em tempos, acelerava o passo para acompanhá-lo e quando chegaram à murada que separava o gramado da praia, o ritmo dos passos diminuiu.

— Pode andar na areia? — perguntou olhando-lhe os sapatos.

Usando o braço dele como apoio, ela tirou os sapatos amarelos de salto alto. Ele os enfiou nos bolsos do blazer antes que ela pudesse argumentar que isso poderia estragar o tecido. Em questão de segundos, tirou a gravata e a enfiou junto com um dos sapatos, demonstrando não estar nem aí.

— Você sabe o quanto me é penoso participar disso — brincou Jenna,

afastando o cabelo que a brisa do mar insistia em desarrumar.

Ele lançou-lhe um olhar ao mesmo tempo sombrio e indulgente.

— Você é amiga de Caroline. Vai me perdoar. — Pegando-lhe novamente a mão, conduziu-a até as escadas descendo até a praia, ao longo da estreita calçada, construída alguns anos antes, como uma concessão às pedras pontiagudas até o cais distante. Ele não parou até chegarem à extremidade. Tirando os sapatos — Jenna não ficou nem um pouco surpresa por ele não estar de meias — fez sinal para que se sentasse a seu lado.

Por um minuto pensou na saia de seda — mas só por um minuto. Uma saia — de seda ou outro material — não era nada comparado ao imenso favor a pedir. Uma saia não representava nada comparada ao futuro.

Não tinha certeza do motivo, mas ele continuou a segurar-lhe a mão. Como a sensação não era desagradável, deixou.

A maré estava baixa. Sacudiam as pernas a uns bons 2,5m, acima da água batendo suave nas pedras. À distância ouvia-se o ressoar abafado do sino de uma bóia de sinalização. Ambos os sons eram suaves, bem mais que a expressão de Spencer fitando o espaço buscando de onde vinha o som.

— Coisas assim me deixam nervoso — disse depois de um bom tempo.

— Festas?

— São tão exageradas.

— Mas dão prazer a seus pais.

— E isso justifica o excesso?

Com um suspiro, Jenna olhou a água. Não ia discutir com ele.

— Você acha que justifica? — insistiu.

Com suavidade respondeu:

— Não, pessoalmente não. Priorizo a moderação. Mas o que é certo para mim pode não ser para outra pessoa. Seus pais e os meus parecidos. Adoram a vida social e têm dinheiro. Se querem gastar numa festa, é opção deles. Desde que não venham dar palpite em minha vida, posso deixar que vivam as deles.

Spencer mudou sua mão, apoiada no pequeno espaço que os separava, para a coxa dele. Examinou os dedos incrivelmente brancos e finos entre as mãos compridas e bronzeadas dele.

— Não vou fugir — disse com suavidade.

Ele lhe lançou um olhar penetrante.

— Não tinha certeza disso. Você fez o possível para me evitar a noite inteira.

— A noite inteira? — Ela retirou um fio de cabelo da boca. — Você chegou quando a festa já estava na metade.

— Agradeço a Deus por isso. — Desabotoou outro botão — o terceiro — da camisa, encheu os pulmões com o ar salgado tão característico da região e expirou, colocando — pensou Jenna — um pouco da tensão para fora. A voz era mais profunda do que nunca, mas menos firme. — Já tenho problemas suficientes com meus pais. Ter que lidar com mais uns duzentos de seus amigos me deixa ansioso.

— Isso vindo de um homem que, em certa ocasião, manteve-se impassível esperando ser cozinhado e servido como jantar por um bando de canibais?

— Você tem lido demais — resmungou.

— Gosto de seus livros.

— Hollywood também. *Ouro Verde* foi escolhido para ser uma espécie de Indiana Jones.

— Fantástico!

— Não tenho tanta certeza. Isso tira um pouco de minha credibilidade. Caça a tesouros é coisa séria.

— Sei — disse Jenna com a devida gravidade. — Posso imaginar pelos seus livros.

Ele a fitou.

— Posso mesmo — repetiu.

— Humm. — Sem afastar o olhar, disse: — Caroline me disse que você queria conversar comigo.

O coração de Jenna bateu forte. Não queria que Caroline tivesse dito nada. Queria escolher o momento certo e não era esse. Se Spencer se sentira sufocado na festa, esse definitivamente não era o momento. Queria

que ele estivesse relaxado e aberto a sugestões quando ela o surpreendesse com o pedido.

— Posso esperar — disse, displicente.

— Caroline disse que era importante. Repetiu duas vezes.

— Não deveria.

— Não é importante?

— É, mas não é urgente. De qualquer forma, deveríamos voltar para a festa.

— Não quero voltar para a festa.

— Mas é a comemoração das bodas de ouro de seus pais. É uma data importante.

— Sei disso e os convidei para celebrar comigo em Key West, mas eles recusaram.

— Porque são festeiros. Queriam todo mundo com eles. — Foi vencida pela curiosidade. — O que está fazendo em Key West? — Ao vê-lo com os cabelos esvoaçando ao vento, a camisa aberta até o meio do peito e a cicatriz cortando-lhe a mandíbula, imediatamente pensou num pirata.

— Esperando que o tribunal de justiça decida se tenho o direito de explorar um local onde um galeão espanhol afundou no século XVIII.

Ela arregalou os olhos.

— Você encontrou um galeão?

Ele fez que sim.

— Um de meus mergulhadores, o primeiro a localizar o navio afundado, montou a própria equipe de salvamento e alega ser dono dos direitos de exploração. Nenhum de nós pode tocar na embarcação até sair o veredicto e o tribunal é um bocado lento. Em umas seis semanas começa a temporada de ciclones. Ninguém vai poder explorar nada até o final do outono.

Ela segurou o cabelo esvoaçante com a mão livre.

— Tem ouro no barco?

— Se o barco for o que imagino e se minha pesquisa estiver correta, tem sim. Também deve ter uma fortuna em artefatos a bordo.

— Perfeitamente preservados? — perguntou. Ela sempre ficava abismada com o fato de objetos poderem emergir intactos do oceano após centenas de anos. Parecia incrível, o que era irônico levando-se em conta o tumulto de um naufrágio.

— Alguns estarão preservados. Outros precisarão ser restaurados.

— Esse vai ser o tema do próximo livro?

— Se o tribunal me for favorável. Senão, perderei uma aventura.

— Vai encontrar outra. Sempre encontra. Como consegue?

— Tenho amigos em locais estranhos. Eles me dão as dicas.

— Uma rede de informantes — disse, sorrindo com o termo que nunca antes julgara aplicável à caça ao tesouro.

— Suponho que sim. — Spencer colocou a mão dela em sua coxa e a prendeu. — O que queria me perguntar?

— Depois. — Jenna podia sentir o calor, a musculatura da coxa e tentou tirar a mão, mas ele não permitiu.

— Posso não estar mais aqui depois.

— Ah, Spencer, você disse a Caroline que ficaria até amanhã. — Novamente tentou soltar a mão, dessa vez o gesto demonstrando sua decepção, mas ele a segurou rápido.

— Isso foi antes de eu vir.

— Você chegou há apenas duas horas.

— E já estou sufocando.

— Puxa vida! — exclamou sem conseguir evitar, pois se ele já estava se sentindo sufocar, a última coisa que podia fazer era começar uma discussão tão delicada quanto a que tinha em mente.

— Melhor aproveitar a chance — avisou.

— Não é melhor esperar o final da festa? O ambiente estará mais calmo.

Ele olhou à volta.

— O ambiente já está calmo.

Ela deixou a mão livre cair no colo. O vento formou um véu de ondas aleatórias com os cabelos para protegê-la do seu olhar. Quando deu por si,

Spencer estava puxando os longos cachos para trás da sua orelha e prendendo-os com o que ela suspeitou ser a gravata. Não tendo mais onde se esconder, levantou o olhar. Os olhos dele eram muito azuis e penetrantes.

— Vá em frente! — disse ele voltando a segurar-lhe a mão. — Estou esperando.

O coração de Jenna deu um pulo. Não é a hora certa. O local também não é apropriado. Ele vai achar que sou louca. Vai dizer "não".

Mas os olhos dele não se moveram. Eles a prendiam; embora tentasse, não conseguia afastar o olhar. A voz dele também não ajudava. Era profunda e rica, em parte autoritária, em parte convidativa.

— Diga agora, Jenna. O que você quer?

— Um filho! — gritou. — Quero um filho!

Capítulo Dois

NÃO TINHA sido sua intenção despejar o que sentia dessa forma, mas ao ouvir as palavras, soube que não havia como retroceder. Não podia titubear. Não podia demonstrar hesitação. Se quisesse contar com a cooperação de Spencer, tinha que apresentar seu caso com propriedade.

Para isso, aprumou-se, baixou a voz e disse com calma e um toque de orgulho:

— Quero um filho. Já queria, mas de repente estou com 35 anos e o tempo está passando. O problema... é óbvio!... é não ter marido e não querer um — apressou-se em dizer, antes de Spencer imaginar que ela o queria assumindo o papel. — Sou solteira por opção. Não posso me casar apenas para ter um filho. Isso seria um absoluto desastre.

Spencer parecia estarrecido, algo que ela nunca presenciara antes. Teria rido diante da expressão abismada de seu rosto, se a situação não fosse tão séria. Retirando lentamente a mão, colocou-a no colo, limpou a garganta e prosseguiu:

— Tenho pensado nisso há muito tempo. Examinei a situação sob todos os ângulos. Examinei todas as possibilidades...

Spencer a interrompeu, o tom de voz tão confuso quanto a expressão. Parecia sem ação:

— Você quer minha ajuda para encontrar um bebê? Sei que está na moda adotar crianças estrangeiras, mas caramba, Jenna, essa não é a minha. É verdade que viajo muito para o exterior, mas não há muitos bebês nos lugares por onde circulo.

— Não é isso que quero.

Ele franziu a testa.

— Então o que é?

Ela tinha ensaiado o discurso tantas vezes que o conhecia de cor. As interrupções de Spencer podiam alterar a ordem das palavras, mas estava determinada a dizer tudo.

— A adoção é fantástica para pessoas que não podem ter filhos, mas não é o meu caso. Sou perfeitamente saudável. Consulte um médico: afirmou que não terei problemas em engravidar.

— Ele se ofereceu para ajudá-la?

— Isso mesmo — disse, pensando em termos médicos até o olhar malicioso de Spencer paralisá-la. — Não nesse sentido. Ele está disposto a me ajudar fazendo a inseminação artificial, sob meu ponto de vista, uma solução viável para o problema.

— Inseminação artificial?

— Você sabe, quando...

— Eu sei o que é. Só não posso acreditar que queira se submeter a isso. Na verdade, não posso acreditar que esteja enfrentando este problema. Deve haver dúzias de homens dispostos a se casar com você.

— Eu sei — reconheceu, mantendo o rosto erguido.

— Mas?

— Já disse: casar apenas para ter um filho é absurdo. Eu me casaria por amor, mas já que o amor ainda não pintou...

— Você não namora?

— De vez em quando.

— E nunca se sentiu envolvida o suficiente com nenhum dos caras a ponto de pensarem em ter um filho?

— Nenhum deles se encaixava nos padrões exigidos para ser pai do meu filho.

— Ei, estamos falando de genes privilegiados?

— Privilegiados? — Desviou o olhar. — Suponho que sim. Seria uma tola se não pensasse a respeito. Qual mulher não gostaria de ter como pai de seu filho alguém brilhante, bonito, saudável, alto e atlético?

— Entendi a mensagem — cortou-a Spencer seco.

— Humm. — Ela recuperou o fôlego e se recompôs. Afastando o olhar em direção ao som vindo do mar, bem mais confortante que o olhar acusador de Spencer, afirmou: — Quero o melhor para meu bebê. As crianças de hoje já enfrentam muitos problemas para ainda ter que me preocupar com deficiências congênitas. Andei pesquisando um banco de esperma.

— Um banco de esperma.

Ela manteve o olhar na água.

— Na teoria, poderia encontrar um doador reunindo todos... ou quase todos... os traços que busco para minha criança.

— Um banco de esperma — repetiu Spencer em voz monótona, o que a fez girar a cabeça.

— Sei que acha a idéia ridícula. Caroline já tinha me avisado, mas o fato é que isso é comum. Há um número crescente de mulheres na minha situação querendo bebês, mas que, por uma razão ou outra, não têm um pai para o filho. Essa é uma das finalidades dos bancos de esperma. Por isso a inseminação artificial evoluiu de ciência para arte.

Ele olhou como se tivesse vontade de rir, mas se controlasse.

— Inseminação artificial é perfeito. Assim como os bancos de esperma, mas continuo sem saber por que planeja fazer uso deles. Pensando bem, não posso imaginar por que não se casou. Você é bonita, inteligente e rica.

— Certo — disse lentamente. — Sou rica, o que significa que alguns homens poderiam se casar comigo apenas por interesse. Muitos já disseram me amar quando na verdade amavam meu dinheiro.

— Mas nem todos são assim. Alguns devem ter sido sinceros. Você é uma boa pessoa, Jenna. É bom olhar para você, conversar com você. Se eu ficasse por aqui tempo suficiente, podia me apaixonar por você.

Ela levou o cumprimento na brincadeira.

— Mas você não fica no mesmo lugar por muito tempo, motivo pelo qual você é perfeito.

Ele ficou pálido. Por um instante, os únicos sons eram o da água nas pedras, o tinido do sino da bóia de sinalização e o grito de uma gaivota. Ele pediu:

— Repita, por favor. Perdi o fio da meada.

Embaraçada por ter soltado a língua antes do tempo, Jenna resmungou:

— Claro, você vive me interrompendo. Pode me deixar dar um passo de cada vez, Spencer? Pode me deixar explicar?

— Está bem. — Ele se espreguiçou. — Explique.

De súbito, ele parecia tão mais alto, sentado a seu lado, que ela se sentiu tola, insegura e presunçosa. Estava segura de que Spencer não faria o que ela queria. Tinha a própria vida. Se quisesse ter um filho, já teria

encontrado um jeito de providenciar um. Ele era esperto.

Esperteza. Outro traço que admirava. Outro traço que gostaria para um filho seu.

Tomando coragem a partir desse pensamento, prosseguiu:

— Me sinto totalmente à vontade diante da idéia de inseminação artificial. Algumas mulheres se encarregam elas mesmas da inseminação...

— Como?

— Com uma seringa. Posso continuar?

— Continue.

— Decidi fazer o procedimento com um médico porque as chances de sucesso são maiores. O problema é não me sentir confortável com a idéia de ir a um banco de esperma. Não confio em números nas listas e não me importa o quão seguras sejam, ainda assim ficaria com medo de pegar o doador errado. Ou então do doador ter mentido e não possuir metade das qualidades das quais se vangloria.

— Você está procurando um Einstein?

— Spencer, por favor.

— Desculpe. Prossiga.

— Estou procurando o melhor que posso conseguir, mas há certas informações que o banco de esperma não fornece. Eles procuram doenças sexualmente transmissíveis, mas não têm como saber se uma doença foi contraída entre a seleção e a doação. Pesquisam traços físicos e anormalidades genéticas, mas não traços de personalidade. Não dizem a você como são os pais, avós ou irmãos do doador e julgo essa informação imprescindível. Além disso, o esperma fica normalmente congelado, mas certa porcentagem é perdida no processo. Por esse motivo, esperma fresco é melhor.

Spencer a observava com um jeito de deixá-la contorcer-se em agonia se não estivesse determinada a parecer confiante. Tinha a sensação de que ele percebia o rumo da conversa. Tinha o raciocínio rápido — outra característica altamente apreciada. Então se apressou.

— Quero fazer inseminação artificial, mas não quero usar os serviços de um banco de esperma. A outra opção é encontrar alguém para doar o esperma, mas a maioria dos homens conhecidos não se ajusta aos requisitos. Alguns iam querer se casar e eu não quero isso. Alguns iam querer participar da criação da criança e tampouco quero isso. Alguns iam

exigir direito à visitação, mas estremeço são de pensar no meu filho convivendo com avós estranhos. Não consigo imaginar nenhum homem por aqui cuja família eu respeite o suficiente para me sentir confortável com a idéia. Exceto você.

Spencer a encarou. Depois de um minuto, disse:

— Continue.

— Quero seu esperma.

Ele a olhou fixamente.

— Você está brincando.

Ela sacudiu a cabeça.

— Estou falando sério — disse baixinho. Poupava o resto, esperando pela reação dele.

— Você quer meu esperma. — Era mais um eco do que uma pergunta. Ela estava segura de ter percebido descrença... melhor que horror ou repulsa. — E pode me dizer como pensa em obter meu esperma?

Ela havia dedicado atenção redobrada a essa parte do discurso. Não queria ofender um homem obviamente viril como Spencer Smith. Tentando ser o mais didática possível, explicou:

— Meu médico tem um método de procedimento. Eu vou acompanhar a minha temperatura para determinar a hora exata da ovulação. Quando chegar essa hora, você irá ao consultório, receberá um recipiente limpo... e terá sua privacidade numa sala particular. Quando tiver terminado, você entrega a amostra e sai.

— Eu... — Ele fez um gesto com a mão ao mesmo tempo obsceno e preciso.

Ela recusou-se a ficar ruborizada.

— Isso mesmo.

Sua expressão ficou sombria. — Eu entro em minha salinha, fecho minha portinha, faço minhas fantasiinhas e...

— Spencer, não vai ser assim tão ruim.

— Não. Vai ser horrível.

— Homens colhem amostras de esperma todo o tempo. Lembra-se do filme *Os Eleitos*?

— Isso não é cinema. É a vida real.

— E acontece o tempo todo na vida real. Doadores de esperma fazem isso. Assim como homens fazem testes de fertilidade.

— Assim como pervertidos, gays e caras incapazes de pegar uma mulher, mas não me encaixo em nenhum desses perfis. — Ele fez uma pausa. Quando os olhos azuis encontraram os seus dessa vez, sentiu uma corrente elétrica percorrendo-a até os dedos dos pés. — Por que eu, Jenna?

Ela deu um suspiro. Essa era a parte fácil e não apenas porque ele precisava ficar satisfeito com o que dissesse. Mas porque acreditava em cada palavra, o que significava poder expor o argumento usando o coração e a alma. Virando-se para o lado, para olhá-lo de frente, ela disse:

— Porque você é o homem certo em termos físicos. É alto e bonito. É inteligente, bem estruturado e saudável. Tem todos os traços que eu buscaria num doador de um banco de esperma, só que com você eu estaria ciente de todos os detalhes. Conheço seus pais e os adoro. Conheço sua irmã e a adoro. Sei que não há nenhum defeito genético no sangue da família. Conheço seu temperamento forte, mas é perfeitamente são e racional e mesmo não concordando com a maneira como lida com seus pais, admiro sua determinação e consistência e quando se trata de senso de aventura você ganha disparado de qualquer um... — Ela parou apenas porque ficou sem fôlego. Assim que voltou a encher os pulmões, continuou: — Você não entende, Spencer? Tudo se encaixa perfeitamente. Eu não quero um marido e você não quer se casar. Não quero um homem por perto e você nunca está aqui. Você não quer bancar o pai e eu não quero dividir meu filho. Ambos somos ricos, então nenhum de nós vai tirar vantagem do outro. Pense nisso. Isso poderia resolver seu problema também.

— Que problema?

— Seus pais. Eles estão loucos por outro neto, um filho seu desta vez. — Ela os conhecia bem. — Não venha me dizer que não mencionaram isso no curto espaço de tempo passado com eles hoje. — A expressão do rosto dele foi mais que uma confissão. Ela aproveitou a vantagem. — Eles deixam você louco pressionando-o para se casar e ter filhos, mas você não quer saber nem de uma coisa nem de outra. Não quer se amarrar. Assim, poderia unir o útil ao agradável. Podia ter o filho, seus pais ficariam felizes e você não precisaria abrir mão da liberdade.

Spencer encarou-a mais um minuto antes de passar a mão pelos cabelos. Pouco depois, o vento voltou a despenteá-los. Em seguida ele se levantou.

— Onde você está indo? — gritou. Havia mais coisas a dizer. Ela

também se levantou.

— Preciso me mexer.

Determinada, ela seguiu-o.

— Você não recusou. Está considerando a proposta?

— Estou tentando decidir se deveria. — Ele caminhou a passos largos pelo cais com um mocassim em cada uma das mãos. — É tão estranho o pedido.

— Não é estranho. Apenas pouco usual.

— Mais de um homem a consideraria maluca.

— Mas não você, porque me conhece. — Ela deu início à outra parte do argumento: — E isso é positivo. Sim, eu sei que você não quer ter um filho e também sei que, se quisesse, seria perfeitamente capaz de escolher a mãe, mas eu serei uma mãe melhor do que a maioria, Spencer. Você não correria perigo, se levar em conta o lado físico. Tenho o cabelo bonito, uma boa pele e uma boa estrutura.

— Você é muito baixa.

— Tenho 1,65m, não sou muito baixa.

— É quase trinta centímetros menor do que eu.

— Mas é uma boa altura para uma mulher. Você se importaria de ter uma filha mignon?

— E que tal um filho mignon? — retrucou enquanto deixava o cais e chegava à praia.

— Um filho herdaria sua altura. — Ela precisou acelerar o passo para acompanhá-lo, mas as pedrinhas pontiagudas diminuía-lhe a velocidade. — O único motivo pelo qual minha altura seria um problema é se fôssemos amantes de verdade, mas não somos. Tudo seria feito no consultório do médico. — Ela precisou parar, pois machucou o pé; apressou-se para alcançá-lo. — Não tenho deformações físicas, nem meus ancestrais nas últimas três gerações. Se o avião de meus pais não tivesse caído, viveriam até os 80, como meus avós. — A distância entre eles aumentava. Levantou a voz para ser ouvida. — Minha visão é perfeita, minha audição é perfeita, posso cantar, dançar e joguei vôlei e tênis no colégio.

— Eu vi você dançar — gritou Spencer.

Ela deu dois passos e tropeçou no terceiro. — Isso é o que estou

tentando dizer. Sou atlética!

— Então por que não consegue me seguir agora?

Parando, berrou:

— Porque posso ser atlética, mas a sola dos meus pés não é feita de couro! Nunca treinei andar em cima de pregos como você! Você está com os meus sapatos, Spencer!

Movendo a cabeça de cabelos escuros um centímetro, ele gritou:

— Ótimo! Então você não vai longe até eu voltar!

Jenna olhou-o exasperada, mas isso só aumentou a admiração que sentia ao vê-lo caminhar. Ele era uma figura deslumbrante. As pernas eram compridas, magras, mas fortes. Movia-se com graça masculina, parecia um felino. Ela o viu parar e fitar a água. Abaixou a cabeça, perdido nos pensamentos. Virou-se para fitá-la.

Por bastante tempo ela sustentou o olhar, sentindo-lhe a força mesmo através de alguns metros de distância. Precisando de uma trégua, voltou ao cais para esperar. Ele foi ao seu encontro vários minutos depois, mas, antes de poder dizer uma palavra, ela concluiu sua argumentação. Embora sua voz estivesse baixa, não perdera a convicção.

— Há outros motivos, caso precisasse ter um filho. Eu seria a mãe perfeita. Sou inteligente, e a criança poderia puxar ao pai ou à mãe. Sou paciente, generosa e equilibrada.

— Você também é presidente de uma empresa. Caramba! Como conseguiria cuidar de uma criança com tanto trabalho? Vai deixar a pobre criança com uma babá o dia inteiro?

Jenna ficou ofendida e o demonstrou.

— Nem pensar. Não pretendo ter um filho apenas para incluí-lo em meu currículo. Vou ter um filho porque quero ser mãe e posso fazê-lo justamente porque sou presidente de uma grande corporação. Tenho uma equipe de apoio capaz de se encarregar do dia-a-dia dos negócios e já tenho um escritório montado em casa com telefones e fax. Se quiser trabalhar, posso fazê-lo enquanto o bebê dorme. Se não quiser, não preciso trabalhar. Quanto a isso, se tiver vontade de colocar um berço na McCue, eu posso. Sou a dona; posso fazer o que quiser. Não pretendo contratar uma babá, pois não vou precisar de uma. Vou contratar babás de vez em quando, porque vou querer participar de reuniões importantes e também por achar saudável para mim e para o bebê. Mas sou eu quem vai cuidar do bebê. Eu e mais ninguém.

Fixando os olhos nos dele, ofereceu o que julgava ser o mais poderoso dos argumentos.

— Vou ser uma mãe maravilhosa porque quero muito esse bebê. Não sou uma adolescente querendo satisfazer um capricho. Sou uma mulher madura; pensei em cada detalhe. Posso ter este filho. Posso oferecer-lhe uma vida tranqüila sob todos os pontos de vista. E posso lidar com o fato de ser mãe solteira. Pode não ser fácil, mas nada que valha realmente a pena é. O importante é que eu quero esse bebê.

Ele tocou-lhe o ombro para fazê-la mover-se na direção das escadas que conduziam ao gramado, mas dessa vez num passo confortável. Jenna ousou ter esperanças de que ele começava a ver mérito em seu plano.

— Entendo que discutiu o assunto com Caroline.

— Não tenho família e ela é minha melhor amiga. Ela sabe, há anos, o quanto quero um filho. Quando comecei a considerar a inseminação artificial, discuti o assunto com ela. Depois, quando me ocorreu que você seria o doador ideal, conversei com ela a respeito. Ela concordou que é perfeita.

— Óbvio. Meus pais têm conhecimento dessa história?

— Ah, claro que não! Não vou dizer nada a eles. Não depende deles a decisão. Só de nós dois. — Ela levantou o olhar. O perfil era marcado, mais ainda devido à expressão pensativa. — Meus argumentos são fortes, Spencer. Eu sei que são.

— E é só isso. Deixam de lado por completo vários assuntos pertinentes.

— Por exemplo... — Estava convencida de ter coberto cada detalhe. Nos últimos meses, não pensara em nada a não ser nisso.

— As considerações morais no que me diz respeito. Não estou planejando ter um filho, mas se concordasse em ajudá-la teria uma criança, sangue do meu sangue, neste mundo. Muito elegante de sua parte dizer não me querer por perto, mas você não acha que eu ia querer saber da criança? Não acha que me sentiria de certa forma responsável por ela?

— Estou liberando você de toda responsabilidade. Providenciarei documentos neste sentido, se quiser.

— Você não está entendendo a questão. A questão sou eu. — Bateu no peito com a lateral do mocassim — O que sinto. Não sou de pedra. Um dos motivos para não querer filhos é não ter o perfil adequado para ser pai. Meu trabalho me leva a correr o mundo. Nunca estou num lugar por mais

de alguns meses. Vou para onde quero, quando quero e gosto dessa vida. Se tiver filhos, me sentirei culpado agindo assim.

— Mas não há motivo para se sentir culpado. As regras seriam diferentes. Você poderia fazer a sua parte e depois esquecer o assunto.

— Jenna, pode parar! — exclamou, acelerando o passo. — E o que me diz de doenças? E se a criança ficar doente? Acha que não vou sentir nada? E se — Deus me livre! — ela precisar de um transplante? Você acha que eu posso ignorar? E além do mais há a questão prática de engravidar você, para começo de conversa! Seu médico pode ter um procedimento geral para isso, mas, de acordo com o que você diz, o tal procedimento exige minha presença aqui na hora em que estiver ovulando. Correto?

— Correto — respondeu, tentando acompanhar o raciocínio.

— Bem, e se eu não estiver? Você quer esperma fresco, mas e se eu estiver do outro lado do mundo?

— A Flórida não é do outro lado do mundo. Você disse que ficaria em Key West por um tempo.

Ele parou e olhou-a de cara feia.

— Você planejou tudo? Deixou deliberadamente que eu lhe contasse meus planos para fortalecer seu argumento?

— Não, eu...

— Seu argumento não está fortalecido mesmo. — Saiu andando. — Eu teria que estar aqui para doar esperma fresco no exato momento da ovulação, ou seja, largar todos meus afazeres para sentar numa salinha e ficar assobiando feliz da vida. E o que vai acontecer se não funcionar? Se não engravidar da primeira vez? Os procedimentos padrões do seu médico garantem os resultados?

— Claro que não! — afirmou Jenna, subindo os degraus para o gramado do jardim ligeiramente atrás dele. — Pode demorar um pouco.

— Um pouco? Dois meses? Três? Quatro?

— Talvez.

— E supostamente eu devo voar para cá a cada vez e fazer minha coisinha?

— Estou pedindo um favor, Spencer. Um favor.

— Ei vocês! — gritou Caroline, cruzando o gramado ao mesmo tempo

em que eles subiam as escadas. — Estávamos começando a achar que tinham se afogado.

Spencer emitiu um som de deboche, mas não se desvencilhou da irmã quando ela passou-lhe o braço pela cintura. O que não significava que ela estivesse a salvo de sua fúria. Irritado, disse:

— Você achou realmente que eu ia entrar nessa?

Caroline lançou um olhar preocupado para Jenna.

— Ele ficou maluco?

— Maluco não — murmurou Jenna. — Só precisa de uns argumentos extras para convencê-lo.

Unindo-se imediatamente à causa, Caroline disse a Spencer:

— Acho uma idéia maravilhosa. Mamãe e papai querem um neto e eu quero um sobrinho. Sinto saudades suas quando está longe e você está longe o tempo todo. Se eu tiver um pequenino Spencer para brincar de tia, ficarei no paraíso. Se minha melhor amiga for a mãe de meu sobrinho ou sobrinha, aí então estarei no sétimo céu.

— Sei. E você acha que nossos pais vão aceitar a situação? Vão exigir que eu me case com Jenna e dê meu nome ao bebê.

— Fora de cogitação! — exclamou Jenna com tanta ênfase que os dois pares de olhos dos Smiths foram em sua direção. Ela olhou para Spencer. — Para começar, eu disse que não queria me casar e não estava brincando. Não estou buscando marido, não estou buscando sogros, não estou buscando uma tia ou avós para minha criança. Não estou buscando dinheiro e não estou buscando um nome. Meu filho será um McCue. Então, por mais que goste deles, se seus pais começarem a pressionar, vou brigar com eles com mais empenho que você.

— Vai mesmo? — perguntou Caroline desapontada.

— Eu disse a você que sim, Caroline. Desde o começo, desde a primeira vez que toquei no assunto com você, deixei claras as regras do jogo. Eu não... quero... me... casar. Tudo que quero é um bebê.

— O que nos traz de volta ao que tentava explicar — disse Spencer. — E se você não engravidar logo? Não posso vir aqui mês após mês para encher potinhos de...

Caroline interrompeu-o.

— Ei, acho que ouvi Annie me chamar. —Afastando-se de Spencer,

reclinou-se em direção a Jenna: — Adorei a faixa do seu cabelo. Tem um ar de Milão. Um acessório do Armani, talvez? — Com uma piscada de olho, sumiu.

Jenna soltou a gravata e devolveu-a a Spencer.

— O vento não está tão forte por aqui. Obrigada.

— Você não devia ter tirado. Parecia audacioso. Mas — os olhos encontraram os seus — você não faz o tipo audacioso. Você é comportada, conservadora e arrumada. Não consigo imaginar você tendo um filho fora do casamento.

— Que coisa mais fora de moda.

— Descreve o que você está fazendo.

— Muitas mulheres estão fazendo isso.

— Mulheres em cargos importantes como o seu?

— Algumas.

— É muita ousadia.

Ela não piscou.

— Tudo bem, então sou ousada.

— Jamais pensaria isso a seu respeito.

— A maioria das pessoas também não, mas não dou a mínima. Quero uma criança. Estou disposta a ser ousada para consegui-la. Você vai ajudar?

Ele fez uma careta.

— Caramba, Jenna. Você não faz idéia do que está pedindo.

— Faço sim. Eu...

Foi interrompida pelo pai de Spencer acenando ao cruzar o jardim em direção ao filho.

— Venha falar com os Watsons, Spence. Eles passaram a noite perguntando por você e vão embora daqui a pouco. — Passou o braço no ombro do filho. Os dois eram da mesma altura. Spencer herdara os olhos do pai, mas o azul dos olhos, bem como os cabelos de Joe, tinham clareado com a idade. — Não estavam aqui na última vez que você veio para casa e podem não estar na próxima. Que tal?

— Claro — respondeu Spencer.

Jenna lançou-lhe um olhar que dizia:

"Covarde."

Ele a olhou com uma pose deliberada.

— Quer vir encontrar os Watsons comigo?

Jenna já os havia encontrado antes, o que era mais do que o suficiente. De idade bem avançada, eram surdos. Conversar com eles era um exercício de futilidade. O máximo que se podia fazer era sorrir, balançar a cabeça e rir em resposta ao que quer que resolvessem dizer. Como a maior parte do que resolviam dizer era baseada na distorcida percepção do que o resto do mundo tinha a dizer, o encontro era quase sempre chato. Jenna já podia imaginá-los vendo-a com Spencer e tirando uma conclusão indesejada. Pior ainda, podia imaginá-los espalhando o que pensavam na voz alta que lhes era característica.

— Obrigada — disse com um sorriso doce —, mas acho que vou pentear o cabelo.

— Encontre-se conosco quando terminar — disse o mais velho dos Smiths. — Você e Spencer fazem um casal tão bonito.

Apreensiva, Jenna virou-se, mas não o suficiente para perder o olhar raivoso lançado por Spencer. Mal tinha dado dois passos até perceber que ele ainda estava com seus sapatos. Quando se virou, ele os tirava dos bolsos. Afastou-se do pai ligeiramente para entregá-los.

— Ele percebeu alguma coisa — murmurou Spencer.

— Não sei.

— Será que Caroline falou?

— Ela prometeu não fazê-lo.

— Se ele começar a me pressionar, vou me mandar.

— Se ele começar a pressionar, diga para cuidar da própria vida.

Spencer devolveu-lhe os sapatos e foi ao encontro do pai. Jenna foi para a casa, e quando chegou ao andar de cima, dirigindo-se para a privacidade do banheiro, ao lado do quarto ocupado por Carolina quando criança, pôs a mão no coração, fechou os olhos e se perguntou qual a verdadeira situação. Ele não tinha dito que sim. Ele não tinha dito que não. Desceu a mão para a barriga, afagando-a. Ah! Como queria um filho. O

desejo a consumia com um arrepio de expectativa e um toque de excitação. Imaginou a barriga, o embrião se formando, tomando formas vagamente humanas; visualizou o embrião evoluindo para um feto. Os seios pareciam inchar, o coração, explodir, quando imaginou o feto quase pronto para nascer.

Se precisasse, usaria o banco de esperma. Mas o calor dentro de si atingiu um brilho especial diante da idéia do filho ser de Spencer.

Capítulo Três

Às DUAS da manhã, o telefone de Jenna tocou. Embora não estivesse dormindo, o som no silêncio da noite era inquietante. O coração batia forte enquanto afastava as revistas espalhadas na cama e pegava o telefone.

— Alô!

— Acordei você?

A voz baixa era máscula e especial e não colaborou em nada para acalmar-lhe o nervosismo. Apertou o peito com uma das mãos.

— Não. Estava lendo. — Depois de uma breve hesitação, perguntou: — Onde você está?

— Em Newport. Em casa.

Jenna estava em casa, do outro lado do rio Seekonk, em Little Compton.

— Imaginamos que você voltaria para a Flórida. — Essa seria a atitude típica de Spencer. — Fiquei em Newport com a leve esperança de que você não viajaria e viria conversar comigo. Quando todo mundo foi para a cama, não tive outra alternativa a não ser ir embora. — Ela não queria dar aos pais dele o menor motivo para especularem sobre algo acontecendo entre ela e Spencer.

— Fui visitar um amigo. Não o via há anos. Alguém na festa comentou que ele estava doente. Ficamos conversando até agora.

— Você não me deve explicações.

— Eu sei, mas quero dar. Não sou um cara sem coração. Percebi o quanto seu pedido significa para você. Não iria embora sem lhe dar uma resposta.

Jenna prendeu a respiração.

— O problema — prosseguiu ele — é que não sei ainda que tipo de resposta lhe dar.

Ela ficou cheia de esperança.

— Então está considerando a proposta?

— Não a sério. Ainda acho a história toda absurda.

Ela pensou em algumas das histórias que chegavam há anos em Rhode Island de onde quer que Spencer estivesse.

— Você faz coisas absurdas todo o tempo.

— Eu faço coisas ousadas todo o tempo — corrigiu-a. — E só as faço após ter pesquisado o assunto de cabo a rabo.

Ele não tinha dito não. Ele não tinha dito não.

— Eu pesquisei o assunto de cabo a rabo — comentou ela. — Pode me perguntar o que quiser. Vamos, vá em frente. Vou responder a todas as perguntas.

— Quero saber mais sobre você e sobre o motivo de levá-la a querer fazer isso.

— Quero um bebê. É simples.

— Mas *por que* você quer um bebê?

Jenna não sabia o que dizer. Achava a resposta óbvia.

Spencer deve ter interpretado seu silêncio como uma crítica à pergunta, porque disse:

— Tenho o direito de saber. Afinal, você está sugerindo ser a mãe de meu filho e dizendo que será responsável pela criação do bebê. Então uma vez que doar meu esperma seria o começo e o final de meu papel neste empreendimento, o seu seria bem mais abrangente. Se ser mãe virou uma obsessão para você, a criança vai sofrer. Eu não gostaria de fazer parte da concepção de uma criança criada por uma mulher obsessiva.

— Não sou obsessiva. Nunca fui obsessiva. Talvez tenha muita força de vontade. Talvez seja teimosa, determinada, dedicada. Mas obsessiva jamais.

— Me diga por que quer um filho.

Ela recostou-se na cabeceira da cama, ajeitando os travesseiros para ficar mais confortável. Puxou o edredom branco até a cintura e o lençol branco um pouco mais acima. Ajeitou o telefone na orelha.

— E então?

— Estou organizando meus pensamentos. Venho desejando uma criança há tanto tempo e há tantos motivos envolvidos... Você está confortavelmente instalado? A explicação pode ser um pouco longa.

— A organização?

— A explicação.

— Você está no escritório? — Ela visualizou o aposento. Era no andar térreo da casa dos Smiths, todo forrado de mogno. Quadros grandes e pesados pendurados na parede entre livros e aparelhos eletrônicos. Era um aposento sóbrio, masculino. Podia imaginar Spencer lá.

— Estou em meu quarto.

Isso era uma história completamente diferente. Tinha mais dificuldades em visualizá-lo ali. O quarto não tinha sido modificado desde a formatura, ostentando flâmulas nas paredes e troféus nas prateleiras. Era um quarto de garoto, mas Spencer já deixara a juventude há tempos. Tinha 41 anos, uma cicatriz severa para atestar os perigos enfrentados e um corpo maduro e majestoso.

— Nenhum comentário? — perguntou ele.

— Não.

— Quer saber como estou vestido?

— Não.

— Ainda bem, porque seria difícil dar uma resposta respeitável.

Ele a estava testando, só podia ser. Estava tentando descobrir se ela era cheia de pudores, o que contaria se tivesse um filho.

— Você não está vestindo nada? — perguntou indiferente. — Não está com frio? — Ela não estava. Pensar em Spencer deitado nu na cama a deixou acalorada e o pensamento parecia não abandoná-la.

— Você está com frio? — perguntou ele numa voz baixa e aveludada.

— Estou vestida.

— Às duas da manhã?

— De camisola. Sempre sinto frio.

— Precisa de um homem que a aqueça.

O comentário era muito machista. Poderia sentir-se ofendida se não estivesse tão segura de seus sentimentos.

— Tenho um edredom de penas de ganso. Vou me cobrir quando sentir frio e me livrar dele quando o frio passar. Jogo minha roupa lavada em cima dele, empilho meus livros nele e sou conhecida por pisoteá-lo quando estou limpando a poeira do ventilador de teto. Ele suporta

qualquer abuso e nunca reclama. É mais indulgente e menos exigente do que qualquer homem seria.

Spencer ficou calado por um instante. Quando voltou a falar, o tom de voz era sério.

— Um bebê pode vomitar em seu edredom. Pode deixá-la acordada a noite toda se tiver febre, fazer com que passe horas, no dia seguinte, na sala de espera de um consultório médico. Pode chorar toda vez que você tentar colocá-lo no berço. Como vai se sentir?

— Mal, se o bebê estiver doente. Desorientada, se não houver nada a fazer a não ser esperar que passe o mal-estar. Certamente mais do que inclinada a pegar o pobrezinho no colo se esse for o único alívio que ele puder obter.

— Mas por que deseja isso? — perguntou, retornando à pergunta original. — Você tem uma vida perfeitamente organizada. Um bebê vai destruir a ordem em poucos dias e ela não vai ser restaurada por 18 longos anos. Já pensou nisso?

— Já.

— E mesmo assim ainda está a fim?

— Estou.

— Por quê?

Ele parecia não encontrar uma pista, absolutamente desconcertado sobre o motivo pelo qual ela queria um filho, mesmo sabendo o tumulto em que se transformaria sua vida. Ele a estava desafiando, exigindo uma explicação que fosse capaz de entender. Ela percebeu que, ao mesmo tempo, ele procurava motivos para ter um filho.

Depois de uma pausa, menor dessa vez, ela respondeu:

— Acho que a melhor forma de explicar é começar cronologicamente. — Seu olhar repousou no retrato exposto na penteadeira. Os rostos sorridentes tocaram-lhe o coração. — Faz oito anos que o avião de meus pais caiu. Eu tinha 27 anos e, nos três anos seguintes, me mantive ocupada demais lidando com o presente para pensar no futuro. Depois fiz 30 anos. A empresa McCue estava sob controle. Eu me sentia estabilizada. Tive tempo para pensar na morte dos meus pais e na minha própria mortalidade e foi então que me dei conta que o nome McCue acabaria comigo. — O destino se encarregara de fazê-la pertencer a gerações de filhos únicos. — Sou a última. Se morrer, a empresa será vendida. Não há ninguém para herdá-la. Isso é triste.

— Você pode ter um filho que não queira se envolver com a empresa.

— É verdade, mas pelo menos terá os rendimentos dela para, assim espero, fazer algo que valha a pena com sua vida e o pensamento me conforta. Não quero que minha família termine comigo.

Depois de um momento, ele disse.

— Muito bem, isso eu posso compreender. Pra começar.

— E é isso. Aí o pensamento se instalou e não saiu mais. A princípio, foi apenas a idéia de manter o nome da família vivo, mas depois a parte física imperou.

O cabelo estava preso num rabo de cavalo alto para não atrapalhar-lhe o sono. Ela envolveu os dedos na fita e desceu-os por todo o comprimento das ondas escuras até embaixo. Era um gesto que fizera centenas de vezes na vida, em geral quando absorta num pensamento ou nervosa. Estava um pouquinho de cada no momento.

— Estou ouvindo — disse Spencer.

Sua voz soou suave.

— Eu sei. É difícil explicar essa parte.

— Não tenha pressa.

Ela soltou um profundo suspiro. O tempo não iria ajudar; não quando sempre fora tão reservada sobre sua intimidade e certamente não quando continuava pensando nele deitado nu na cama. Então botou para fora as palavras com má-vontade.

— Me tornei consciente de meu corpo. Fui feita de uma determinada maneira por certas razões e não estou correspondendo ao esperado.

— O que quer dizer?

Ele era um homem viril com uma visão de sexo que ela não conseguiria alcançar. Ela presumiu que ele estava fingindo.

— Você sabe o que quero dizer.

— Quero que você explique.

Ela fechou os olhos. Quando os abriu, focou-os na escultura de madeira comprada nas Bahamas há vários anos. Remetia ao sol, à areia e era totalmente assexuada. Isso afastou seu pensamento de Spencer.

— Tenho ovários para gerar uma criança, um útero para carregá-la e

seios para alimentá-la. Não fiz nada disso. É um desperdício, não acha?

— Depende do que mais possa fazer com esses atributos. Crianças não são as únicas a se beneficiarem de seios e ovários. Homens também podem fazê-lo.

Jenna esqueceu-se da escultura de madeira. Um calafrio percorreu-lhe a espinha. Ela roçou o quadril no lençol e repousou a mão suavemente entre os seios.

— Ovários? — perguntou com voz fraca. — Como os homens podem se beneficiar de ovários?

— Ovários produzem os hormônios que a tornam diferente de mim. Também lhe afetam a aparência, o cheiro, a forma como você reage a mim.

Ela não estava usando nada disso. Não se envolvia há muito tempo. Deu um suspiro trêmulo.

— Está certo. Bem, eu estava me referindo a meu corpo com relação a ter filhos e quando se trata disso, estou me sentindo vazia.

— Obviamente também está se sentindo vazia quando se trata de homens.

— Por que diz isso? — perguntou bufando de raiva.

— Porque você está catando homem na rua na busca por esperma.

Ela sentou-se ereta.

— Não estou catando homem na rua. Você foi o único consultado e fez isso por razões específicas. Apenas porque não conheço outro cujos genes eu julgue apropriados, não significa não estar envolvida com nenhum homem.

— E está?

— Isso não é da sua conta!

— Claro que é! — disse sem rodeios. — Para começar, há assuntos de saúde envolvidos. Você me disse que não quer um homem em sua casa, mas se muda de parceiro a todo instante, pode ter contraído uma doença. Eu uso camisinha desde que me entendo por gente porque não queria correr o risco de ter que encarar uma gravidez não planejada, mas outros caras podem não ser tão cuidadosos.

— Não tenho doença nenhuma. Sou saudável. Já disse isso.

— Está bem, então há o problema de ter homens convivendo com a

criança que está pensando em ter. Não me agrada a idéia de um filho meu ter uma lista de "tios" entrando e saindo de sua vida, assim como não me agrada a idéia de você deixar a criança com uma babá e sair para transar quatro ou cinco noites por semana. Então, você está sexualmente envolvida com algum homem ou não?

— Não — respondeu, porque o orgulho não era nada comparado com a questão de ter um filho. Se deixar Spencer Smith saber que sua vida afetiva era um lixo fosse a condição para ele doar o esperma, faria isso.

— Quando foi a última vez em que esteve envolvida sexualmente com alguém?

Ela engoliu em seco.

— Três anos atrás.

— Quem era ele?

— Um jornalista de Nova York. Eu o conheci num show em Paris. Ficamos juntos lá e nos encontramos algumas vezes quando voltamos.

— E antes dele?

Ela apertou o lençol.

— Um contador alguns anos antes.

— Alguns? — provocou.

— Quatro. Ficamos juntos um mês. — Ela tentou se conter, mas com raiva e prestes a chorar. Lembrar-se de seus relacionamentos a fazia sentir-se vazia. — Antes dele, houve um cara que conheci no curso de extensão e é só. Não é exatamente uma história de loucuras sexuais. Nada que lembre ninfomania. Nada que possa corromper uma criança. Se tivesse contraído uma doença, ela já teria se manifestado. Você pode ligar para meu médico, se quiser. Ele vai testemunhar que não tenho nada. — Apertou uma mão no lábio superior e a deixou lá até que o lábio parasse de tremer. O esforço a preocupou de tal forma que não percebeu como Spencer estava quieto até ele finalmente falar.

— Isso não será necessário. Confio em você.

— Graças a Deus!

— Mas eu tinha o direito de perguntar.

Ela ficara magoada em listar seus relacionamentos fracassados desta forma, mas ele tinha seus motivos. Ela tinha feito mais ou menos as

mesmas perguntas a Caroline, que conhecia mais sobre a vida afetiva do irmão que qualquer outra pessoa. O comentário de Spencer sobre preservativos confirmava o que Caroline já tinha lhe contado.

— Então — a voz dele fez-se ouvir mais gentil — você quer um bebê, em primeiro lugar para perpetuar o nome McCue e, em segundo, para preencher as funções maternas de seu corpo. É isso?

— Não, não é isso. Eu não mencionei a parte mais importante. — Mas não prosseguiu de imediato. Precisava de um minuto para assumir o controle, colocar de lado o passado e focar no futuro, acalmar a irritação da voz e assumir seu comportamento controlado.

Quando permaneceu silenciosa, ele perguntou suave:

— Você dormiu enquanto falava comigo?

Sem chance, pensou.

— Não. Estou me organizando novamente. A próxima parte tem a ver com emoções. É a mais importante. Mas não sei por onde começar.

— Comece de qualquer lugar. Eu vou ordenar os pensamentos quando tiver terminado.

Ela suspirou e, relaxando, colocou a mão voltada para cima no colo. Aceitando a sugestão dele, começou a expor os pensamentos. — Quero segurar um bebê e não ter que devolvê-lo no final do dia. Quero cuidar de um bebê, saber o que gosta de comer, como gosta de comer e o significado de cada choro. Quero amar um bebê e ser correspondida. Tenho visto Caroline criar os filhos — seu coração amoleceu diante da imagem que lhe veio à mente — e fico emocionada quando eles são pequeninhos e abraçam a gente como se disso dependesse a vida deles. Quero isso.

— Eles não ficam pequenos por muito tempo — mencionou Spencer.

— Eu sei e conheço o ditado que diz que quanto maiores, maiores os problemas, mas posso lidar com os problemas. É o amor que importa. As demonstrações de afeto mudam quando crescem — isso certamente aconteceu entre mim e meus pais — mas o amor está sempre presente. Eu quero isso. — Prosseguiu: — Quero barulho na casa e brinquedos espalhados pelo chão. Quero um objetivo na vida além de negócios. Quero alguém para quem comprar roupas, levar ao cinema e ir à Disney. Quero alguém em quem pensar além de mim mesma. Quero alguém com quem me preocupe. — Ela prendeu a respiração e desacelerou deliberadamente. — Isso pode soar obsessivo para você, mas acredite, não é. Independente disso tudo, ainda sou uma mulher de negócios. Adoro meu trabalho. Posso

não mais me dedicar muito tempo, mas jamais abrirei mão dele completamente, portanto não vou ficar arrasada quando meu filho for para a escola ou mais tarde para a universidade. Sempre terei o trabalho para manter o equilíbrio.

Ela ficou em silêncio por um momento antes de continuar.

— Mas só os negócios não são suficientes. Até foram, logo após o falecimento de meus pais e quando eu estava sobrecarregada tentando assumir os negócios e cuidar para que prosperassem. Depois as coisas se assentaram e aos poucos percebi o vazio de minha vida. Quero um filho para me ajudar a preenchê-lo, um filho meu, alguém com o mesmo sangue. Quero essa conexão. Não tenho isso com mais ninguém no mundo. — Fechou o punho. A voz ficou de repente fraca, apagada pelo desejo devastador que estava tentando descrever. — Por vezes... — Fez uma pausa.

— Por vezes...

— Por vezes me sinto tão sozinha, sinto tanta falta de uma família. Vezes em que... — Lutou com as emoções e ele não a apressou. — Por vezes sinto que tenho tanto sentimento dentro de mim sem ter onde colocá-lo. Às vezes me sinto prestes a explodir. — Voltou a fazer uma pausa; depois suspirou. — Você entende o que estou dizendo?

Ele não respondeu.

— Provavelmente não. Você tem uma família. Tem avós, pais, tias, tios e primos, uma irmã, dois sobrinhos e uma sobrinha. Sempre que quiser pode voltar para casa e encontrar as pessoas que ama e que o amam. Você tem noção do quanto isso é precioso, Spencer?

Ele permaneceu em silêncio.

— Ah, olha — disse em tom de desculpas. — Não estou dizendo que não sabe e definitivamente não o estou criticando. Você escolheu viver livre, leve e solto. Você gosta de sua vida. É excitante, atribulada e completa. Você não sofre de crises de solidão. Não sei se os homens sentem isso. São mais contidos do que nós. Não anseiam pelas coisas suaves, acolhedoras e tolas como as mulheres. — Ela recostou-se nos travesseiros. — Se eu tivesse nascido homem, minha vida seria perfeita.

— Estou feliz por você não ter nascido homem — disse a voz profunda do outro lado da linha quando Jenna começava a achar que ele tinha adormecido. — É bonita demais para isso.

Ela não soube o que dizer. Spencer nunca lhe tinha feito nenhum

elogio. Ela sempre tinha sido a melhor amiga de sua irmã caçula e ele não costumava elogiar nem mesmo Caroline. A afeição por ela vinha do interesse por suas ocupações e filhos. Jenna tinha sido simplesmente uma das ocupações de Caroline.

O cumprimento foi gentil, embora Jenna não tivesse ilusões de significar algo mais profundo. Sem dúvida, já que tinha pintado o quadro do quanto se sentia só no mundo, ele estava com pena dela.

Sentindo-se estranhamente desajeitada e sem dúvida grata por estarem conversando no telefone e não pessoalmente, ela disse numa voz calma: — Bem, em resumo é isso. Você decidiu se eu vou ser uma boa mãe para seu filho?

— Se eu quisesse um filho, você seria ótima.

Ela voltou a sentar-se tensa.

— Então, vai aceitar minha proposta?

— Não sei se quero um filho. Já disse isso para você hoje à noite. Preciso de tempo para pensar.

— Mas eu queria começar logo.

— Em quanto tempo?

— Vou ovular em duas semanas. Você disse que me daria uma resposta antes de ir embora.

— E vou. Isso me dá outras 12 horas para tomar uma decisão.

— É tão difícil assim, Spencer? — implorou. — Alguns minutos do seu tempo este mês e talvez no próximo. Não vou pedir mais nada a você. Nada mesmo e vou deixar isso por escrito.

— Eu não estava planejando ter um filho.

— Mas vai ser o mesmo que não ter, só que seus pais vão ficar satisfeitos.

Ele bufou.

— Vão começar a exigir que eu venha para casa na data do aniversário da criança, no Natal e eles vão me chatear...

— Não vão — interrompeu. Ela soava decidida. — Se você concordar e se eu engravidar, vou contar a eles a verdade. Eles vão saber que você me fez um favor, depois de muita insistência minha e deixei claro que seu papel ficaria limitado à concepção da criança e a custódia é minha. Já

conversei sobre isso com Caroline. Ela concorda que se eles tiverem que optar entre aceitar minhas regras ou ficarem afastados de meu filho, vão deixar você em paz.

— Eu não preciso de uma criança.

— Mas eu preciso.

Os segundos se transformaram em minutos. Quando Jenna não mais conseguiu superar as palpitações do coração, pediu:

— Spencer? Você vai me ajudar?

— Mas você é mesmo destemida — declarou de um jeito que demonstrava que a considerava muito corajosa ou muito louca. — Não acho que outra mulher na terra me pediria o que você pediu.

— Estou desesperada. Quero que meu bebê seja o máximo. Assim sendo, preciso do melhor homem do mundo e definitivamente esse homem é você.

— Faça-me o favor.

— É verdade. Você vai aceitar?

— Eu não quero aceitar.

— Eu sei, mas está considerando. — Prendeu a respiração.

Ele soltou um palavrão. Ela podia imaginá-lo passando os dedos nos cabelos como tinha feito no cais aquela noite.

— Escute — falou com um suspiro atormentado: — O melhor que posso oferecer no momento é prometer pensar a respeito. Podemos nos encontrar mais tarde?

— Basta dizer a hora e o lugar e eu estarei lá.

Depois de um minuto, ele resmungou:

— Droga, não sei aonde ou a que horas. Ligo para você amanhã. Você vai estar por aí?

— O dia inteiro. Não vou a lugar nenhum. Ficarei esperando seu telefonema. Spencer, obrigada. Eu realmente aprecio o que está fazendo.

— Eu não disse que faria alguma coisa.

— Mas não disse que não faria. Está pensando a respeito e isso é tudo que posso pedir. Se decidir que não pode, ficarei realmente

desapontada, mas compreenderei. Não seria justo sentir-se forçado a fazer algo que não aprova seja por motivos morais ou por razões...

— Vá para a cama, Jenna — interrompeu-a. — Não posso pensar com você tagarelando. Ligo depois. Tchau.

Capítulo Quatro

SPENCER podia, com a maior facilidade, ter matado Caroline. Deitado na cama, às 3 da madrugada, extremamente decepcionado, jurou que a estrangularia se não gostasse tanto dela. Ela sempre ocupara um lugar especial em seu coração. Desde a infância, ela o adorava. É verdade que os pais também o amavam, mas não da maneira incondicional de Caroline. Por sua vez, ele tinha usado os seis anos de diferença para protegê-la sempre que possível. O tempo havia estabelecido uma distância física entre eles, assim como as diferenças de personalidades. Quando ela ficou mais velha, fazia uma ou outra crítica sobre seu estilo de vida nômade. Ainda assim, ela o aceitava mais que os pais. Ela tornava Newport um lugar menos opressivo para ele.

Em geral.

Mas, dessa vez, tinha conseguido. Dissera a Jenna que talvez ele concordasse com a idéia de doar espermatozoides para sua causa. Embora ninguém o estivesse obrigando, embora ninguém estivesse apontando uma arma para sua cabeça ou amarrando-lhe as pernas e braços e extraíndo sua semente, ele se sentia preso de uma forma invisível — e irritante.

Jenna era meiga e sincera. Era bonita: tinha olhos e cabelos escuros, pele clara, a aparência de moça bem-nascida e era uma bem-sucedida executiva. Com certeza seria uma boa mãe. Também tinha certeza de que apesar das afirmações feitas, colocava o destino nas mãos dele, o que significava que ficaria decepcionada com uma recusa.

Mas ele não queria ter um filho. Não queria responsabilidades — e falava sério ao confessar que se sentiria responsável, não importa o quanto ela o liberasse disso. Ele não queria saber que tinha um filho enquanto se divertia mundo afora. É verdade que não era um divertimento irresponsável. Era seu trabalho e até mesmo lucrativo, conforme atestavam a venda dos livros e os direitos de filmagem. Ainda assim, era divertido.

Se pelo menos Caroline tivesse abortado a idéia desde o início. Se, pelo menos, tivesse dito à amiga que ele não aceitaria ou ficaria furioso se ela pedisse, ele não estaria metido nessa confusão. Mas Jenna tinha pedido e de um jeito que tornava muito, muito difícil, para ele decepcioná-la — porque alguns de seus argumentos faziam sentido. Ele não queria, mas faziam. Queria que a idéia de ser mãe solteira fosse totalmente fora de propósito; mas não era, pelo menos não da maneira exposta por Jenna. Ela tinha pensado em tudo. Tinha os meios, o desejo e — estava certo — a aptidão natural para a maternidade. Também estava certa quanto aos pais

ficarem animados diante da perspectiva de ele deixar um herdeiro — o que levantava outro ponto que ficara martelando-lhe a cabeça. Sua fortuna era respeitável como a de Jenna e ele tampouco tinha um herdeiro direto. Sem mencionar o fato de que ele e Jenna fariam um filho e tanto. Ela também tinha razão nesse ponto.

E então? Como agir? Ela estava lhe oferecendo algo que não considerara antes, mas que tinha seus méritos. Se ele dissesse não, podia não receber outra oferta do gênero. Se dissesse não, poderia se arrepender em dez ou vinte anos. Se — Deus o livre! — alguma coisa acontecesse com o pai ou com a mãe ou com os dois, como acontecera com os de Jenna, se sentiria culpado por não lhes ter presenteado com um neto? Se algo acontecesse com ele, se deitaria no leito de morte desejando deixar mais que o próprio corpo numa urna dourada contendo suas cinzas?

Praguejou em voz alta e voltou-se para a luz da lua. A doce e inocente Jenna tinha mexido num vespeiro. Por mais que tentasse escapar, por mais que tentasse se convencer de encontrá-la de manhã, dizer "não", voar para Flórida e se concentrar no trabalho, não conseguia tomar essa decisão. Algo o segurava. Um instinto.

Spencer já tinha estado em muitas posições precárias ao longo das viagens e se aprendera uma coisa era em confiar nos instintos.

Jenna teve dificuldade em pegar no sono. Não sabia se devia ficar esperançosa ou desencorajada pelo telefonema. Não tinha percebido o quanto contava com Spencer até se dar conta de que em poucas horas poderia ouvir uma resposta negativa. Mas, se ele dissesse "sim", estaria a caminho de ter a criança mais incrível do mundo. A excitação diante do pensamento a manteve acordada por um tempo.

Adormeceu logo depois do amanhecer e por isso talvez não tenha ouvido a campainha da porta. Não despertou até que o ruído se transformou em toques insistentes e, no momento seguinte, identificou corretamente o som. Levantou cambaleante da cama e estava na porta do quarto antes de se lembrar de se cobrir.

Voltou para pegar uma manta cobrindo a cadeira de palha, enrolou-se e desceu correndo as escadas.

Espiou pelo olho mágico e ficou em pânico. Spencer estava parado, de banho tomado e acordado o suficiente para deixá-la ciente de como ela estava horrorosa. O cabelo estava um desastre, os olhos ainda estavam semicerrados. Tinha certeza de trazer marcas da fronha no rosto.

Mas ele a tinha visto espiando e ela não podia fingir não estar em casa. E, afinal, não faria isso. Se ele tivesse tomado uma decisão, queria saber qual era.

Cobrindo-se com a manta com uma das mãos, abriu a porta com a outra. O sol atingiu-a em cheio no rosto. Afastou-se para o lado para se proteger da luz com o corpo dele.

— Que horas são? — perguntou numa voz sonolenta.

— Quase nove — respondeu ele, parecendo arrependido ao ver-lhe a aparência desganhada.

Perguntando-se como ele podia estar com tão boa aparência com tão poucas horas de sono, Jenna engoliu em seco e afastou o cabelo que lhe caía no rosto.

— Quer entrar? Vou demorar só um minuto.

— Não precisa se vestir por minha causa.

Ela interpretou a resposta como uma afirmativa de que ele não se demoraria o suficiente para que ela precisasse se preocupar e sentiu uma pontada de decepção.

— Você não vai aceitar? — Lágrimas rolaram-lhe dos olhos. — Por favor Spencer...

— Eu não disse isso. — Ele enxugou-lhe as lágrimas. — Mas preciso de mais alguns esclarecimentos.

— Está bem. Está bem — Ela olhou à volta sem saber se devia conduzi-lo à sala de estar ou à cozinha. Queria recuperar a capacidade de pensar com clareza, mas a aparência dele a pegara desprevenida. — Humm, vou preparar o café. — A atividade iria dar-lhe tempo e tomar café ajudaria a desanuviar os pensamentos. Mantendo a manta em volta do corpo, Jenna foi para a cozinha. Embora sentisse a presença de Spencer às suas costas, não olhou para trás. Em vez disso, colocou o pó do café na máquina, da melhor maneira possível. Trabalhar apenas com uma mão diminuía-lhe o ritmo, mas não ousava largar a manta com medo de que esta caísse no chão. Sua camisola era de um algodão fino, macio e transparente. E não vestia nada por baixo.

No instante em que a máquina de café apitou, disse:

— Vou subir. Volto em um segundo.

— Sente-se — ordenou Spencer.

— Mas não estou vestida — protestou, ousando encará-lo.

Foi um erro. A cicatriz parecia um ponto de exclamação depois de sua ordem. Além disso, os olhos azuis eram tão impositivos... Embora não se afastassem do seu rosto, sentiu como se eles lhe tocassem o corpo.

— O que estávamos discutindo é bastante íntimo — disse ele. — Você está suficientemente vestida.

Ela quis argumentar, mas receou irritá-lo. Então escorregou numa cadeira perto da mesinha de vidro e sentou-se o mais composta possível com a manta protegendo-lhe a virtude, as pernas bem apertadas e os tornozelos entrelaçados e enfiados debaixo da cadeira.

Spencer recostou-se na bancada. Vestia calça e camisa pretas. O cabelo estava repartido e penteado para o lado, mas fiapos já lhe cobriam a sobancelha. Em conjunto com a cicatriz, isso lhe dava um ar autoritário, acentuado pelos braços cruzados no peito.

Ele manteve o olhar firme.

— Você mencionou temperatura basal do corpo. Explique esse termo.

Ela recusou-se a vacilar.

— Essa é a temperatura quando o corpo está em repouso absoluto. Tiro a temperatura todo dia, assim que acordo, antes mesmo de me sentar na cama. Depois a registro numa tabela.

— Você já está fazendo uma tabela?

— Há três meses, toda manhã. Exceto hoje — acrescentou. Obviamente não tivera tempo para nada quando a campainha tocou. — Mas não tem problema. Um ou dois dias não vão fazer diferença. Eu sei qual seria minha temperatura se a tivesse tirado.

— Como?

— É padrão. — Em tom de voz mais baixo concluiu: — Eu sou muito regular.

Como se debochasse de sua timidez, ele disse num tom de voz indiferente.

— Se compreendo bem, está se referindo à sua menstruação.

— Isso.

Ele esperou, depois fez um gesto para que continuasse.

— Vamos! Conte. Quero saber como funciona.

O fato de ele estar atento e considerando o pedido a deixou mais animada.

— Minha temperatura é abaixo do normal nos dias que antecedem a ovulação. Usualmente cai ainda mais quando óvulo e depois começa a subir. Continua subindo até eu ficar menstruada.

— Então o dia exato da ovulação é o mais crítico?

— Mais ou menos isso.

— O que quer dizer com mais ou menos?

— Segundo o médico, é melhor que o espermatozoide já esteja na trompa de falópio quando eu ovular... ou seja, o procedimento deve ser feito antes da ovulação. Na verdade — reuniu a coragem para falar — se você estiver disposto a ficar por aqui alguns dias, ele fará o procedimento duas vezes.

— Duas vezes é?

— Só se você quiser — apressou-se em dizer. — Já li tanto a respeito e todos recomendam que quando um casal está tentando conceber, o ideal é fazer sexo dia sim, dia não, perto do tempo da ovulação. Isso dá ao espermatozoide tempo para se recuperar, e como ele se mantém vivo de 48 a 72 horas, dia sim, dia não faz sentido. Mas isso é para casais e não somos um nesse sentido. Sei que você tem outras coisas para fazer e não gosta de ficar perto de seus pais e tudo mais, então, se você pudesse fazer só uma vez, seria ótimo. Quero dizer, pode ser que eu engravide — ela estalou os dedos — assim!

— Pode ser que precisemos fazer isso bem mais vezes até você engravidar. — O olhar tornou-se especulativo e foi descendo: para o pescoço envolvido em renda, para os seios, escondidos pela manta, para a barriga, escondida debaixo de múltiplas camadas de tecido.

Jenna queria sumir. Sentia-se nua e exposta e decididamente inferior a qualquer outra mulher com quem Spencer tivesse se envolvido. É verdade que o que ela propunha não significava aquele tipo de envolvimento, mas ele estava certo. Seria uma coisa bastante íntima se ela carregasse o filho dele no ventre.

— Eu concordo — disse ele.

O coração rateou.

— Concorda?

Ele fez que sim com a cabeça.

Ela levantou-se com um enorme sorriso no rosto.

— Você concorda? — Levou as mãos à boca e o olhou enquanto lágrimas de felicidade escorriam-lhe pelo rosto.

Ele emitiu um som que demonstrou o que pensava a respeito das lágrimas. Depois, concluiu:

— Sob uma condição.

— Farei o que você quiser. — Ela ria de alegria, sentindo-se mais leve e satisfeita do que há semanas. — Fico tão agradecida, Spencer, tão agradecida e aliviada! Estava certa de que você recusaria e aí eu precisaria recorrer ao banco de esperma, mas com você meu bebê será perfeito, absolutamente perfeito!

— Nada de inseminação artificial.

Ela prender a respiração. O sorriso desapareceu.

— Nada de quê?

— Inseminação artificial — repetiu. — Ou é pra valer ou nada.

— Pra valer? — indagou.

Ele a olhou como se fosse rir, mas se segurou.

— Relação sexual entre mim e você.

Jenna sentiu os joelhos trêmulos.

— Mas não temos intimidade.

— Podemos ter, se quiser um filho meu.

— Aceito, aceito. — Ela fez uma expressão indefesa. — Mas não entendo o que está dizendo!

— Eu entendo perfeitamente o que estou dizendo. Pensei a noite inteira. Estou dizendo que, se vamos ter um filho, quero concebê-lo da forma normal. Também estou dizendo que não suportaria ficar confinado numa salinha e me dar prazer quando você pode fazer isso para mim.

— Mas você é irmão de Caroline.

— E daí?

— Daí que sou como uma irmã para você.

Lentamente, ele sacudiu a cabeça.

— Mas não sou boa de cama! — protestou. Por mais humilhante que fosse, precisava ser honesta. — Só dormi com três homens e nenhum deles demonstrou empolgação com minha performance. Não acho que poderia lhe proporcionar prazer.

— Poderia sim — assegurou-lhe e sua voz tornou-se, de súbito, mais profunda — e vou lhe ensinar.

— Mas você já teve tantas mulheres! Tem tanta experiência! Você é tão grande! — Ela ficou chocada com as próprias palavras. — Você mesmo disse... e eu sou pequena. Você é mais de dez centímetros mais alto que eu.

— Você parecia gostar disso quando pensou em ter um menino.

— Eu gosto, mas isso foi quando pensei que íamos fazer isso no consultório médico. Honestamente, Spencer, seria muito melhor.

— Talvez para você, mas não para mim. E já que é em mim que essa coisa está pendurada... — Descruzando os braços, afastou-se da bancada. — Precisa de tempo para pensar, Jenna? Vou lhe dar esse tempo. — Caminhou em direção à porta. — Pense o quanto precisar. Vou estar na Flórida nos próximos seis meses, mas depois disso posso estar sabe Deus onde. Caroline tem o número de meu telefone em Key West. Você pode deixar um recado e quando eu voltar...

— Espere — gritou no instante em que o pé dele tocou a soleira. Não podia deixá-lo partir quando estava tão perto de conseguir o que queria. — Está bem. — Ela levantou-se da cadeira, determinada a assumir o compromisso antes de ficar paralisada pela timidez. — Está bem, aceito sua proposta. — Ela ia conseguir, sabia que sim. — Vamos fazer desse jeito.

Um leve sorriso levantou-lhe o canto da boca.

— Ótimo.

— Mas, em troca, você me promete uma coisa? Se não funcionar desse jeito... quero dizer, se você não puder... se eu não puder ajudar você... — Ela inspirou e ao expirar botou para fora as palavras. — Se o ato em si for um desastre total, você faz do meu jeito? — Ficou com as bochechas coradas, mas manteve-se firme.

— Não será um desastre.

— Não tenha tanta certeza. Definitivamente não sou boa nisso.

Ele franziu a testa.

— Se julga incapaz de me deixar excitado? — Ele moveu-se em sua direção.

— Isso pode acontecer.

— Acho difícil acreditar.

— Já aconteceu.

Ele parou na frente dela.

— Com todos os três namorados?

— Com o último.

— Então o problema era dele. Não vai ser meu.

— Como sabe? Aqui estamos, totalmente vestidos... pelo menos você está e eu estou toda coberta. Como sabe o que vai acontecer quando estivermos na cama? Pelo amor de Deus, isso é um acordo de negócios. É realista esperar que você fique excitado o suficiente para... — ela engoliu em seco — o suficiente para...

— Gozar?

Ela fez que sim.

— Sim, é realista esperar isso — disse.

Levantando a mão, ele passou os dedos ao longo da lateral do seio de Jenna.

Ela arfou surpresa. O primeiro instinto foi afastar-se, mas a leveza do toque e o fato de ele ser quem era e do que lhe havia pedido a deixou paralisada. Em seguida, começou a tremer por dentro. Os olhos levantaram-se para o rosto dele e viu o involuntário levantar da cabeça e o ligeiro tremor das narinas. Ele apenas contornava-lhe o seio com os dedos através de duas camadas de tecido, o que durou uns dez segundos antes de descer a mão até sua cintura e soltá-la. No instante seguinte, ele olhou para baixo. Jenna seguiu-lhe o olhar até a visível ereção.

— Acho que não terei problemas — comentou seco.

Ridículo, dadas as circunstâncias, mas ela se sentiu culpada, como se tivesse invadido a privacidade dele enquanto ele realizava um ato que nada tinha a ver com ela. Incapaz de encará-lo, voltou para a cadeira.

— Quer fazer algum outro teste?

Ela olhou as mãos.

— Não.

— Quer mudar de idéia?

Ela o encarou. -Não!

Ele soltou uma risada, depois olhou para a cafeteira.

— Que cheiro bom. Quero uma xícara. E você?

— Sim, claro! — respondeu ela, mas não se moveu. Deixou Spencer servir o café e tentou recuperar a pose. Uma parte de si estava prestes a explodir de excitação sobre o bebê que teria. A outra estava totalmente indecisa ao pensar no que teria que fazer para consegui-lo.

Pegou a xícara e o pires que ele lhe estendia e rapidamente, colocou-os na mesa para que ele não percebesse o tremor de suas mãos; depois, esperou ele se sentar na cadeira em frente segurando a xícara.

— Certo — disse, esticando as pernas.— Vamos conversar sobre os detalhes. Ontem você me disse que ovularia em duas semanas. Você já está em seu período?

Ela fixou os olhos no café.

— Deve começar amanhã.

— Como pode ter certeza?

— Meu ciclo é de 28 dias. Sempre. Além disso, posso sentir.

— Está sentindo cólicas?

— Estou inchada.

— Você não parece inchada. — Depois, emendou: — Não que eu possa ver muito mais do que seu rosto mas parece normal.

Jenna não acreditava nele. Tinha tido umas quatro horas de sono e não tinha lavado o rosto, penteado o cabelo nem colocado um pinga de maquiagem. Como se isso não bastasse, sentia-se totalmente despreparada para aquela conversa. Sabia tudo sobre inseminação artificial, mas Spencer tinha mudado de assunto, focando nela. Não era justo. Ela voltou a fixar os olhos no café.

— Spencer?

— Sim, Jenna.

Ela percebeu o tom divertido e sentiu-se pior.

— Estou muito nervosa.

— Posso perceber — disse, gentilmente. — Mas julguei ter afastado suas preocupações.

— Tem uma outra coisinha. É complicado. Você é irmão de Caroline. Nunca pretendi fazer sexo com você.

— Nem eu, mas passei a noite passada pensando a respeito e fiquei excitado.

— Você está mentindo.

— Não estou não.

— Você nunca teria pensado nisso se eu não tivesse convocado você.

— Talvez não — admitiu. — Mas só porque não passo muito tempo aqui para ter este tipo de idéia. O que nos leva a outro tópico. Onde vamos fazer? O consultório do médico está fora de cogitação.

Ela o olhou suplicante.

— Você pode reconsiderar. Seria tão mais garantido se fizéssemos do meu jeito. — Ela o viu tomar um gole do café e colocar a xícara na mesa. Notou um leve tremor na mão dele. Ele parecia estar gostando da discussão. Sem nenhum constrangimento.

— Não gosto de coisas garantidas, em especial quando se trata de sexo. Então? Onde vai ser? Em sua casa ou na minha? Podíamos ir para um hotel, mas isso seria meio impessoal, não acha?

— Impessoal parece ótimo. Afinal, é um acordo de negócios. Não precisa ser romântico. Só vai acontecer uma vez.

— Pensei ter ouvido que o ideal seria fazer dia sim, dia não durante o período de ovulação.

— Mas não precisamos.

— Se vamos fazer, vamos fazer direito. E aí? Nos encontramos daqui a 12 dias?

O estômago revirou. O bebê. Pense no bebê, disse a si mesma.

— Parece perfeito.

— A não ser que precise de alguns meses para se acostumar com a idéia.

Jenna não acreditava ser capaz de se acostumar com a idéia de fazer sexo com Spencer, não importa quanto tempo se passasse. O melhor seria resolver logo o assunto. Sacudiu a cabeça rapidamente.

— Quero ficar grávida o mais rápido possível. Vou ovular em torno de 8 de julho, ou seja, se eu engravidar logo, o bebê vai nascer em abril.

— Nossa, você calculou tudo!

— Tive muito tempo para contar.

Ele terminou o café.

— Então devo voar para cá no dia 6?

— Se puder... — Pensou no que estava por vir. — Tinha planejado tudo diante da possibilidade da inseminação artificial. Poderíamos ir ao consultório do médico separadamente durante o dia e seguir nossos caminhos à noite sem nem mesmo esbarrar um no outro. Achei que seria menos estranho assim. — Ela fez uma careta. — Desse seu jeito vai ser mais complicado.

— Como assim? — Spencer afundou-se na poltrona esticando ainda mais as pernas. — Não vejo complicação nenhuma. Ficarei aqui. Você tem bastante espaço.

— Aqui?

— Eu e meus pais não conseguimos viver sob o mesmo teto. Acho que nem vou contar a eles que estou na cidade.

— Mas eles vão querer encontrá-lo.

— Não vão sentir minha falta se não souberem que estou aqui.

— E se virem você por aí?

— Não verão. Ficarei aqui o tempo todo.

Jenna começou a se imaginar tentando entretê-lo e provando-se tão inepta nesse setor quanto seria na cama. Ele era um homem de ação. Estava acostumado a experiências excitantes, o que certamente não experimentaria em sua casa antiga.

— Puxa vida, Spencer, você vai ficar entediado. Além disso, estava planejando trabalhar.

— Mas você pode trabalhar. Não vai nem precisar ir à consulta médica, já que estaremos tomando nossas providências à noite.

À noite. É claro. Supôs que seria mais fácil no escuro. Depois, novamente, duvidou do sucesso. Pensar em ficar nua com Spencer — o Spencer Smith da cicatriz profunda, escritor, aventureiro e com vasta experiência com as mulheres — era arrojado.

Mas ela queria aquele bebê.

— Não podemos dormir juntos — informou numa tentativa de estabelecer algumas regras para deixá-la menos desestabilizada. — Quero dizer, não podemos passar a noite inteira juntos.

Ele franziu a testa.

— Por que não?

— Porque é um acordo de negócios. Não seria apropriado.

Ele pareceu insatisfeito.

— Mas eu estava sonhando em ter um corpo quente perto do meu. E se eu quiser mais de uma vez? Vou precisar ficar correndo de um lado para o outro pelo corredor?

— Não podemos fazer mais de uma vez por noite. Os livros dizem ser contraproducente. Você ficaria esgotado.

Spencer levantou a sobrancelha.

— Alguns homens podem ficar esgotados, mas quando eu começo...

Ela o interrompeu.

— Por favor, Spencer. Estou tentando ficar à vontade com a idéia, mas você não está facilitando.

— Vai ser facilímo — retrucou mal-humorado — se você relaxar um pouco. Isso não precisa ser só trabalho.

— Mas é. A única razão de estarmos fazendo isso é para eu poder ter um filho. Não sentimos nada um pelo outro.

— Não precisamos sentir nada um pelo outro para nossos corpos sentirem prazer. Gostei de tocar seus seios. Posso gostar de tocar o resto do corpo e a sensação ser mútua. Dizem que sou um amante razoável.

— Tenho certeza que é um amante maravilhoso, mas não posso brincar. — Sentindo-se vulnerável, sussurrou: — Por favor, Spencer. Eu concordei em fazer tudo do seu jeito porque quero esse bebê mais do que qualquer coisa nesse mundo, mas não posso fingir que isso é algo que não é. Quero que sejamos sinceros um com o outro. Por favor.

Spencer a olhou por um bom tempo. Finalmente, parecendo revoltado, mas determinado, levantou-se.

— Estarei aqui no dia 6. Se houver alguma mudança de planos, sabe como me achar. — Sem outra palavra, ele saiu.

Capítulo Cinco

O DIA 6 de julho caiu num sábado. Se pudesse escolher, Jenna preferia um dia de semana, pois estaria ocupada na McCue durante todo o dia e, portanto, manteria o nervosismo de estar com Spencer sob controle. Mas os ovários não entendiam nada sobre apreensão. Operavam sempre igual. A temperatura seguia o modelo estabelecido, permanecendo bem abaixo do normal até o dia 8.

Spencer ligou na sexta de manhã antes de ela sair para o trabalho.

— Só queria confirmar nosso encontro — disse.

— Não é um encontro — repreendeu-o. — É uma reunião. — Estava determinada a manter tudo bem claro quanto à natureza da ligação. Spencer não a escolhera como amante. Não podia fingir isso para si mesma e não podia deixá-lo pensar que ela estava acreditando nisso. Isso seria humilhante. As coisas já eram embaraçosas o suficiente sem esse detalhe.

— Reunião, então — concordou numa voz profunda, mas agradável. — Então estamos combinados?

— Estamos.

— Ótimo. — Bem à vontade, completou: — Marquei um encontro para que façam uns reparos no avião. O melhor mecânico fica no aeroporto de Norwood, a cerca de uma hora de sua casa. Está a fim de dar um passeio e me pegar amanhã à tarde?

— Hum, claro.

— Assim podemos conversar um pouco antes de... bem, podemos conversar.

Por um milésimo de segundo, Jenna imaginou que ele também estava se sentindo constrangido. Depois, afastou a possibilidade. Spencer não se sentiria constrangido quando o assunto era sexo. Era experiente demais.

— Parece ótimo — disse, conseguindo soar totalmente de acordo. — A que horas encontro você?

— Não vou conseguir sair até a tarde. Tenho que considerar o tráfego aéreo e um tempo para me assegurar de que o cara sabe o que eu quero... 18h30 é tarde demais?

Jenna sentiu um alívio imediato. — Assim está ótimo. — Isso

significava que ela podia se manter ocupada o dia inteiro e só precisaria se preocupar em entreter Spencer no domingo. Na segunda de manhã, estaria de volta ao trabalho.

— Dirija direto para o Hangar C — instruiu-a — e buzine para eu saber que chegou. Até lá.

— Está bem. Tchau.

Ele estava deslumbrante. Vestia uma camisa azul-marinho com as mangas enroladas, shorts caqui que deixavam suas longas pernas desnudas e mocassins. Tinha uma mochila velha jogada no ombro e uma maleta debaixo do braço e podia ser confundido com um yuppie de final de semana se não fosse pelas linhas marcadas do rosto. Elas eram arrojadadas e lhe davam uma aparência rebelde em que sobressaía a cicatriz, o bronzeado e o cabelo escuro despenteado. E acima de tudo os olhos, sempre os olhos.

Com um suspiro de desconsolo e o coração em tumulto, Jenna acenou e esperou-o atravessar a pista de decolagem até onde o Jaguar estava estacionado.

Chegou a esperar que ele assumisse o volante. Em vez disso, ele abriu a porta do carona, jogou a bagagem no banco traseiro e entrou.

— Desculpe — murmurou e olhou para a frente.

— O maldito mecânico esqueceu meu telefonema e foi embora. O sócio estava aqui, mas ele não sabe a diferença entre o traseiro e o cotovelo. Ele não vai tocar em meu avião.

— Então o que você vai fazer?

— Mac vai estar de volta na segunda e providenciar o conserto. — Ele a olhou. — Esperou muito tempo?

— Cinco minutos. Não é nada. — Ela não conseguia tirar os olhos dos dele. Estavam mais intensos do que nunca, e ainda assim distraídos. — Você parece cansado. Teve um vôo difícil?

— O vôo foi ótimo. Difícil foi tudo que precisei fazer antes. Meu editor não gostou de meu último manuscrito e pediu uma série de alterações. A novidade chegou pelo correio ontem... o sacana não conseguiu me dizer pessoalmente. Passei a tarde inteira no telefone com ele. Conseguimos chegar a um acordo sobre alguns pontos, mas ainda há um bocado a fazer. Preciso trabalhar no texto enquanto estou aqui.

Jenna não conseguia acreditar na própria sorte. Tinha ganhado uma folga no quesito entretenimento.

— Sem problema. Pode trabalhar no meu escritório em casa. Tem uma mesa enorme e boa iluminação. — Ela iria demonstrar disposição para colaborar. — Precisa de um computador?

Ele bufou.

— Mal posso datilografar, quanto mais usar um computador.

Ela ficou surpresa. Spencer sempre parecia tão capaz que presumira que ele fosse eficiente em tudo.

— Não olhe para mim desse jeito. Comecei a trabalhar com 22 anos e os computadores só surgiram bem depois. Quando eu ia ter tempo para aprender a usar um? Sempre me virei bem pagando alguém para digitar. — Ele a olhou de cara feia. — Mas, cá entre nós, revisões são um pé no saco.

— E quando precisam estar prontas?

— A semana passada.

— Caramba.

A cara feia desapareceu.

— Isso mesmo. Caramba. — A boca curvou-se num sorriso e os olhos fixaram-se nela. Pareciam de repente mais calorosos até se tornarem ainda mais calorosos e cheios de insinuações sexuais.

Jenna afastou o olhar, mas fixou-se nas pernas dele, que também eram muito atraentes.

— Algum problema com os shorts? — perguntou. — Preciso confessar que apesar de todo o tumulto com meu editor, continuei pensando no que vestir hoje. Totalmente à parte do fato de que é verão e o avião pode ficar quente, achei que seria bom você ver minhas pernas para não levar um choque mais tarde.

Ela se forçou a demonstrar não ter entendido o significado da afirmativa. Elas eram bem-feitas, duras e compridas, tão bronzeadas quanto o rosto, mas cabeludas.

— Já vi pernas de homens antes. Já vi as suas antes.

Ele franziu a testa.

— Quando?

— No verão no fim da Universidade. Não se lembra? Caroline e eu estávamos viajando pelas ilhas gregas. Você nos encontrou em Creta.

— É mesmo — disse com um sorriso que se espalhou pelo rosto diante da lembrança. — Obriguei vocês a ligarem para casa porque nenhuma das duas tinha se preocupado em ligar para os pais e eles estavam histéricos... eu descobri porque tive a infelicidade de ligar para casa para falar sobre algo completamente diferente e eles me fizeram sentir como se eu é quem estivesse perdido!

— Mas não estávamos perdidas. Apenas não conseguíamos achar um telefone.

Ele disse abafando o riso:

— Já usei essa desculpa muitas vezes para acreditar nela. Vocês não queriam ligar para casa. Mas, ei! — levantou uma das mãos em sinal de desculpas — posso compreender. Foi a primeira viagem sozinhas. A liberdade era emocionante.

Jenna sorriu lembrando-se.

— Foi isso mesmo. — Ela respirou fundo. — Bem, então você passou uns dois dias conosco, a maior parte do tempo na praia. Foi quando vi suas pernas.

— Você teria visto muito mais se estivesse na praia comigo.

— Você estava de sunga.

— Não era bem isso, se bem me lembro.

Era. A sunga era pequena e colada. Jenna se lembrava de tê-lo admirado, mas foi só isso. Ele era o irmão mais velho de Caroline, tinha 28 anos e ela 22 e, embora pertencessem ao mesmo meio, ele levava uma vida tão diferente da sua que nunca imaginara a possibilidade de haver alguma história entre eles.

Mas agora havia e aquelas pernas longas, bronzeadas e cabeludas a deixaram mais ciente disso. Ela pigarreou. Rezando para conseguir desviar a atenção daquela presença imponente, ligou o carro.

— Você quer ir para minha casa deixar suas coisas?

— Prefiro comer. Estou morto de fome. — Ele olhava as lojas à beira da estrada. — Me lembro de um lugar fantástico por aqui: Terry, Carrie...

— Corey?

— Isso mesmo. Ainda funciona?

— Hum-hum. Quer ir?

— O mais rápido possível.

Em menos de dez minutos estavam no restaurante, mas foi preciso esperar quase quarenta minutos até conseguirem uma mesa e outros quarenta até serem servidos. Jenna viu os olhares que Spencer lançava à garçonete e achou que ele explodiria por causa da demora, como outros homens teriam feito. Enganou-se. Ele ficou inquieto no assento e comeu duas cestas de pão, mas não reclamou da espera. Em vez disso, deixou Jenna falar sobre a empresa, sobre as pessoas que ambos conheciam, sobre Caroline e as crianças.

Quando a comida chegou, ele comeu seu prato e a metade que Jenna deixara.

— Preciso de muita energia — explicou com um olhar malicioso.

— Spencer! — reclamou.

— O quê?

— Isso é embaraçoso.

— Desculpe. Não pude resistir.

Ele deixou de lado a presunção e terminou de comer. Jenna levantou a sobremesa quando ele recusou a sobremesa, mas ambos tomaram café e, quando a garçonete trouxe a conta, ela esticou a mão para pegá-la.

A mão de Spencer cobriu a sua e com a outra puxou a conta.

— Eu pago.

— De jeito nenhum. Você está por minha conta. Eu quero pagar.

— Eu pago — repetiu ele com uma voz tão firme que ela retrocedeu. Mais gentil, quase distraidamente, ele pegou o cartão de crédito e acrescentou: — Além do mais, comi o dobro.

Para evitar outra referência ao motivo de comer tanto, Jenna ficou sentada em silêncio enquanto ele pagava. Já escurecera ao voltarem para o carro.

A escuridão não contribuiu para acalmar-lhe os nervos. Spencer tinha dito o que fariam à noite e já era noite. Jenna não conseguia pensar em outra coisa, enquanto dirigia para Little Compton. Com as mãos contraídas no volante, não parava de pensar na casa, na cama arrumada

para Spencer, na própria cama e qual delas usariam.

Spencer também parecia mergulhado nos próprios pensamentos. Uma vez, quando passavam sob um poste, Jenna viu que ele estava com o cotovelo recostado na porta e a testa apoiada nas pontas dos dedos, e ficou preocupada achando que ele tinha mudado de idéia.

— Tudo bem? — perguntou.

— Tudo.

Ela hesitou e depois disse:

— Você parece zangado.

— Zangado não. — Ficou em silêncio. Depois suspirou, apoiou a mão na coxa e olhou para o pára-brisa. — Inseguro.

O coração palpitou mais forte.

— Inseguro se quer ir em frente?

— Inseguro sobre como ir em frente. Já seduzi mulheres um montão de vezes, mas você não quer ser seduzida. Você quer que seja impessoal. Nunca fiz isso antes.

Num rasgo de esperança, ela disse:

— Sabe, podíamos fazer do meu jeito. Tenho certeza que o médico não se oporia a nos encontrar no consultório amanhã.

— Esqueça — declarou Spencer. Não precisou justificar. O tom de voz dizia tudo.

Jenna sabia que era melhor não ignorar a mensagem. Sim, ela queria que eles fizessem do seu jeito, mas Spencer estava lhe fazendo um imenso favor. Estava ajudando-a a realizar o sonho de ter um filho. Um filho. Não podia se esquecer.

— Não vai ser difícil — disse num tom respeitoso. Se ele não sabia o que fazer, seria um cego conduzindo outro cego. — Nós dois sabemos como funciona. Não é o suficiente?

Ele não respondeu. Na verdade, não disse nada durante o resto do trajeto, o que entristeceu Jenna. No passado, sempre que estavam juntos, conversavam descontraídos. Ela adorava ouvi-lo contar sobre as viagens, aventuras, livros e como se percebesse o interesse dela, ele relaxava falando. Mas agora o ambiente estava carregado. Teve o péssimo pressentimento de que o relacionamento deles podia mudar para sempre e

rezava para que isso não acontecesse.

Ao estacionar, ele pegou as malas do assento traseiro e a seguiu. Ela hesitou no hall antes de dizer:

— Vou mostrar seu quarto. Você pode querer desfazer a mala. Conduziu-o para o andar superior.

O quarto escolhido era quase tão grande quanto o seu, mas do outro lado da casa. Na porta, moveu-se para o lado para deixá-lo passar.

Ele entrou, deixou a mala na cama e ficou parado com as mãos nos quadris, de costas para ela. A espinha estava ereta, o desconforto evidente.

— Se não gosta deste quarto — começou, e parou quando ele se virou brusco. O rosto estava sombrio, os olhos iridescentes aprisionando-a.

— Acho que devíamos fazer agora, já que nenhum de nós vai relaxar até terminar. Preciso de um banho. Encontro você no seu quarto em dez minutos, está bem?

Jenna sabia que ele tinha razão. Quanto mais tempo esperassem, mais nervosa ficaria — e já estava nervosa o suficiente. Começou a tremer. Não queria que ele notasse.

— Quinze minutos — barganhou, depois engoliu em seco e explicou. — Demoro mais no banho.

— Quinze então — concordou. Os olhos a fixaram por um momento, de um jeito que fez seu coração parar, antes de deixá-la sair.

Spencer demorou-se no banho. Depois de ter se ensaboado dos pés à cabeça, ficou parado com a água quente concentrada na nuca. A confusão com o manuscrito o tinha deixado chateado, mas ele suspeitava poder ter lidado melhor com a situação se Jenna não ocupasse seus pensamentos.

Nada de inseminação artificial, tinha dito com dignidade. Ou é pra valer ou nada. Quanta arrogância! Relação sexual entre mim e você. Quanta pretensão, e por que não? Era um cara bonito. Um ótimo amante. Poderia proporcionar à pequena Jenna McCue uma experiência inesquecível e, para completar, ela ia conseguir o bebê que queria.

Acreditara nisso tudo até alguns dias atrás, quando se deu conta da realidade — não era apenas o bebê que o incomodava. Jenna era a melhor amiga de Caroline e sempre tinha gostado dela. Era gentil e compreensiva. Aceitava seu estilo de vida. Também era vulnerável no que dizia respeito aos homens, algo que não havia percebido até ela ter feito a proposta no

aniversário de casamento de seus pais.

Não estava acostumado com mulheres vulneráveis — assim como não estava acostumado com mulheres pequenas. Estava acostumado com mulheres altas e exuberantes, seguras de sua sexualidade, que se aproximavam dele confiantes e famintas e exigiam tanto quanto davam.

Jenna não era nada parecida com essas mulheres, mas agora ele sentia-se responsável por ela. Queria agradá-la, mas não sabia a forma correta de fazê-lo. Ela queria que o encontro deles fosse uma transa simples e direta com o único propósito de conceber uma criança. Seu corpo queria mais.

Mudou de posição para que a força da ducha atingisse suas costas, depois levantou um braço e depois o outro para esticar os músculos. Supôs que poderia chegar a um meio-termo. Podia ser gentil, sem insistir nas preliminares. Podia fazê-la sentir-se bem, se ela deixasse. A pergunta era se ela ia querer. Desligando o chuveiro, ele pegou a toalha e se enxugou. Olhou seu reflexo no espelho embaçado, esfregou os cabelos, pegou uma escova de dentes e começou a escovar os dentes, todo o tempo imaginando Jenna no banheiro preparando-se para ele. Quando terminou de limpar a boca, um leve calor subiu-lhe pelas pernas.

Não, conseguir levá-lo não seria um problema. Mas preparar Jenna para recebê-lo poderia ser.

Olhou o relógio. Estava na hora. Enrolando uma toalha na cintura, Spencer deixou o banheiro e atravessou o corredor. O quarto de Jenna era o único com a luz acesa. Presumiu que aquele devia ter sido o quarto dos pais dela, mas não pensava neles quando parou na porta. Uma única luz fraca iluminava a cama. Ela estava ao lado, com as costas viradas para ele. Vestia um roupão comprido e branco e a cabeça estava inclinada. Só quando chegou perto viu que ela examinava algo na mão. — O que tem aí? — perguntou baixinho. Ela segurava uma fina pulseira feita de contas de vidro intercaladas com outras de marfim com seu nome.

— Meus pais mandaram fazer quando eu era pequena. Sempre adorei essa pulseira. Se eu tiver uma menininha, quero dar-lhe uma com seu nome, também.

Spencer olhou a pulseira por um instante, antes de seu olhar voltar-se para Jenna. O cabelo era escuro como a noite, caindo pelo rosto até os ombros. A pele era macia, o rosto rosado. Ela cheirava a flores primaveris e parecia incrivelmente jovem.

Ele tocou-lhe o cabelo.

— Acho uma ótima idéia. — Deslizou os dedos pelo cabelo ondulado.

Ela abaixou o queixo. O gesto o fez sentir-se ainda maior ao seu lado e mais protetor. Com gentileza pegou a pulseira de sua mão e a colocou na mesinha-de-cabeceira. Apagou a luz.

— Se dependesse de mim — disse, chegando bem perto — eu a deixaria acesa. Mas acho que você vai ficar mais à vontade assim.

— Obrigada — sussurrou.

Ele tocou-lhe a manga.

— Você está de camisola por baixo?

Ela meneou a cabeça.

Ele manteve a voz baixa e suave.

— Quer tirar esse robe?

Com a cabeça ainda baixa, ela desceu o tecido sedoso pelos ombros. Numa voz tensa, como se tentasse demonstrar bom-humor, sem êxito, ela comentou:

— Nesse mesmo momento, a enfermeira estaria me dizendo para eu tirar a roupa da cintura para baixo e subir na mesa.

— Não tem mesa aqui. Nem enfermeira. — Spencer calou-se. Numa voz ainda mais baixa, falou: — Tem algo mais que precise tirar da cintura para baixo?

Ela sacudiu a cabeça.

Esse tiquinho de informação lançou-lhe uma descarga elétrica do cérebro para a virilha. Precisando tocá-la, colocou a mão em seu pescoço. Ao mesmo tempo abaixou a cabeça para cheirar o suave odor de rosas.

Ela afastou-se. Foi para a cama, deitou-se e reclinou-se no travesseiro.

O quarto estava escuro, mas os olhos de Spencer tinha se adaptado o bastante para captar a tensão no corpo deitado à sua espera. O primeiro impulso foi ficar parado ali decidindo o que fazer em seguida, mas se hesitasse por muito tempo, ela podia voltar a falar do consultório médico e ele não podia, não queria isso. Era contra seu estilo. E sua virilha. Ele já estava excitado.

Ajoelhando-se, ele engatinhou através da cama king size até a coxa encostar no quadril de Jenna. Tocou-lhe o rosto e sussurrou:

— Não há motivo para ter medo.

— Não estou com medo.

Ele contornou-lhe o maxilar:

— Então tensa.

— Só quero tanto que isso funcione...

— E vai, se você relaxar. Posso ajudá-la. — A mão acariciou-lhe o pescoço e desceu.

Os olhos estavam arregalados no escuro.

— Não precisa, Spencer. Realmente, estou bem. Estou realmente bem.

— Bem, eu não estou — disse ele usando uma tática diferente. Enfiando-se nas cobertas, esticou-se a seu lado, olhando-a. — Quero você agora, quero tanto você...

— Não precisa dizer isso.

— Mas é verdade. — Para demonstrar, deitou-se em cima dela e deixou-a sentir o peso da parte inferior de seu corpo. Sabia que tinha atingido o objetivo, quando ela arfou. — Acredita em mim?

— Acredito.

— Então relaxe as pernas um pouco para que eu sinta você.

— Isso é tão constrangedor, Spencer — murmurou, mas obedeceu. Voltou a arfar ao sentir o corpo colado ao dela.

— Tudo bem? — perguntou.

— Tudo.

— Eu devo ficar por cima, não é?

— É... Eu vou perder... menos... Isso é tão constrangedor.

— Não, não é. É gostoso. — Ele moveu-se devagar. — Não sei por que não pensei nisso antes.

A voz dela falhou.

— Você não pensou porque não sou seu tipo.

— Se você não é meu tipo, por que estou tão duro? Além disso, como

pode saber qual é o meu tipo?

— Caroline me contou.

— Caroline não sabe de nada. — Ele se perguntava se ele mesmo sabia, já que conhecia Jenna todos esses anos sem ter visto as possibilidades, mas isso eram águas passadas. Segurando o peso de seu corpo com cuidado, ele murmurou: — Tenho medo de machucar você se não estiver pronta, então vou tocá-la, Jenna. Só um pouco. Sei que não quer que as coisas funcionem desse jeito, mas se machucar você não vou conseguir continuar. Quero que você também goste.

— Não preciso disso.

— Mas eu preciso. — Ele abaixou a cabeça e beijou a pele quente de seu pescoço, beijou-a bem devagar; depois, sem planejar, com mais ênfase, pois o perfume mexia com ele. Mexia tanto que o surpreendeu. Os músculos tremiam ligeiramente quando levantou a cabeça. — Caramba.

Ela ficou instantaneamente alarmada.

— O que está errado?

Ele riu, depois cochichou:

— Nada. — Mergulhou o rosto em seu pescoço e ondulou, perdendo o controle, contra ela. Não podia acreditar estar tão excitado. Quem sabe por não ter uma mulher há algum tempo? Mas tinha atravessado períodos de seca antes sem esse desejo ardente. Com os lábios colados a seu pescoço avisou: — Não sei por quanto tempo posso agüentar, Jenna.

Os braços dela, parados até então, cruzaram-se em suas costas. Enfiou as unhas nos músculos.

— Não espere. Não espere. Agora.

Mas ele precisava saber se ela estava pronta. Então passou a mão pelo seu torso e entrou por baixo da camisola. A pele macia da coxa contra a palma da mão queimava como fogo, mas não mais do que a respiração ofegante. Isso também o deixou excitado. Era o som mais bem-vindo do mundo no momento.

— Você está bem? — sussurrou rouco.

Mal respirando, ela sussurrou de volta:

— Estou.

Ele a tocou entre as pernas e um som baixinho veio de sua garganta.

— Você é doce — murmurou. — Tão doce. — Ele a acariciou de leve, encontrando o caminho. Logo depois de encontrar a resposta que precisava, continuou a acariciá-la. — Quero beijar você, Jenna.

— Não!

— Quero sua boca. — Ele abaixou a cabeça, mas a súplica em tom nervoso o deixou imóvel.

— Não, Spencer, por favor. Beijos dão a impressão de sermos o que não somos. — Ela parou e deixou escapar um involuntário gemido. Ao mesmo tempo, com um movimento tão sutil que podia passar despercebido a um amante desatento, ela moveu os quadris contra a mão dele.

Spencer quis comentar, mas ela estava pronta e ele, com toda certeza, estava pronto para ela. Afastando as mãos dela só o suficiente para tirar a toalha, entrelaçou as pernas nas dela, afastando-as, e posicionou-se. Ele prendeu-lhe as mãos no alto da cabeça. Depois a olhou bem de perto enquanto mergulhava naquele calor.

Ela era apertada. Deliciosamente apertada. Ele deixou escapar um gemido e sorriu para ela.

— Como se sente?

— Completa.

— E assim. — O sorriso persistiu. Alargou-se numa agonia de prazer quando se distanciou e mergulhou novamente. Ele gemeu dessa vez e com uma pressão contínua penetrou ainda mais. — Jenna, meu Deus, Jenna — sussurrou. Queria rir ou abraçá-la ou arrancar a camisola e percorrer-lhe o corpo todo com as mãos. Em vez disso, com outro gemido, disse: — Está tão gostoso.

— Não sou muito pequena?

Ele deu uma risada, depois emitiu um som baixo, do fundo da garganta.

— Diabos, não. Nós nos encaixamos — ele arfou, trêmulo — muito bem. — E para provar, entrou e saiu de seu corpo.

Ela deixou escapar um gemido ofegante.

— Fico contente. — As mãos dela espalmaram-se em seu peito, as palmas das mãos acariciando-lhe os mamilos, afastando-se e voltando a acariciá-los quando ele respirou fundo. — Quero um bebê, Spencer — gritou. — Me dê um, por favor. Promete me dar um?

A lembrança de seu propósito poderia ter apagado pelo menos um pouco do fogo de Spencer, mas não. Pelo contrário. Ele sentiu uma onda de calor súbita e intensa. Submisso à exigência do próprio corpo, moveu-se contra o corpo de Jenna num ritmo acelerado que ganhou velocidade e profundidade até que com uma última e potente investida, acompanhada de um grito quase selvagem, explodiu dentro dela.

O orgasmo não parava. Ele estava ensopado de suor quando finalmente desmoronou em cima dela e mesmo então, mantinha o bumbum comprimido para poder ficar dentro dela até o último pulsar de prazer se extinguir. Por fim, depois de um tempo até recuperar o fôlego, rolou para o lado.

Jenna estava de barriga para cima, a cabeça virada para olhá-lo. Mesmo no escuro, podia ver a expressão de expectativa. Sabia que ela estava pensando no bebê e sentiu uma ponta de decepção. Seu ego queria que ela elogiasse sua performance na cama, que esquecesse o motivo por trás da sessão de sexo. Mas ela se esforçava em manter-se racional. Talvez fosse melhor assim.

Com suavidade, cobriu-lhe as coxas com a camisola. Isso feito, colocou os dedos em seus lábios. Depois limpou a garganta.

— Então? Não conseguimos? Você sentiu aquela pequenina centelha quando o esperma entrou no óvulo?

Ela estava deitada tão paradinha e demorou tanto a responder que ele se perguntou se algo estava errado. Estava prestes a perguntar em voz alta, quando em voz baixa ela respondeu:

— Não há nenhuma pequenina centelha; pelo menos nenhuma que eu seja capaz de sentir.

— Você se sente diferente?

— Não sei.

— O que quer dizer?

Imóvel, ela replicou:

— Significa que me sinto diferente, mas não sei se tem a ver com o bebê ou não.

— Se não é por causa do bebê, por que seria?

Levou um tempo antes de ela dizer, numa voz ainda mais baixa:

— Pelo que acabamos de fazer.

Spencer sentiu como se tivesse levado um golpe.

Virando-se de bruços, apoiou-se no cotovelo com a cabeça a centímetros da dela.

— Foi bom, Jenna?

— Foi ótimo! — disse ela numa explosão de entusiasmo. — Você é incrível. Quero dizer, se algum homem pode me engravidar...

— Para você — interrompeu-a e colocou-lhe a mão na barriga. — Foi bom para você? Você se sentiu bem aqui embaixo? — Spencer começou a mover a mão para baixo, mas ela a segurou e a manteve parada.

— Foi bom. — Ela fez uma pausa até admitir. — Melhor do que imaginei.

— Por que achou que não seria? — Ele estava pensando bastante sobre isso, se perguntando por que alguém como Jenna não tivera experiências incríveis com homens. — Uma vez eu lhe disse que o problema tinha de ser dos caras, pois acredito, mais do que nunca, não ter nada errado com você. Mas por que estava esperando o pior de mim?

— Não estava esperando o pior. Só não estava fazendo isso por prazer.

— E não teve nenhum?

— Tive — disse baixinho.

Ele ficou aliviado ao ouvir. O próprio prazer tinha sido tão intenso; estava se sentindo muito egoísta.

— Queria que tivesse demorado mais. Posso fazer agora para você? — Ele tentou mover a mão para baixo, mas ela segurou-a com mais força.

— Não. Estou bem. Sério, Spencer.

— Mas eu queria.

Ela sacudiu a cabeça de leve.

— Então me deixe ao menos abraçar você. — Esticava os braços quando ela soltou um gritinho e colocou-lhe a mão no peito para impedi-lo.

— Preciso ficar deitada imóvel por alguns segundos. Quanto menos me mover, maiores as chances de algo chegar aonde deve.

Spencer podia entender o argumento, mas sentia uma necessidade incontrollável.

— Tudo bem — disse em tom agradável e ergueu-se. Ajeitou os travesseiros até ficarem a contento. Acomodou-se de um jeito que pudesse passar um braço por baixo de Jenna e puxá-la para perto sem ela mover um milímetro da parte de baixo. — Se a montanha não vai a Maomé... — disse com um suspiro.

— Você não precisa fazer isso, Spencer. Não faz parte do combinado. Você tem trabalho a fazer. Você não está obrigado deitar aqui...

Ele cobriu-lhe a boca com a mão.

— Se quisesse trabalhar, trabalharia. Se quisesse me levantar, me levantaria. Acredite em mim, Jenna. — Retirou a mão.

— Mas...

Ele pôs a mão de volta.

— Meu Deus, você parece um disco quebrado! Sim, eu sei que estou aqui apenas para ajudar a fazer um bebê, que tudo o mais é desnecessário, mas eu quero abraçar você, quero apenas abraçar você. A não ser que você realmente não queira ser abraçada. Nesse caso, vou para a outra extremidade da cama e ficarei estatelado até recobrar minhas forças para atravessar o corredor. Caso tenha esquecido, acabo de dar tudo de mim!

Jenna relaxou contra ele.

— Nem tudo... — resmungou, em tom de brincadeira. — Você ainda tem forças suficientes para discutir.

— Pouca.

Ela emitiu um som contra seu peito. A respiração dela arrepiou-lhe os pêlos. Ele ficou atônito quando o arrepio percorreu-lhe o corpo.

— Jenna?

— Sim.

— Você está se sentindo menos constrangida?

— Um pouco.

— Não há motivo para se sentir constrangida.

— Há. Você é você.

— E você é você, mas não estou constrangido.

— Homens são menos sensíveis quanto a esse tipo de coisa.

— Tipo ter um bebê? Está brincando?

— Estou falando sobre fazer sexo. Você pode descer amanhã para o café da manhã como se nada tivesse acontecido. Para mim, pode ser mais difícil.

— E assim deve ser. Algo aconteceu. Mas isso não significa que olhar um para o outro precise ser difícil.

Ela soltou um suspiro profundo, ligeiramente trêmulo. Ele voltou a ficar arrepiado.

— Quando você faz isso — disse numa voz baixa, ao mesmo tempo uma brincadeira e um aviso. — Eu começo a pensar no que está debaixo da camisola e que quero sentir, mas não posso. — Ele se virou para que ela pudesse sentir o que esse pensamento fazia com ele. Com a boca colada a seu ouvido, cochichou: — Por quanto tempo precisa ficar imóvel?

— Um pouquinho mais.

— Podemos fazer de novo depois?

— Não. Precisamos esperar até segunda-feira.

— Mas quero você de novo agora.

— Spencer!

— Eu quero. Não pode sentir? — perguntou, sabendo que ela sentia a ereção pressionar a virilha.

— Precisamos esperar até segunda, Spencer. Desse jeito vamos otimizar as chances de concepção.

Ela não estava entendendo. Deliberadamente, fazia ouvidos de mercador. Ele a achava atraente e se, por um lado, tinha ganas de sacudi-la com força, por outro só queria fazer amor com ela novamente, sentir aquele intenso prazer, fazê-la sentir o gosto do prazer dessa vez.

Já que não haveria vencedores — e já que compreendia a importância de Jenna ficar deitada imóvel — desistiu. Podia agüentar até segunda, supunha. Teria que fazê-lo.

Capítulo Seis

JENNA acordou no domingo de manhã sentindo o cheiro de Spencer na cama. Enfiando o rosto no travesseiro, inspirou. Virou-se de lado, puxando o travesseiro com ela, os olhos ainda fechados. Manteve-os cerrados, lembrando-se dos acontecimentos da noite anterior.

Suas estranhas formigaram. Colocou a mão na barriga. Será que um bebê já se anunciava? O pensamento a trouxe de volta à terra junto à consciência do que devia fazer. Pegando o termômetro na mesa-de-cabeceira, colocou-o debaixo da língua. Cinco minutos depois, satisfeita, guardou-o na caixa.

Perfeito. Os ovários estavam prestes a soltar um óvulo e havia um exército de espermatozóides à espera para fertilizá-lo. As condições eram as melhores. O médico ficaria satisfeito.

Sorrindo, recostou-se e, nesse instante, sentiu-se mais tranqüila do que nunca. No momento seguinte, sentiu uma carga de energia. Afastando as cobertas, pulou da cama e dirigiu-se para o banheiro.

Quando saiu, já tinha tomado banho, prendido o cabelo e se pintado — nada do que faria normalmente aos domingos, sozinha em casa. Mas não havia nada de normal naquele domingo. Tinha um hóspede que queria impressionar com seu comportamento, maturidade e competência. Com esse objetivo, abriu mão dos shorts e da camiseta habituais por uma calça branca justa, mais sofisticada, e uma camisa comprida azul-marinho que prendeu com um cinto nos quadris e um sapato da mesma cor.

Apurou os ouvidos esperando sinal de Spencer, mas não ouviu nada. Ele ficara acordado até tarde na noite anterior — ouvira seus passos pela casa — e devia estar dormindo. Agradecida, desceu pé ante pé as escadas e foi para a cozinha, onde, evitando fazer ruído, preparou o café. Tinha acabado de fechar a tampa e estava se virando, quando uma súbita aparição a fez dar um salto.

Ofegante, colocou a mão no coração.

— Não ouvi você.

Ele estava descalço na porta, usando um jogging velho. Uma escura penugem cobria-lhe o queixo, diminuindo o efeito da cicatriz. Ele estava sonolento e desalinhado e tão fofinho. Ao mesmo tempo tão másculo — mesmo se não tivesse sentido o cheiro dele nos lençóis, mesmo se não tivesse pensado nele enquanto tomava banho, mesmo se não tivesse

compartilhado de tanta intimidade na noite anterior, ela se sentiria atraída. Ajudava o fato de seus olhos estarem semicerrados; se aqueles olhos azuis elétricos estivessem bem abertos, ela teria se derretido no ato. O rosto já estava ruborizado o suficiente.

Numa tentativa de ganhar tempo para se acalmar, Jenna abriu a geladeira. Tinha ido ao supermercado no sábado.

— Quer omelete de queijo? Tenho um cheddar de Vermont maravilhoso. Ou de presunto. Ou de cebola. Ou tudo junto. — Ela se ergueu, deu um passo atrás e esbarrou nele. A cabeça girou, os olhos se encontrando. — Desculpe. Não ouvi você se aproximar. — Ela inclinou-se na geladeira. — Se preferir tenho pão e cream-cheese. Ou você pode comer omelete e pão...

— Jenna.

Ela colocou uma caixa de suco de laranja na bancada.

— Hum?

— Olhe para mim, Jenna. Ela lançou-lhe um olhar rápido antes de voltá-lo para a manteiga.

— Quem sabe panquecas?

Ele colocou-lhe as mãos nos ombros e a virou.

— Jenna, olhe para mim.

Essa era a última coisa que ela queria fazer. Olhar para ele lhe traria de volta a imagem do que tinham feito na cama e isso a deixaria em pânico. Mas não era covarde. Reunindo a compostura reservada à presidente e chefe do conselho da McCue, levantou o queixo e encontrou-lhe o olhar.

— Você ainda está constrangida — acusou-a.

— Um pouco.

— Mas por quê?

Ela sabia que ele devia estar surpreso. O que representava uma noite de sexo para ele? O número de mulheres com quem fizera amor superava em muito o número de namorados que ela tivera. Ele não tinha inibições; era mais seguro em relação ao próprio corpo do que ela jamais seria com o seu. Ele não poderia compreender o desconforto que ela sentira sabendo ser ele o irmão mais velho de Caroline, um renomado aventureiro e escritor. Ele era maior do que a vida e embora em sua própria esfera ela fosse bem-sucedida e sofisticada, essa esfera era limitada. A dele não.

Mas não queria falar sobre isso. Então disse:

— O marido de uma de minhas amigas é ginecologista. Shannon não entende não ter me consultado com ele, mas não havia a menor chance. Algumas coisas precisam de distanciamento. Se Don fosse meu médico, toda vez que o encontrasse, fosse num jantar aqui em casa ou numa festa, no cinema, no correio ou no supermercado, eu saberia — nós dois saberíamos — o que ele tinha visto e tocado. Eu ficaria morta de vergonha. — Fez uma pausa e concluiu: — Fazer sexo com você é mais ou menos parecido. Você não é meu amante. Você é meu... meu... não sei como chamá-lo. Spencer repreendeu-a.

— Não vi muita coisa. Estava escuro.

— Mas me tocou.

— E gostei. — Ele a sacudiu devagar. — Então não há motivo para morrer de vergonha. Deveria estar orgulhosa, Jenna. O que fez na noite passada foi bom de verdade.

Ela queria acreditar. Queria acreditar que ele não estava dizendo isso apenas para animá-la. Ele era capaz disso. Tinha visto o jeito com que apoiou Caroline quando, logo depois do casamento, estava convencida de que o casamento estava fracassando. Ironicamente, considerando que ele era contra a instituição casamento, convenceu-a de que era preciso paciência, compreensão e renúncia. Caroline ouvira os conselhos. O casamento sobreviveu ao início instável e se tornou sólido.

E claro, Spencer podia ser convincente. Jenna queria acreditar em cada palavra que ele dissesse. Entretanto, não achava ajuizado. Uma mulher podia se tornar viciada em elogios do gênero, e em breve Spencer iria embora. Com isso em mente, disse:

— Sou realmente agradecida por tudo, Spencer. Espero que tenha consciência disso. Meu bebê vai ser tão maravilhoso... e devo isso a você.

Os olhos azuis a censuraram por tentar mudar de assunto.

— Você pode também me agradecer relaxando enquanto eu estiver por perto. Pode também me agradecer se mostrando um pouco desarrumada de vez em quando. Você não precisa de toda essa elegância.

— Não estou elegante.

Ele a examinou.

— Blusa de seda? Cabelo num coque? Maquiagem? — Ele a desafiou com uma sobancelha levantada. — Numa manhã de domingo?

Ficou mergulhada em culpa.

— Eu sei o que está fazendo, Jenna. Está tentando fazer com que tudo seja profissional, mas algumas coisas não têm nada a ver com negócios, e essa é uma delas. Com certeza, o que estamos fazendo não é convencional. É um acordo, tem um objetivo específico, mas isso não significa que tem que ser frio ou vulgar. Não dá para ser objetiva num assunto do gênero. Há sentimentos e emoções envolvidos. — Ele lhe deu outra sacudidela. — Não vou deixar você reprimi-los, está ouvindo?

— Não posso fazer outra coisa além de escutar — disse baixinho.

— Mas vai mudar?

— Vou tentar.

Ele a olhou mais um minuto antes de levantar as mãos, num gesto de concessão.

— Está bem. Combinado.

Ela não esperava que ele a soltasse tão facilmente. O fato é que ele tinha aumentado sua auto-estima.

— Então, o que vai querer para o café da manhã?

Sem pensar duas vezes, ele enunciou:

— Uma omelete caprichada, pão, mas nada de panquecas e posso ajudar a fazer a omelete. Cozinheiro há anos.

Não ficou surpresa. Spencer era o homem mais independente que conhecia.

— Acredito, mas você está na minha casa, é meu convidado, e me fazendo um favor monumental. Você não me deixou pagar o jantar a noite passada. O mínimo que posso fazer é preparar seu café da manhã. Além do mais, se não me permitir, jamais saberá o tipo de cozinheira que serei para seu filho.

Ela sabia ter sido convincente quando ele voltou a levantar as mãos, dessa vez rendendo-se.

— Faça meu café da manhã. Vou tomar um banho enquanto isso. Assim que eu comer, vou precisar trabalhar.

Jenna não tinha certeza do que deveria fazer, mas certamente nada obstinado como a maneira com que Spencer sentou no escritório e trabalhou no livro. Achou que ele faria intervalos. Achou que ele iria se

inteirar do que ela estava fazendo. Achou que ele iria andar de um lado para outro, enquanto meditava sobre uma determinada passagem. Mas ele ficou sentado parado, com o lápis na mão, mal se movendo da cadeira a manhã inteira.

Primeiro ela se sentou no pátio atrás da casa lendo o jornal de domingo, esperando que ele se juntasse a ela a qualquer instante. Ela se certificou de que a blusa não estava fazendo uma barriguinha, que não seria pega lendo as histórias em quadrinhos, que as pernas estavam graciosamente dobradas. Quando os minutos se transformaram em horas e percebeu que todos os esforços foram em vão, começou a executar as tarefas habituais de um domingo. Mudou a roupa de cama e colocou as sujas na máquina de lavar. Examinou o closet para separar as roupas a serem levadas para a tinturaria no dia seguinte. Examinou a correspondência. Ligou para o diretor de marketing para discutir a nova propaganda.

Esperou Spencer na hora do almoço. Quando ele não apareceu, ela levou um enorme sanduíche de peru e um refrigerante para ele. Terminou os dois em tempo recorde, recusou outros e deixou o escritório apenas para ir ao banheiro antes de voltar ao trabalho.

Parou para jantar, mas só às 8 da noite e só para uma pizza na cozinha. Jenna ficou estranhamente decepcionada. Queria cozinhar, mas ele estava preocupado demais para apreciar o esforço e se satisfez com uma pizza. Ela ligou para fazer o pedido. Enquanto ele comia, fez perguntas sobre o livro. Era sobre uma longa expedição através das florestas do Amazonas em busca de uma tribo de índios conhecida por usar plantas medicinais para curar certos tipos de câncer. Embora a eficácia das plantas ainda precisasse ser provada, o tema da história de Spencer consistia no estilo de vida dos índios.

— Quando posso ler? — perguntou.

Seu entusiasmo, tão evidente no tom de voz e na expressão, era contagiante.

— Quando eu publicá-lo na próxima primavera.

— Não posso ler antes?

Ele sacudiu a cabeça.

— Ninguém lê antes, exceto meu editor. — Ele contorceu o rosto. — Não que ele vá gostar desse. — Ele levou o prato para a pia. — Tenho a impressão de que ele vai brigar comigo. Estava esperando por uma caça ao tesouro. Ofereci-lhe um estudo antropológico. Ele pode alegar não gostar

da forma como organizei a história, mas isso é apenas uma desculpa.

— O que ele tem contra seu estudo antropológico?

— Não é uma caça ao tesouro.

— Mas pode ser fascinante.

— É fascinante — Spencer bufou — mas convencê-lo é outra história. — Colocou o prato dela na máquina de lavar e fechou a porta. — Tudo bem, de volta ao trabalho.

— Você nunca fez um estudo antropológico antes — disse Jenna, virando-se para que a voz o alcançasse quando ele saiu.

— Bem, chegou a hora! — gritou, antes de desaparecer de seu campo de visão.

Ela quis perguntar mais coisas, mas ele foi sugado pelo escritório. Então ela lhe levou café e manteve a xícara cheia, depois preparou brownies e lhe ofereceu. Às 11 da noite, percebendo não ter muito mais a fazer, decidiu ir para a cama. Foi até a porta do escritório. Esperou até ele fazer uma pausa e levantar a cabeça.

— Acho que vou me recolher. Quer um bule fresco de café?

Ele recostou-se na cadeira e a olhou com olhos cansados.

— Não. Tenho o suficiente para me manter de pé por um tempo. A que horas você sai amanhã?

— Às 7h 15. Tenho uma reunião às 8h00. Você vai passar o dia trabalhando?

Com um olhar desesperado para os papéis que cobriam a mesa desordenadamente, ele concordou com a cabeça.

— Quando vai estar de volta?

Jenna sentiu um frio na boca do estômago. Amanhã à noite era "a" noite. De novo.

— Às 17h30. Quer comer em casa ou sair para jantar?

— Sair. Vou ficar alucinado trancado aqui, mas não quero aparecer na casa de meus pais ou de Caroline. — Interrompeu-se e indagou: — Caroline sabe que estou aqui?

— Não contei. Você lhe diria se quisesse.

— Isso a deixaria mais desconfortável ainda. Ela perguntou sobre minha decisão?

— Perguntou, mas menti dizendo que ainda estamos discutindo o assunto.

— Quando ficar grávida vai contar a verdade?

— Não tenho certeza — disse Jenna, acrescentando meiga: — Provavelmente não. Acho melhor assim. — Mudou de assunto antes que ele fizesse qualquer comentário. — Então, onde vai querer jantar?

— Em algum lugar onde a gente não esbarre com ninguém disposto a falar durante três horas. E não quero me arrumar todo. Alguma sugestão?

— Vou pensar num lugar — prometeu e levantou a mão casualmente. — Boa noite. — E saiu.

— Jenna? — Ela voltou e notou os olhos subitamente menos cansados que alguns minutos antes. Estavam mais calorosos, mais diretos e penetrantes. Mandavam uma mensagem inconfundível. — Vou esperar ansioso.

Mantendo a pose, ela simplesmente acenou e saiu, mas as palavras ressoaram-lhe na cabeça até chegar ao quarto. Voltou a pensar nelas ao se deitar na cama, esquecida do livro no colo. Permaneceram em sua mente até dormir e voltaram tão logo ela acordou na manhã seguinte. Quando o termômetro lhe mostrou que estava ovulando, as palavras assumiram um significado mais prático. Entretanto, mesmo assim, afastou-as enquanto se arrumava para o trabalho.

Jenna passou a manhã ocupada, de uma reunião para outra. Quando parou na hora do almoço, pensou no que Spencer estaria fazendo. O telefone a atraía, mas resistiu. A relação entre eles era profissional, lembrou-se, e não telefonava para os colegas de trabalho para saber se tinham almoçado.

Então, em vez de ligar para Spencer, voltou ao trabalho e, por um tempo, conseguiu mergulhar no estudo das últimas planilhas da empresa. Entretanto, à tarde, a mente começou a vagar e sempre na mesma direção. Pensou em Spencer vindo a seu encontro, tocando-a, no calor da pele e no tamanho do sexo. Sentiu-se afofueada e trêmula. Acabou por sair mais cedo do trabalho e dirigiu sem rumo por uma hora buscando relaxar antes de voltar para casa.

Spencer dormia a sono solto. Depois de percorrer a casa à sua procura, encontrou-o no pátio, esparramado de bruços na espreguiçadeira.

Os pés descalços pendurados, um braço debaixo do corpo, o outro dobrado no piso, os dedos compridos abertos. Ficou em dúvida se devia acordá-lo, mas não teve coragem. Então ligou para o restaurante — um lugar sossegado em Providence, onde nenhum deles seria reconhecido, e cancelou a reserva. Depois colocou um vestido de verão simples e, deixando um bilhete na bancada, caso ele acordasse enquanto ela estava fora, foi ao mercado local comprar camarões frescos.

Spencer ainda estava dormindo quando voltou, o que a agradou tremendamente. Gostava da idéia de ele ter o repouso merecido. Também gostou da idéia de preparar o jantar, o que era divertido considerando-se que ela era uma executiva e não uma cozinheira — mas, nos últimos dias, o instinto maternal tinha vindo à tona. Spencer não era uma criança, mas a vontade de alimentá-lo se manifestara. Considerou o que estava fazendo como um exercício.

Com três diferentes livros de culinária abertos na bancada, preparou camarão ao curry, arroz com açafrão e uma salada de pepino. Com Spencer ainda dormindo, pegou um quarto livro de culinária e preparou um creme de morangos e, como ainda tinha tempo, preparou uma torta de maçã de sobremesa.

A essa altura, o sol tinha se posto e ela começou a se questionar se ele estava bem. Foi para o pátio escuro e ajoelhou-se a seu lado. Só um de seus olhos, fechado, estava visível. A cicatriz estava mascarada pela noite e menos ameaçadora que de hábito. Na verdade, ele parecia frágil.

Sem ter certeza se preferia o Spencer frágil ou o enérgico, afastou-lhe os cabelos da sobrancelha e pousou a mão em suas costas. A pele estava quente debaixo da camiseta, os músculos rijos.

— Spencer — chamou baixinho. — Spencer.

Ele respirou profundamente e continuou a dormir. Ela sacudiu-o de leve.

— Spencer.

— Humm.

Ela queria saber se ele se levantaria. Já que obviamente não estava inconsciente, se quisesse dormir mais não iria impedi-lo. O jantar podia esperar.

Estava prestes a se levantar, quando ele respirou fundo, apertou os olhos e abriu-os. O olhar atingiu seu ombro, ali permanecendo até tomar consciência do que olhava. Depois, levantou-o, bem lento, até seu rosto.

Ele parecia confuso. Ela deixou escapar um sorriso.

— Estava começando a achar que você tinha contraído a doença do sono na selva.

— Hum-hum — murmurou, sem mover a boca.

— Você trabalhou o dia inteiro?

— Ahã.

— E a noite inteira?

— Ahã.

— Terminou a revisão?

— Quase. — Ele bocejou e moveu a cabeça para poder fitá-la com os dois olhos. Tirando a mão do piso, colocou-a debaixo do corpo. — Que horas são?

— Quase 9 da noite.

— Você devia ter me acordado antes.

— Você estava cansado.

— Mas tínhamos combinado sair para jantar.

— Não faz mal. Podemos comer aqui. Andei cozinhando...

— Depois de trabalhar o dia inteiro?

— Estou treinando. Vou ter que cozinhar para o bebê, cansada ou não. Além do mais, não me importo. É uma mudança. Mas, é claro, não posso garantir o resultado.

— A omelete estava ótima. Você é uma cozinheira fantástica.

— Ainda sou aprendiz. Não tenho muita prática.

— Você não cozinhava quando morava com seus pais?

— Sempre tivemos cozinheira.

— E por que não tem uma agora?

— Porque seria pretensioso. Um desperdício de dinheiro e desnecessário. Não como muito.

— Dá para ver — murmurou. No escuro, seu olhar desceu dos ombros para os seios.

— Não sou muito magra — disse, se defendendo. — Se não me cuidar, vou ficar gorda.

Ele franziu a testa.

— Quando você era mais jovem, não era um pouco...

— Gorda?

— Gorda não.

— Rechonchuda.

— Rechonchuda não. Robusta.

— Dá na mesma. Nossa cozinheira era ótima...

— Fazia brownies todo tempo, não é?

Ela lembrou-se do prato que tinha levado para ele na noite anterior. Sobravam alguns quando saiu para o trabalho, mas tinham sumido quando voltou. Não que Spencer precisasse se preocupar com o peso. Era magro, mas forte, o que num homem era maravilhoso.

— É, fazia... — admitiu com um suspiro. — E um monte de outras guloseimas incrivelmente engordativas. Só perdi peso quando entrei para a faculdade. Quando fiz o curso de graduação, só comia comida saudável. Tinha meu próprio apartamento na época, então foi fácil. Meus gostos são simples. Comida básica. Não é muito divertido cozinhar para uma pessoa. — Pensando no prazer que experimentara aquela noite na cozinha, disse: — É mais divertido cozinhar para dois. — Mas ao se dar conta de que suas palavras podiam ser interpretadas erroneamente, acrescentou: — Deus proteja esse bebê se não gostar de alta culinária.

Spencer continuou deitado quieto, fitando-a. Com a luz enfraquecendo a descarga elétrica de seus olhos, ela se sentiu surpreendentemente à vontade.

— O bebê vai gostar de qualquer coisa que faça.

— Espero que sim.

— Você vai ser uma boa mãe.

Ela sorriu.

— Espero que sim.

O sorriso ainda estava em seu rosto quando a mão dele saiu de debaixo do corpo e foi para a parte de trás da cabeça dela. Desapareceu

quando ele retirou um grampo.

— Gosto de seu cabelo solto — disse com voz rouca, tirando um segundo grampo.

O pulso acelerou. Queria pedir que parasse, mas as palavras não saíam. Queria se levantar e voltar para a cozinha, mas as pernas não obedeciam. Um por um, retirou os grampos até o cabelo cair-lhe nos ombros. Ele separou os cachos, formando pequenas mechas, massageando o couro cabeludo onde os grampos estiveram presos.

Jenna sentiu um calor súbito.

— Talvez eu deva ir olhar o camarão.

— Não. Eu quero você, não o camarão.

— A mim? — O coração bateu com mais força. — Agora?

Ele colocou a mão em sua nuca.

— Venha aqui. — Fez uma leve pressão que a desestabilizou. Tirando vantagem disso, puxou-a e, embora ela tivesse se apoiado buscando o equilíbrio, antes que pudesse fazer mais, estava debaixo dele no colchão.

— Spencer...

Ele tocou-lhe os lábios.

— Quietinha! — Escorregou a palma da mão pelo pescoço até o decote do vestido. — Você está *sexy*.

— Não era minha intenção. — Prendeu a respiração ao sentir-lhe a mão no seio. — Spencer...

— Tudo bem, querida, tudo bem. — Ele alisou o vestido de verão de um jeito capaz de causar descargas elétricas. Emitiu um som baixo quando ele esfregou-lhe o seio com o polegar. — Isso é gostoso, não é?

Isso era incrivelmente gostoso.

— Não podemos.

— Não podemos o quê?

Lutou para encontrar uma resposta. Ele tinha passado a mão para o outro seio. Depois de contorná-lo, abriu a mão e colocou o polegar e o dedo mindinho nos dois mamilos de uma vez. Só lhe restou um pouquinho de ar, suficiente apenas para sussurrar:

— Não podemos fazer aqui.

— Claro que podemos. Ninguém vai ver. Você é dona de todos os acres ao redor.

— Mas no pátio? — suplicou, porque a mão descia-lhe pelo corpo, deixando-a em fogo. — Não tem cama.

Ele colocou a mão debaixo do vestido.

— Nunca faço amor no mesmo lugar duas vezes. Não lhe contei?

— Não. — Ela quase engasgou quando ele tocou-a naquele ponto quente e molhado. — Spencer!

Ele sorriu. Tudo que ela podia ver era o brilho de seus olhos, pois estava muito escuro, mas podia escutá-lo com clareza e sabia o motivo do riso.

— Eu quero um bebê.

— Neste momento você me quer. — Tirou a mão de seu corpo para lidar com os shorts. — A química é perfeita. Você não pode negar.

— Não planejei isso.

— Algumas das melhores coisas da vida não são planejadas. — Tendo se libertado dos shorts, puxou-lhe a calcinha. — Levante.

Ela se levantou.

— Não me sinto à vontade fazendo isso aqui.

— Vai ficar quando se lembrar. — Ele jogou a calcinha para o lado e foi para o meio de suas pernas. Enfiando as mãos por baixo de seu bumbum, a puxou para ele. — Quando você tiver seu bebê, vai se lembrar disso tudo e rir.

— Vou me lembrar disso tudo e ficar ruborizada... Spencer!

— E lá vamos nós. Bem fundo. — Ele emitiu um som gutural, mistura de ronco e ronronar. — Meu Deus, meu Deus, como é gostoso.

— Não acredito nisso!

— Enrosque as pernas em volta de mim, meu docinho. Assim, ohhh, assim, não está melhor?

— No pátio!

— Não tenho certeza se posso ir devagar. Diga se eu machucar você,

está bem, querida?

A princípio Jenna não o ouviu. Suas entranhas estavam ardendo com o mais intenso prazer. Ela o apertou com as coxas, depois com os braços quando se sentiu desvanecer.

— Está gostoso? — perguntou numa voz sensual, provocando-a com o movimento rítmico dos quadris.

A voz dela quase inaudível:

— Não devia ser.

— Mas você está gostando. Ué, o que foi isso?

— O quê?

— Você fez alguma coisa por dentro. Ela contraiu os músculos novamente.

— Isso?

Ele soltou um gemido torturado e entrou ainda mais e foi a vez dela gemer. A sensação era nova, intensa. Nenhum homem jamais a excitara dessa maneira. Não conseguia pensar em nada além da ereção, do calor e do tamanho dele e do cheiro que começava a reconhecer como dele, talvez deles. Precisando de mais, contorceu-se. As mãos moveram-se nos pêlos do peito. Agarrou-lhe os ombros e acompanhou-lhe o ritmo.

Colando a boca em seu pescoço, ele arqueou-lhe as costas e acelerou o ritmo. Querendo senti-lo todo, ela levantou as pernas e prendeu-as na cintura dele. A realidade começava a se desvanecer quando, com um grito rouco, Spencer chegou ao clímax.

Adorando o som triunfante e a sensação da pulsação dentro dela, Jenna o apertou com mais força. Só quando o orgasmo dele cessou, ficou ciente de seu próprio desejo insatisfeito. Depois, como se ele tivesse lido sua mente, sentiu a mão dele espremer-se entre os corpos e ir para o lugar onde eles ainda estavam unidos.

Ela sussurrou o nome dele em protesto.

— Você não vai perder nada — ele sussurrou em resposta. O dedo encontrou o que buscava e começou a esfregar a carne inchada. — Vou continuar dentro de você para deixá-la mais excitada.

— Não — murmurou, mas voltou a esquecer a realidade. Agarrou-lhe o punho, tentando afastar a mão. Em vez disso, o movimento do dedo dele a deixou fraca de tanto desejo. O calor aumentou em seu estômago e

espalhou-se como uma névoa, apagando qualquer intenção de protesto. Os seios arfavam. Ela arqueou-se despidorada para aproximar-se ainda mais de Spencer, esquecendo os suaves sons de desejo saindo-lhe da garganta até que com um grito reprimido explodiu num prazer tão absoluto que o mundo ficou de um branco ofuscante, brilhante.

Jenna não fazia idéia de quanto tempo se passara até Spencer sair de cima dela. Sabia que demorara. A respiração estava serena: o suor da pele tinha secado. Não tinha certeza se tinha cochilado ou simplesmente flutuado num estupor de satisfação reforçado pelo calor do corpo dele sobre o seu. Mas ela sentiu um vazio, no momento em que ele se moveu.

— Fique parada — sussurrou ele e foi à procura da calcinha. Ajudou-a a vesti-la e colocou os shorts. Antes que ela pudesse adivinhar seus planos, pegou-a no colo.

Ela não pronunciou uma palavra. Sentia-se tão exausta; não conseguiria andar com as próprias pernas. Além disso, ser carregada no colo e estar tão pertinho dele era bom demais. Em pouquíssimo tempo, foi colocada gentilmente em uma das cadeiras da cozinha.

Spencer aqueceu o jantar preparado por ela e o serviu. Disse estar delicioso e ela concordou, embora estivesse muito distraída. Lutava por tentar entender a conexão entre o prazer que acabara de sentir e o fato de ter um filho.

Não tinha pedido prazer. Não esperava por isso. Não queria isso. Não queria se apegar a algo que perderia em breve. Afinal, Spencer tinha cumprido seu papel e partiria no dia seguinte.

Ela sabia que ele também tinha consciência disso, pois toda a conversa girou em torno do manuscrito que ficaria pronto com mais algumas horas de trabalho naquela noite e sobre o avião já consertado e pronto para alçar vôo. Ele planejava ir à Nova York entregar o manuscrito e depois continuar em direção ao sul, para a Flórida.

Como parecia a única coisa educada a fazer, ela disse que o levaria ao aeroporto.

— Fica a apenas uma hora — ressaltou ao vê-lo surpreso.

— Posso tomar um táxi.

— Você podia ter tomado um táxi quando chegou, mas me pediu para pegá-lo. Então eu vou levar você de volta. — Era o mínimo que podia fazer, levando-se em conta como havia sido generoso com seu tempo.

Em tom brusco, ele replicou:

— Na ocasião, achei que precisávamos conversar. Agora não há mais necessidade.

Ela sabia o quanto ele estava ansioso para recuperar a liberdade e sentiu uma ponta de mágoa. Melhor que houvesse mágoa, pois colocava a necessária distância entre eles. Spencer a havia ajudado com algo que ela queria, mas aí terminava o envolvimento entre eles. Só restava ocupar o tempo juntos da maneira mais tranqüila possível.

— Vou levar você — disse com firmeza.

— Você precisa trabalhar.

— Não vou me sentir à vontade, até ter certeza de você estar no ar.

— Nossa, está assim tão ansiosa para se ver livre de mim?

Ela lhe lançou um olhar irritado. Não sabia a resposta àquela pergunta. Não apenas o sexo tinha sido bom, mas ficar ao lado dele não tinha sido nada mal. Não ficara tão intimidada, nem chegara perto do constrangimento imaginado. Mas a vida precisava seguir em frente e isso significava retomar o escritório em casa, tirar os lençóis da cama onde ele dormira e examinar com atenção o calendário e o corpo, à espera de sinais de que o que acontecera na calada da noite entre ela e Spencer tinha dado resultado.

Estavam no Jaguar a caminho do aeroporto na terça de manhã: Jenna dirigindo e Spencer pensativo, quando ele quis saber mais a respeito.

— Quando você vai saber?

Ela não estava equivocada. O bebê era o único interesse a uni-los.

— Em 13 dias.

— Pensei que com os testes não precisaria esperar tanto.

— Não confio neles. Se fizer um e o resultado der positivo e o de sangue der negativo, ficarei arrasada. Prefiro esperar. Se meu ciclo atrasar um dia, saberei. Aí posso fazer o teste para confirmar.

Ele estava quieto, olhando pela janela lateral. A uns 15 minutos do aeroporto, ele declarou:

— Ligo para você em duas semanas para saber.

— Não estarei aqui. Estarei em Hong Kong.

A cabeça dele girou rápida.

— Hong Kong? — O brilho prateado dos olhos azuis estava vivo; não sabia se de inveja, curiosidade ou irritação. — Qual o motivo da ida a Hong Kong?

— Inspecionar fábricas que produzem alguns de nossos artigos.

— Sozinha?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não; com o pessoal da minha equipe. Gostamos de inspecionar uma ou duas vezes por ano.

— Mas você não deveria ir agora.

Ela visualizou a primeira página do jornal daquela manhã, mas não conseguia se lembrar de ter visto Hong Kong listado entre os lugares mais perigosos do mundo.

— Por que não?

Seus olhos faiscaram — de irritação, percebeu.

— Porque pode estar grávida.

— Se estiver, o que quer que aconteça dentro de mim é tão microscópico que ir para Hong Kong não vai afetar em nada. Acredite — comentou, com um sorriso sábio e uma das mãos, em atitude protetora, na barriga. — Nada farei para colocar em perigo a criança.

— Fiz esta viagem várias vezes. É longa e exaustiva. Você não chama isso de perigo?

— Não. Nem meu médico. Quando soube que você me ajudaria, perguntei a ele. Explicou que se um óvulo for fertilizado, isto acontecerá antes de minha partida e uma viagem como essa não vai prejudicá-lo.

— E se você tiver um aborto do outro lado do mundo?

— Um aborto nesse estágio é uma menstruação. Não vou nem mesmo saber que estava grávida.

— E se estiver grávida e começar a ter enjoos matinais?

— Nenhuma chance. Os enjoos só começam a partir da quinta ou sexta semana. Ou seja, essa é a melhor época para eu viajar. Se ficar aqui, vou olhar o calendário todo dia. Viajando, estarei ocupada. O tempo vai passar mais rápido. — Ela afastou os olhos da estrada para fitá-lo e notou

como parecia indeciso. — Sério, Spencer. Não estou indo viajar para me divertir. O vôo é longo, a viagem é estritamente profissional. Vou dormir um bocado.

— Vai dormir no vôo? — perguntou ele de um jeito que a deixou momentaneamente abalada. Havia suposto que ele não compreendia suas emoções, mas o tom de voz sugeria o contrário.

Ela manteve a atenção alerta para não perder a entrada do aeroporto.

— Sempre durmo em aviões. É o único jeito de conseguir suportar o vôo. Na verdade, viajei bastante, desde a morte de meus pais, para perder o medo. As estatísticas estão a meu favor. E o acidente com mamãe e papai foi num avião pequeno, particular, enquanto eu só vôo nos maiores aviões comerciais existentes.

— Você ia adorar meu avião — disse ele baixinho e voltou a olhar através da janela.

Jenna não colocaria os pés no avião dele por todo o ouro do mundo, mas isso não significava não invejá-lo. Podia compreender a conveniência, até mesmo o prazer. Podia compreender uma pessoa mais segura por se sentir no comando, tendo as próprias mãos no controle e não as de um estranho. Pessoalmente, precisava de tamanho, volume. Podia ser ilusório, mas sentia-se mais segura assim. Também podia, com certa dose de imaginação, fingir estar sentada numa cabine de um veículo movendo-se em terra do ponto "A ao ponto B".

Sentindo um aperto na boca do estômago, sem dúvida causado pelas dúzias de pequenos aviões à vista, estacionou no Hangar C, desligou o motor e deu início ao discurso que vinha preparando desde o amanhecer:

— Obrigada, Spencer. Não tenho palavras para dizer o quanto me sinto grata pelo que fez. Você encontrou tempo para ficar aqui quando tinha um monte de trabalho e eu apreciei muito. Você foi atencioso e gentil. Conseguiu me deixar menos constrangida do que supus. Você foi maravilhoso.

Lentamente, ele virou-se para ela, os olhos inquisidores, a mandíbula contraída. O olhar intimidava. Não estava certa do que o deixara tão zangado.

— Estou sendo sincera — insistiu.

— Tenho certeza que sim.

— Se tivermos sorte, não precisarei incomodá-lo novamente. Já assinei os papéis me comprometendo a não exigir nada de você para a

criança. Estão com meu advogado. Ele vai enviá-los por correio, se isso o fizer sentir-se melhor.

Spencer abriu a porta e saiu.

— O que me faria sentir melhor — disse zangado, pegando a bagagem — seria você parar de me agradecer como se eu tivesse apenas feito a entrega da lingerie a tempo para as vendas de verão. — Ele estava debruçado no carro, os olhos na altura dos seus. — O que eu e você fizemos foi divertido. Foi estimulante, trouxe satisfação. Serviu para desviar minha atenção do trabalho. — A voz tornou-se mais aguda. — Não se preocupe com a remessa. Eu sei onde os papéis estão. Se precisar deles, pego. — Esticou-se e bateu a porta. Depois jogou a mochila no ombro e saiu andando.

Os olhos de Jenna ficaram vítreos. Piscou uma, duas vezes. Respirou fundo e deixou escapar um suspiro, mas não se moveu. Ficou sentada no carro até ver Spencer se aproximar de um dos aviões. Parecia mais velho que os demais. Mas seu passo não falhou. Abriu a porta; olhou o equipamento antes de subir. Ela o viu mover-se dentro da cabine e ajeitar-se atrás dos controles. Depois do que pareceu uma eternidade, as hélices começaram a girar lentamente e depois com mais rapidez. Quando se transformaram em um pouco mais do que uma mancha redonda, o avião virou e se afastou do terminal. Avançou para a pista de decolagem e parou. Logo em seguida, começou novamente a se mover ganhando velocidade até que, com um ligeiro arremesso que a fez arfar, deixou o solo. Ela o viu ganhar altitude, o viu colocar distância entre ele e ela, olhou até o avião não passar de um pontinho no céu.

Só então, jurando não olhar para lugar nenhum, só adiante, ligou o carro e foi para o escritório.

Capítulo Sete

NA VERDADE, Jenna encheu o médico de perguntas sobre a viagem a Hong Kong, planejada seis meses atrás, quando não sabia da tentativa de conceber um bebê. A princípio, mostrara-se tão cética quanto Spencer. Mas o médico tinha razão. Se concebesse este mês, seria antes de decolar. Viajaria na primeira classe, ficaria hospedada em um hotel de luxo, comeria em restaurantes sofisticados, iria de táxi para todos os lugares. Qualquer coisa que pudesse acontecer nessas condições poderia acontecer estando em casa, e para sua tranquilidade de espírito, era melhor estar ocupada que à toa.

Então, uma semana depois de Spencer voar para o sul, ela foi para o oeste, depois novamente para o oeste e não teve tempo de se atormentar se havia ou não um bebê. Do café da manhã até o jantar, seguiu uma rotina razoavelmente ocupada. Antes da primeira refeição, se preparava para os encontros; depois do jantar, os analisava. Só pensava no bebê à noite, na cama, esperando o sono chegar e, no geral, estava esperançosa. Nos períodos de dúvida, quando desejava ter ficado em casa, onde a rotina era mais tranquila, pensava nos milhões de mulheres grávidas a cada ano, mulheres que seguiam suas vidas, levavam uma vida ativa, dura, até mesmo perigosa, sem perderem os bebês e se sentia encorajada. Sim, ela continuava ativa, mas não mais do que o usual e não fez nada considerado nem remotamente cansativo ou perigoso.

Toda manhã tirava a temperatura. Durante o período de ovulação era baixa, mas tinha subido, alcançado a normalidade e estacionado, o que significava que seu período viria ou não.

Mas veio. Sete dias depois de ter chegado e a três dias de voar de volta para casa, acordou de manhã com a prova de que um bebê não chegaria em abril. A primeira reação foi cair num pranto sentido, mas não durou muito. Era bastante equilibrada para mergulhar em autopiedade. Afinal, ela e Spencer tinham feito amor só duas vezes. Alguns casais tentavam anos a fio até obterem sucesso. O médico não tinha avisado que poderia levar algum tempo? Não dissera que não devia desanimar se não concebesse de imediato? Eles tentariam novamente. Simples. Isso se Spencer ainda quisesse. Esse pensamento a perseguiu durante os últimos dias da viagem. Pensava a respeito não apenas à noite, mas também junto com outras pessoas, nas refeições e reuniões. Spencer demonstrara irritação ao partir. Ela presumira que a reação dele se devia ao fato de ter ficado preso na casa dela durante três dias inteiros. Sem dúvida necessitava trabalhar no livro e, provavelmente, se sentiria irrequieto onde

quer que estivesse, mas estava na casa dela, com ela, logo interpretou a inquietação como algo pessoal.

Ele dissera ter gostado do sexo. Não tinha certeza se acreditava, embora quisesse, desesperadamente, que fosse verdade. Atingira o orgasmo, mas devia ter pensado em outra mulher na hora. Era típico de Spencer tentar fazê-la se sentir bem. Por outro lado, dera mostras de nervosismo quando ela mencionara os papéis assinados, prova de que, independente da pessoa que tivera em mente na hora H, ele gostava mais da parte do sexo do que da do bebê.

Teria sido o sexo bom o suficiente para trazê-lo para outra rodada? Tinha sido bom para ela, bom o bastante — bom demais. Foi tomada pela excitação diante da idéia de estar com ele de novo, mas o que sabia? Spencer era o homem mais experiente com quem dormira. Tinha sérias dúvidas quanto ao outro lado e, a essa altura, ele já deveria estar com outra.

Ela o queria de volta. Queria o bebê. Ele era o único capaz de ajudá-la.

Quando voltou para Little Compton, estava exausta. Que ironia! Se estivesse grávida seria diferente. Mas entre se preocupar com a reação de Spencer quando soubesse, se perguntar se ele estaria disposto a tentar novamente e lidar com a menstruação, o que lhe tirava as forças, ela estava morta de cansaço. Sem se preocupar em ligar para o escritório ou para o serviço de mensagens, foi direto para a cama. Eram 5 horas da tarde. Quando se levantou, às 9h00 da manhã seguinte, sentindo-se bem melhor do que ao deitar, sabia dever a Spencer uma ligação imediata.

Ele não estava em casa. O serviço de mensagens avisou que ele tentara falar com ela no dia anterior. A secretária também lhe deu o mesmo recado. Tentou ligar novamente, de hora em hora, e a cada ligação sem resposta, imaginava mil motivos perturbadores para justificar a ausência. Todas envolviam mulheres.

Finalmente, às três da tarde, ele atendeu. Mesmo antes de ouvir a voz dela, ele parecia zangado.

— Sim?

— Spencer?

Uma pausa.

— É você, Jenna?

— Hum-hum.

— Caramba, por onde andou? — explodiu. — Achei que estaria de volta ontem. Decidiu passar mais um dia em São Francisco, mesmo sabendo que eu esperava notícias suas? Foi muita falta de consideração. Tem telefones em São Francisco. Podia ter me ligado de lá. — Com um fio de voz, perguntou: — Então, está grávida ou não está?

— Não estou — respondeu de pronto. Era óbvia a impaciência para saber se ela estava grávida, embora não soubesse dizer se isso o deixava satisfeito ou não.

— Você ficou menstruada? — O tom era calmo, não demonstrava nenhuma emoção.

— No dia certo.

Ele ficou quieto por um minuto.

— Ficou despontada?

— Muito! — Ela achava a resposta evidente. — Eu queria o bebê. E não queria pedir para você vir aqui novamente. Já me senti mal pedindo da primeira vez.

Como bom cavalheiro, ele afirmou:

— Não me causou nenhum problema. Consegui terminar meu livro e já o entreguei em Nova York.

Ela enrolou o fio do telefone na mão.

— Bem, fico feliz em saber. — Não sabia mais como prosseguir.

— Está se sentindo bem?

— Sentindo um pouco a diferença do fuso horário, mas com uma boa noite de sono, resolvo o problema. Spencer, não fiquei um dia extra em São Francisco. Passei duas horas no aeroporto e peguei o primeiro voo. Quando cheguei em casa, estava tão cansada... Mal conseguia ficar de pé.

— Está vendo? Não deveria ter ido. Foi uma viagem exaustiva.

— Eu me senti ótima até meu período menstrual — disse, mas não via motivo para continuar a discussão, então mudou de assunto. — Além disso, passei o dia tentando ligar para você. Caso estivesse tão ansioso pelas notícias, devia ter ficado em casa.

De repente, ele pareceu muito cansado.

— Passei o dia com meus advogados. O tribunal ainda está analisando os direitos de exploração e o tempo está correndo. Estamos

tentando negociar um acordo com a outra parte, mas, por enquanto, não chegamos a lugar nenhum.

— Ele não quer desistir?

— Ah, ele vai desistir, mas não a tempo de eu pode realizar de imediato as operações de salvamento.

— O que vai acontecer?

Ele suspirou.

— Vamos esperar o tribunal chegar a uma decisão.

— Quanto tempo ainda tem?

— Até começar a estação de furacões? Poucas semanas. Mesmo se o tribunal tomasse uma decisão amanhã, não sobraria muito tempo. Não me resta outra opção a não ser esperar até novembro.

— E o que vai fazer enquanto isso? — Ela achava que, se ele dispusesse de tempo, não se importaria em fazer outra viagem para o norte.

— Pesquisas. Talvez voe até Yucatán, para ver o que está acontecendo por lá, ou visite amigos em Michigan. Não sei. É tão frustrante.

Uma vez que achava não conseguir oportunidade melhor, ela respirou fundo e foi em frente.

— Você viria... você acha que gostaria de vir aqui novamente?

— Você quer dizer... tentar o bebê? Claro. Eu me pus à sua disposição para ajudar.

Tão fácil! Sentiu um peso sair do coração.

— Ai, eu estava preocupada achando que já esgotara sua paciência da primeira vez.

— Assumi um compromisso. E vou cumpri-lo... não que eu tenha mudado de opinião sobre querer um filho, mas se tiver que ter um, prefiro ter com você do que com qualquer outra pessoa.

Jenna sentiu o coração apertado. Levou mais de um minuto para conseguir produzir um som e o que saiu foi um suave:

— Obrigada, obrigada mesmo, Spencer. Você nunca vai se arrepender, prometo. Esse bebê será a criança mais especial do mundo.

— Isso pode ser bom ou ruim. Por enquanto, por que não nos concentramos em concebê-lo? Quando quer que eu viaje?

— Hum, acho que dentro de uns 10 dias.

— Você acha? — Ele estalou a língua e disse num tom provocante: — Você está tentando escapar. Normalmente, sabe exatamente quando, por que e por quanto tempo.

Ela se sentiu encabulada no ato.

— Eu sei, mas achava que você não concordaria em tentar novamente. Se puder esperar, vou pegar meu calendário.

— Não precisa ser agora. Ligo daqui a alguns dias.

— Mas você vai querer fazer planos.

— Sei, para não entrar em conflito com toda a ação acontecendo por aqui.

Ele estava debochando, é claro. Ela percebera também uma nota de desprezo na voz, e lhe ocorreu que uma viagem até Rhode Island podia ser exatamente do que ele precisava para aliviar o tédio de esperar pela decisão da corte sobre os direitos de salvamento do galeão.

— Mas me diga, como foi Hong Kong?

— Foi ótimo. As reuniões transcorreram bem e as inspeções foram interessantes. Visitamos várias fábricas com as quais estamos trabalhando no momento, mas que talvez não possamos usar no ano que vem. Nossos advogados vão dar início às negociações no próximo outono.

— Então você vai ter que voltar?

— Não. Só farei outra visita na primavera.

— E se estiver grávida?

— Aí cancelo a viagem.

— Está arrependida por ter viajado dessa vez?

Ela já esperava a pergunta. Ele tinha sido contra desde o início, havia dito que seria muito cansativo e a lembrara disso alguns momentos atrás. Ela não achou ter percebido embutida na pergunta o célebre "eu não disse"; ainda assim falou com convicção:

— Se está insinuando que a viagem teve algo a ver com o fato de não estar grávida, a resposta é não. Meu período veio no dia certo e foi

exatamente igual aos outros. Não tive um aborto espontâneo, apenas um período. Simplesmente não estava grávida. Talvez se tivéssemos feito tudo no consultório médico...

— Não teria funcionado.

— Como pode saber?

— Eu sei e ponto final — disse, despreocupado. — Escute, não se preocupe. Dessa vez vai dar certo. Pode ligar tão logo saiba a data. Cuide-se, Jenna.

A despreocupação na voz de Spencer não era falsa. Ele estava realmente contente por voltar a encontrá-la. A época era ideal: não tinha nada melhor a fazer. Era fácil conviver com ela e o sexo tinha sido fantástico. O único motivo de chateação havia sido o papo de assinatura de papéis. Puxa, ele confiava nela. Nem por um segundo a imaginara entrando com um processo de pensão alimentícia para a criança e, mesmo que o fizesse, não seria o fim do mundo. Ele tinha muito dinheiro. Podia, sem problemas, abrir uma poupança para a criança. Na verdade, era bem provável que fizesse isso... Dessa maneira, não se sentiria culpado por continuar levando sua vida irresponsável.

Sexo fantástico. Ainda não podia acreditar. É verdade que achava Jenna atraente, mas já achara várias outras atraentes. Isso não significava que, quando as levasse para a cama, o mundo viesse abaixo. Com certeza tinha a ver com Jenna. Não sabia o motivo, já que algumas mulheres eram mais ardentes, sedutoras e experientes que ela, mas para que analisar o assunto com profundidade? O que contava era que os dois se davam bem na cama.

Ou no pátio.

Ou... onde? Ficou pensando aonde fariam amor da próxima vez. Gostava de variar. Ficava mais apimentado. Jenna achava chocante, mas isso tornava estar com ela mais divertido. Ela não esperava nada. Cada pontada de prazer a surpreendia. Ela era quase tão ingênua quanto uma virgem, mas definitivamente tinha fogo por dentro. Seu desafio era fazê-lo vir à tona.

O pensamento não o abandonou nos dias seguintes. Queria que Jenna se soltasse com ele, mas duvidava que ela o fizesse em casa. Sua vida era muito bem estruturada, só estava concentrada em engravidar. Ele queria que isso passasse ao segundo plano, o que significava, para começar, mudar o cenário. Adorou a idéia. Deixou a imaginação livre,

imaginou todo tipo de experiências por vir.

Estava pensando em algumas delas, quando telefonou para ela no final da semana. Sentindo-se alegre, ligeiramente excitado e muito másculo, cumprimentou-a:

— Oi meu anjo. Tudo bem?

Jenna hesitou.

— Spencer?

— Quem mais poderia chamá-la de anjo?

— Não imaginei que você o faria. Você está...? Está tudo bem?

— Tudo ótimo. Ainda agüentando firme. Nenhuma definição do tribunal, mas estou bem. Já verificou quando vai precisar de mim? — Visualizou um garanhão sendo levado para o estábulo e ficou ainda um pouco mais ereto.

— Vou ovular novamente dia 5 de agosto. É uma segunda. Então imagino que sábado seria ótimo, como da outra vez.

— Ótimo. Que tal me encontrar em Washington?

— Washington?

— D.C. Tenho que fazer uma pesquisa no Smithsonian. — Pesquisa que na verdade podia esperar, mas a desculpa serviria... como trabalhar no manuscrito funcionara anteriormente. Isso lhes daria tempo para ficarem juntos. — Você vai ter tempo para fazer compras, visitar museus ou qualquer coisa que queira.

— Não pretendo fazer compras.

— Então pode checar os concorrentes. Pode faltar ao trabalho na segunda e na terça?

— Posso — disse, hesitante.

— Então faça isso. Vamos nos divertir.

Ele a ouviu suspirar.

— Spencer, não sei...

— Quer que eu voe até aí para pegar você?

— Não — apressou-se em afirmar. — Não precisa.

Ele riu.

— Você sabe que estará mais segura voando comigo do que com um piloto comercial, não sabe?

Ela pigarreou.

— Isso é o que todo piloto particular diz.

— Bem, é verdade... presumindo que um piloto particular vale cada centavo de seu salário. O que, lamentavelmente, não era o caso do cara que pilotava o avião de seus pais naquele dia. Ele não checkou o avião como deveria; se o fizesse teria encontrado o vazamento. Se ele não tivesse morrido, seria processado pelo Departamento de Aviação. Eu checo tudo e com muito cuidado. Acredite em mim. Gosto demais de mim mesmo para arriscar minha vida.

— Então suponho que posso ficar tranqüila quanto a você chegar a salvo em Washington. Quanto a mim, há um ótimo DC-9 que sai de Providence três vezes ao dia. Vou reservar dois quartos no Capital Hilton.

— Não vai não. Não vou ficar em nenhum hotel grande e impessoal. — Nem queria dois quartos. — Deixe que eu me encarregue das reservas. Ligo para você a semana que vem para dizer o lugar.

— Eu pago.

— Não senhora.

— Ter um filho foi idéia minha.

— Mas ir para Washington foi minha.

— Mas o bebê é o motivo da viagem.

— Não, não é. Sexo de primeira é.

— Não estamos indo para Washington para um sexo fantástico.

— É claro que eu estou.

— Spencer. — Ela ficou em silêncio.

Ele podia imaginá-la ruborizada e sentiu uma inesperada onda de afeição.

— Jenna — disse gentil — , não se preocupe com isso, está bem? Você vai conseguir seu bebê e eu meu sexo fantástico e ambos vamos ficar tão felizes quanto pintos no...

— Spencer!

— Desculpe. Mas é verdade. Falo com você semana que vem, meu anjo. Tchau!

Spencer voou para o aeroporto nacional de Washington ao meio-dia de sábado, dia 3 de agosto. Depois de guardar o avião num hangar particular, foi para o terminal comercial esperar a chegada de Jenna às 13h00. Quando o enorme avião pousou, sentiu uma agradável sensação de expectativa. Pegou-se abrindo um largo sorriso ao ver Jenna finalmente atravessar o portão.

Ela estava bonita. O cabelo escuro estava preso num coque, mas ele deu um desconto por causa do calor. Usava bermudas de linho cor de pêssego, uma blusa de algodão combinando e sapatilhas. Chique, maravilhosa! Sentiu orgulho quando ela caminhou em sua direção e não da de outra pessoa. Mas não era isso que o fazia sorrir e sim a expressão de seu rosto.

— Você parece... — disse, tirando-lhe a mala do ombro —... alguém que ainda não decidiu se está aliviada por pisar em terra ou apavorada por estar aqui. Qual dos dois?

Torcendo a boca, resignada, ela replicou:

— Um pouco dos dois. O bom senso me diz que devíamos estar fazendo isso na minha casa.

— Se prestássemos atenção a seu bom senso — colocou a mão em sua cintura e conduziu-a através da multidão — teríamos feito tudo no consultório médico. Pense no que teríamos perdido...

Ela manteve os olhos na direção em que caminhavam.

Ele encostou a boca em sua orelha.

— Nenhum comentário?

— Sem comentários.

Espiando-lhe o rosto, viu que ela estava ficando corada. Ele gostava quando ela ficava corada. Era tão terno, tão feminino.

Porém, o mais importante: ela não estava zangada. E um "sem comentários" significava que não discordava dele, o que, de forma indireta, era o reconhecimento do prazer experimentado — um passo na direção certa. Quando terminassem as tentativas de fazer um bebê, estava

determinado a ensinar-lhe os verdadeiros prazeres da vida.

Entretanto, iria aos poucos. Isso era parte da diversão. Tinham o final de semana, segunda-feira e parte da terça-feira à frente. Com um pouco de sorte, poderia até convencê-la a ficar mais tempo, mas teria que deixar rolar. Precisava saber se ele ia querer. Ele se conhecia: ficaria enjoado dela em dois dias, e, nesse caso, seria o primeiro a querer ir embora na terça de manhã.

Mas terça de manhã era terça de manhã. Hoje era sábado e ele fizera planos. Jenna ainda ficava nervosa ao seu lado — nada parecido com o mês anterior, mas ainda assim nervosa. Então, pretendia mantê-la ocupada. Além da pesquisa, da qual se encarregaria na segunda, tinha coisas a fazer na cidade. Ela podia acompanhá-lo.

Mas primeiro o hotel é um obstáculo preliminar a ser vencido. Fizera reservas em Loweth Park, um hotel elegante e pequeno, ideal para um encontro romântico. Jenna deve ter percebido quando entraram no saguão, porque o segurou pelo cotovelo quando o recepcionista entregou o formulário.

— Dois quartos? — sussurrou para que só Spencer ouvisse.

Concentrado no formulário a ser preenchido, respondeu baixinho:

— Uma suíte.

— Uma suíte, não. Dois quartos separados.

— A suíte tem dois quartos. — Pegou a carteira no bolso da calça.

— Dois quartos.

— Que desperdício de dinheiro.

— Spencer.

— Eu fico no sofá. — Com um sorriso para o recepcionista, colocou o cartão de crédito em cima do formulário e os entregou. Inquiriu em voz alta: — O quarto tem cama king size? — Conseguiu prender o riso ao ouvir Jenna emitir um gemido de desespero.

— Isso mesmo, senhor. Como solicitado.

Jenna afastou-se. Quando ele terminou de fazer o check-in, encontrou-a sentada em uma das espaçosas poltronas, parecendo uma rainha, mas mantendo o ar vulnerável. Ele levantou a sobancelha apontando o carregador de malas. Com vagar, ela levantou-se da cadeira e foi ao seu encontro.

— Isso não está certo — disse calma.

Ele a pegou pelo braço e falou baixinho, enquanto caminhavam em direção ao elevador:

— Claro que está. Considerando-se o motivo que nos trouxe aqui, não faria sentido ficarmos em quartos separados ou pegar uma suíte com dois quartos. A cama é grande o suficiente para cada um ficar numa ponta e se você insistir, durmo no sofá. — Não que ele esperasse que chegassem a esse ponto. O problema dela era pensar demais. Quando não estava pensando — como da última vez, no pátio, depois de ter chegado ao clímax — mostrava-se dócil. Se estivessem na cama aquele dia, ele dormiria com ela a noite toda e ela não se oporia.

Só havia uma solução: deixá-la enlouquecida de prazer. Só isso.

Capítulo Oito

O QUARTO era lindo. Estilo colonial luxuoso, em tons de vinho e verde. A cama era mesmo king size, coberta com veludo, assim como a cadeira e a poltrona do quarto e as cadeiras e um sofá da sala de estar.

Embora Jenna não tivesse emitido comentários sobre a decoração, Spencer a viu passar a mão no veludo, passear em frente dos quadros a óleo e, com cuidado, colocar a bolsa de maquiagem na penteadeira de mármore. Ela estava acostumada com coisas luxuosas; ou melhor, as apreciava. Ele gostava disso. Também gostou do jeito como mechas de seu cabelo tinham se soltado e não queria que ela voltasse a prendê-las. Então, dizendo que tinham muito a fazer, rapidamente a tirou da suíte.

Passaram o resto da tarde passeando. Spencer não havia planejado isso. Achou que Jenna ficaria cansada antes dele, mas ela manteve o passo e na maior satisfação. Os dois conheciam a cidade, então não era o caso de fazerem turismo ou entrarem no espírito dos que visitavam a cidade pela primeira vez. Passearam de mãos dadas, conversaram quando sentiram vontade, sorriram bastante. O dia estava ensolarado e quente o suficiente para fazê-los parar vez por outra para beber algo e isso também foi divertido. Foram a todos os pontos turísticos — os monumentos e memoriais, o Mall e Capitol Hill e a alguns lugares que ambos conheciam, afastados dos pontos turísticos. No final da tarde, por impulso, entraram num cinema para assistir a um filme que nenhum dos dois tinha visto. Quando terminou, estavam famintos. Pararam para jantar — entrada, prato principal, sobremesa — e comeram tanto que precisaram dar mais uma caminhada. Já passava das onze da noite quando finalmente voltaram ao hotel.

Spencer tinha plena consciência do que fariam quando chegassem à suíte. À tarde evitara pensar no assunto e tivera êxito porque a conversa com Jenna tinha sido envolvente e interessante. Mas o filme era sexy e Jenna parecia tão meiga, sentada à sua frente no restaurante, que ele precisou travar uma batalha consigo mesmo. Criou expectativas quanto ao momento. Nessas horas, seu desejo deve ter ficado aparente porque as bochechas de Jenna haviam ficado rosadas e os olhos evasivos. Todavia, ela segurou-lhe a mão durante a caminhada até o hotel e não a deixou quando atravessaram o lobby.

Dentro do elevador, ele apertou-lhe a mão com mais força.

— Você não vai ficar nervosa por minha causa, vai?

Ela não se fez de desentendida.

— Claro que sim. Caso contrário não seria eu.

— Não vou deixar você escapar — avisou ele e no momento em que entraram na suíte, sem acender a luz, ele a encostou na porta, encurralou-a com o corpo e pegou-lhe o rosto nas mãos. — Eu vou beijar você dessa vez.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não o faça.

Ele passou o polegar em volta de sua boca:

— Pode me dar uma boa razão?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Não somos amantes.

— E óbvio que somos. — O polegar acariciou-lhe o rosto.

— Não no sentido verdadeiro. O que estamos fazendo é puramente funcional.

Ele sacudiu a cabeça e colocou ainda mais o corpo ao dela.

— Deixou de ser puramente funcional no seu pátio. Talvez até mesmo antes, mas você não admitiria.

— Não posso.

Ele acariciou-lhe o queixo macio, suave, delicado.

— Por que não?

— Porque termina com a concepção desse bebê.

Só então ocorreu a Spencer que não precisava ser assim; podiam continuar amantes por mais tempo, se assim o desejassem. Depois pensou nas complicações, nas conseqüências, mas, em definitivo, não podia analisá-las quando só pensava em sexo. Então, em vez de discutir, segurou-lhe o queixo e a manteve presa para beijá-la.

Ela prendeu a respiração ao primeiro toque — aquele ínfimo som de surpresa agradável que emitia com freqüência e ele adorava — e colocou a mão no peito dele, mas não o empurrou. Dando-lhe tempo, ele se afastou, mas um milímetro apenas. Ele também sentira aquela mesma surpresa agradável e queria mais. Ele tocou-lhe novamente os lábios, afagando-os

com suavidade, acalmando-a.

A princípio, apesar da respiração acelerada, ela ficou parada. Não mexeu a boca. Não mexeu o corpo. Ele imaginou que ela queria impedi-lo, mas não conseguia evitar o prazer que sentia. Então continuou — era fácil demais fazê-lo. O calor de seu corpo aumentava. Os beijos tornaram-se progressivamente mais afoitos e longos. Ele enfiou as duas mãos em seus cabelos e levantou-lhe o rosto. Provocou-a passando a língua na dela. Depois, beijou-a no rosto, nos olhos fechados. O toque dos cílios dela excitou-o, tão suaves contra sua pele que começou a tremer de excitação. Os lábios dela estavam abertos quando ele voltou a tocá-los. Em resposta aos beijos ardentes, correspondeu pela primeira vez. Essa entrega, tão nova, tão encabulada e doce, deixou-o ainda mais excitado.

— Meu anjo — murmurou contra seus cabelos e a pegou no colo. Carregou-a para o quarto, afastou a coberta e a deitou nos lençóis.

Ela se sentou.

— Eu... o banheiro.

— Não — murmurou. Colocando um joelho na cama, ele se apossou de sua boca e a manteve prisioneira enquanto começou a desabotoar a camisa.

— Eu quero — disse ela, sem fôlego — minha camisola.

Jogando a camisa de lado, ele mergulhou o rosto em seu pescoço.

— Não, meu anjo. Quero sentir você.

Mas ela escapou e estava no meio do quarto antes que ele a alcançasse. Dizendo a si mesmo que haveria outras vezes em que ela ficaria nua para ele, se desvencilhou do resto da roupa. Estava esperando na porta para agarrá-la, de camisola e tudo, quando ela saiu do banheiro.

— Tão macho — murmurou ela. Mas os braços dele estavam em volta de seu pescoço e ela não lhe afastou as mãos. Nem fez objeções quando a coxa cobriu a sua antes de cair nos lençóis; nem quando ele se posicionou entre suas pernas; nem quando ele cobriu-lhe aquela parte do corpo com a mão e levou-a a um clímax intenso. Suas entranhas ainda pulsavam quando ele a penetrou e se a camisola branca representava algum obstáculo a seu prazer, Spencer nem se importou, porque ela começou a passar as mãos por seu corpo. Ela nunca tinha sido tão participativa. O toque era suave e tímido, com um efeito tão devastador no clímax de Spencer que ele teve um orgasmo quase tão rápido e tão poderoso quanto o dela.

Depois ela dormiu em seus braços, como se fosse a atitude mais natural do mundo, como se nunca tivessem discutido o assunto de camas deparadas e lados opostos na cama king size — nem, felizmente, seu lugarzinho no sofá. É verdade que quando acordou na manhã seguinte, ela se esgueirou, mas ele conhecia o motivo. Em termos gerais, ela tinha feito grandes progressos. Se ele fosse paciente, ela ainda progrediria mais. E ele podia ser paciente. Em se tratando de tesouros, tinha toda a paciência do mundo.

Jenna sabia estar se apaixonando por Spencer. A consciência a atingiu com impacto no domingo de manhã quando, após um café tardio na cama, ele alugou um carro e foram visitar uns amigos dele na Virgínia. Sentada no assento do passageiro, conversando e compartilhando silêncios, ela teve tempo para refletir no dia anterior. Tinha passado um dia maravilhoso com ele — não podia negá-lo — e isso incluía o que fizeram na cama. Sim, o que fizeram na cama. Como amante, Spencer era um expert. Ele a fazia desejá-lo como nunca desejara outro homem e a cada vez era melhor. O desejo não a abandonara até agora. Não importava que estivessem sentados cada um em seu assento, separados por um console e pela alavanca de câmbio do carro, ela sentia a presença dele como se ainda estivessem na cama, encaixados um no outro, dormindo — ou fingindo dormir. Ele havia dormido; ela ouvira a respiração e a batida serena do coração. Entretanto, ela tinha achado tão agradável ficar deitada com ele que dormiu pouco, só para não perder a sensação.

Lembrou-se com vividez da maciez dos pêlos do peito dele contra seu rosto, do perfume, da firmeza do torso, do comprimento do braço que a abraçava e a mantinha presa. Lembrou-se do jeito como sua perna tinha se curvado naturalmente por cima da dele e como ele dormira com a cabeça entre seus cabelos.

Ah, não tinha dúvida de que estava se apaixonando. Por mais que tentasse, não conseguia encontrar defeitos em Spencer. Imaginou que isso podia ser considerado como um tributo a seu julgamento acertado ao escolhê-lo para ser o pai de seu filho. Ele era o mais próximo da perfeição que um homem poderia alcançar. Mas isso em nada contribuiria para seu futuro, no qual Spencer não exerceria nenhum papel.

Então o que devia fazer? Voltar a afastá-lo e manter o sexo da maneira mais impessoal possível? Fazia sentido. Pelo menos se deixasse claro para si mesma o objetivo a uni-los, tinha chance de manter os sentimentos sob controle. O problema era a dificuldade de ser racional ao lado dele.

Por sorte, não precisava se lembrar de usar preservativos, meditou. Ficaria grávida, com certeza.

— O que foi? — perguntou Spencer, lançando-lhe repetidos olhares.

— O quê?

— Você soltou uma risada.

Ela não tinha percebido. Não conseguindo evitar rubor, respondeu:

— Nada. Estava pensando na lei de Murphy.

Ele segurou-lhe a mão. Ela gostou. A mão dele era grande e forte e a fazia sentir-se protegida. Colocou-a em sua coxa — dessa vez coberta com jeans — e a manteve ali até chegarem à fazenda dos amigos.

Jenna gostou dos amigos dele. Spencer tinha estudado anos atrás com a dona da casa e acabou se tornando muito amigo do marido dela. O casal criava cavalos. Jenna, que sempre desejara ser Rhode Island grande o suficiente para tal, adorou olhar os estábulos, o cercado e os pastos. Embora nunca tivesse montado, estava ansiosa para tentar. Ficou orgulhosa por conseguir se manter em cima do cavalo manso escolhido para ela. Spencer ficou a seu lado praticamente todo o tempo, exceto por breves momentos quando soltava a rédea do cavalo. Ela não o censurava. Ele precisava de liberdade e, além do mais, era uma visão deslumbrante montado num cavalo. Já estava escuro quando deixaram a Virgínia. Tendo apenas cochilado na noite anterior, Jenna conseguiu manter-se acordada durante o trajeto de volta, mas quando Spencer voltou, depois de ter devolvido o carro, encontrou-a adormecida. Acordou várias vezes durante a noite sentindo o calor do corpo dele e, egoísta, não lutou contra a atração sentida. Ele iria embora em breve, mas queria a proximidade que ele estava disposto a oferecer. De alguma forma, não via nada de errado nisso.

Então, enroscou-se no corpo dele esquecendo o fato de que ele era irmão de Caroline, um renomado aventureiro e escritor e que voltaria à sua vida era pouco tempo. Na melhor das hipóteses, raciocinou, ele julgaria a mãe de seu filho merecedora de afeição e carinho.

Spencer estava atormentado. A última coisa que queria na segunda de manhã era sair da cama e isso não tinha nada a ver com a dor nas coxas, mas sim no que pulsava entre elas. O desejo matinal sempre tinha sido um problema para ele, mas acordar Jenna tornava o problema dez vezes pior. Abraçou-a e deu-lhe um suave beijo na testa. Ficou deitado por um tempo pensando no quanto mais ousava fazer. Ela não era uma amante diurna. Ele a tornaria uma, mas não podia apressá-la. Ela ainda estava pensando no bebê e tinha a mente programada para a noite.

A noite. Aquela noite. Não sabia se conseguiria esperar. Fechando os olhos, soltou um suspiro torturado.

— Spencer? — ouviu o sussurro em seu peito.

— Hum? — Estava com medo de falar demais, e provocar um afastamento.

— Tudo bem?

— Ótimo.

— Você parece agitado. — Antes que ele pudesse explicar que a agitação era uma doce agonia, ela desvencilhou-se de seus braços e sentou-se na cama. O cabelo estava desalinhado. Puxou-o para trás e ficou sentada assim por um minuto. Em seguida, se livrou do lençol e colocou as pernas para fora da cama.

Em sua inocente camisola, deixando visível a magreza, e o cabelo formando uma onda escura e sedutora, ela parecia tão exótica quanto a mais delicada das belezas dos Mares do Sul. Spencer daria o braço direito para arrastá-la de volta para a cama.

Triste — tanto por seu maldito autocontrole quanto pelo dela — ele confessou:

— Eu não estava apenas agitado, estava... estou... numa agonia excruciante.

Ela o olhou alarmada, mas o alarme sumiu quando ela viu a forma protuberante no lençol.

— Oh! — exclamou e corou.

Ele não conseguiu conter o riso e virou-se de bruços.

— Sugiro — disse por cima do ombro — nos vestirmos e sairmos daqui rápido. Ou isso ou não posso prometer me comportar. — O próximo som que ouviu foi da tranca da porta do banheiro.

Quinze minutos depois, ela saiu completamente vestida e foi a vez de ele se arrumar. Que tortura! O banheiro estava impregnado do perfume de seu hidratante corporal. Ele teve que tomar um banho gelado e ficar debaixo da ducha por uns bons dez minutos até, finalmente, se acalmar.

Tomaram o café da manhã no hotel. Em seguida, Spencer foi para o Smithsonian. Convidou-a para acompanhá-lo, mas ela estava decidida a visitar os museus. Melhor! Ele precisava de um tempo livre.

Ela era uma tentação. Ele rezou para não pensar nela quando ela estivesse longe.

A maior parte do tempo deu certo. Passou o dia mergulhado em antigos registros de navios que navegavam na mesma época do galeão espanhol. Percorreu as rotas nos mapas amarelados e tomou notas da carga, como registrado nos diários que lhe exigiam atenção redobrada. Precisava cruzar referências, examinar pesquisas anteriores — tudo muito intrigante, como sabia que seria. Depois o cheiro de mofo do lugar o contagiou. A mente desacelerou e começou a vagar. Sentiu-se não enfasiado, mas sem energia.

Usava um escritório localizado no porão de um dos prédios anexos do Smithsonian, perto de onde o material de que precisava estava guardado. Tinha dado a Jenna o número da sala e dito que ficaria lá até, no mínimo, 18:00, e que se ela terminasse antes e quisesse encontrá-lo, seria um prazer. No meio da tarde, começou a apurar o ouvido esperando ouvir-lhe os passos.

Um pouco antes das 18:00h, ouviu. Quando ela bateu na porta e enfiou a cabeça, ele sentiu a energia que lhe faltava retornar. Também sentiu o retorno do desejo que, em seu estado enfraquecido, o atingiu com mais força. Esperando dispersá-lo com um pouco de ação, levantou-se da mesa e rapidamente juntou os livros consultados.

— Posso esperar, se quiser trabalhar mais — comentou Jenna, mas ele simplesmente entregou-lhe um livro para carregar.

— Já chega. — Juntou as anotações numa pilha e as colocou na pasta. — Se eu fosse supersticioso, não tocaria nesses registros. O tribunal ainda não se pronunciou a meu favor. — Colocou os livros em cima da pasta e levantou tudo. — Vamos devolver esses. — Apagou a luz, trancou a porta e começou a caminhar pelo corredor. — Como foi seu dia?

— Divertido.

— Quais museus visitou?

— O Portrait Gallery e o Hirschorn. Almocei na varanda do Jardim Botânico.

— Você foi ao Jardim Botânico sem mim? — O Jardim Botânico era seu favorito. Melhor do que isso só passear numa ilha tropical.

Ela sorriu pedindo desculpas.

— Desculpe, mas não resisti. Adoro aquele lugar.

— Você devia ter me esperado. Devia ter ido fazer compras. Isso é o que a maioria das mulheres teria feito. — As palavras, em tom de brincadeira, eram preconceituosas, mas o deixaram pensativo. Jenna não era como as outras mulheres. Começava a se dar conta disso. Não se comportava como todo mundo, não se apegava às tradições, não saía em busca de novas experiências. Tinha andado por toda Washington com ele, entrado num cinema por impulso, montado bravamente aquele cavalo. Tinha decidido que queria um bebê e tomado as providências. Ele respeitava seu modo de ser.

Lançou-lhe um olhar de reprovação, menos indelicado que as palavras e, mais uma vez, ficou abismado com sua beleza, com o cabelo escuro, a pele clara, tão meiga e inocente, tão sexy.

— Lá vamos nós. — Separou uma das chaves. Abriu, empurrou a porta com o ombro e se encontraram num hall mal iluminado e num depósito. Ele acendeu a luz com o cotovelo, deixou a pasta numa mesa perto da porta, pegou os livros e os devolveu às estantes de onde os tinha tirado há várias horas.

Jenna estava debruçada na mesa perto da pasta, com olhos sorridentes quando ele emergiu das prateleiras e ele sentiu um calafrio. Vindo não sei de onde, um pensamento indecente. Na verdade não era de não sei onde: ele sempre alimentara muitos pensamentos indecentes. Entretanto, afastou-o da cabeça. Jenna não era desse tipo.

Depois se lembrou do que pensava a respeito dela, que ela não era de nenhum "tipo" e o pensamento indecente retornou.

Apertando o interruptor de luz, mergulhou-os na escuridão, mas não procurou a porta e sim Jenna.

— Senti sua falta hoje — disse, puxando-a para perto. — Você também sentiu falta de mim? — A cabeça já estava descendo e antes que ela pudesse responder, cobriu-lhe a boca.

Ele pretendia dar-lhe um beijo moleque, roubado nas profundezas do Smithsonian, mas em segundos o beijo assumiu uma força imensa — compatível com a que sentia ao despertar naquela manhã. Ela estava com um ligeiro gosto de café e cheirava a flores raras, o que o agradava, mas eram os braços em volta de seu pescoço que mais o excitavam.

Ele a beijou apaixonado, usando a língua com habilidade, mas também não era o suficiente para satisfazê-lo. Acariciou-lhe as costas, os seios, mas isso também não bastava. Colou-lhe a boca no pescoço e começou a lambê-la, descendo até a fina alça do vestido de verão.

Os braços estavam enroscados em volta do pescoço dele. Sentindo-se encorajado, colocou-lhe as mãos nas costas e abriu o zíper do vestido.

— Spence? — suspirou ela sem ar.

Ele desabotoou o sutiã e procurou-lhe as mãos.

— Vou morrer se não sentir você. — Descendo-lhe os braços, abaixou o vestido e o sutiã.

— Aqui? — gritou ela e voltou a gritar quando sentiu um volume pulsante entre as mãos.

— Aqui mesmo. — Ele sentiu-lhe os seios intumescidos e desejou poder vê-la. Como não era possível, abaixou a cabeça.

— Alguém pode entrar. — Ela respirava com esforço quando ele abocanhava-lhe o seio. Ela repetiu seu nome, em tom de súplica. Temia ser empurrado, mas ela o surpreendeu agarrando-lhe os cabelos.

Tomou-lhe o seio na boca, mordiscando-lhe o mamilo com os dentes, usando a língua para deixá-la molhada. O polegar de uma das mãos beliscava-lhe um seio, ao mesmo tempo em que lhe lambia o outro. Quando os dois seios estavam molhados, segurou-os e beijou-lhe a boca. Pela primeira vez, o beijo era tão ardente, profundo e sensual quanto o seu.

Sentindo uma necessidade carnal mais intensa do que julgava possível, ele afastou a boca.

— Me ajude — sussurrou, e tirou-lhe o vestido.

— Tem certeza de que estamos agindo certo? — sussurrou mas ajudou-o a despir-se.

— A única coisa de que tenho certeza — disse, desabotoando a calça comprida — é que não podemos deixar de fazer sexo.

Ela apertou-lhe os quadris.

— E se alguém entrar?

— Vou correr o risco. — Ele espalmou as mãos em seu traseiro e levantou-a, colocando-a na mesa. Quando sentiu as suas pernas prendendo-o, capturou-lhe a boca e mergulhou dentro dela.

Ele sempre achava surpreendente o quanto ela era apertada, delicada e cheirosa. Tinha sido feita sob medida para ele. O encaixe era ideal. Sem parar, ele continuou a entrar e sair, esfregando-se nas paredes quentes e molhadas que o mantinham preso. Ele achava que nada podia ser melhor

quando ela começou a desmoronar em seus braços. O primeiro grito que soltou o fez ter um orgasmo arrasador.

Depois, ela foi a primeira a falar.

— Meu Deus, não acredito nisso. — Havia, de fato, descrédito na voz, mas também satisfação.

Ele ainda estava respirando pesadamente.

— A sala?

— Sala, mesa, prédio... — Ela fez uma pausa e, numa voz suave, confessou: — Essa foi a primeira vez em que atingi o orgasmo durante uma relação sexual.

Ele suspeitava que ela não faria tal confissão se a luz estivesse acesa e a compreendia. Em uma voz não tão suave, mas tão surpresa, ele perguntou: — Você sabe como é raro duas pessoas atingirem o orgasmo ao mesmo tempo?

Ela afastou a cabeça de seu ombro.

— É mesmo?

— É. Só me aconteceu uma vez antes em toda minha vida.

— Não acredito.

— Juro por Deus.

— Mas você é tão experiente.

— É, bem, mas não no tipo de experiência que acabamos de compartilhar. — E isso incluía a outra vez em que atingira o clímax junto com a amante. Tinha sido puramente acidental. Desta vez havia um profundo envolvimento emocional.

Ele acariciou-lhe as pernas, das coxas até os tornozelos; depois, relutante, soltou-as de seus quadris.

— Acho que colocamos um ponto final na posição papai-e-mamãe, hein?

— Acho que sim. — Pelo ruído, ela estava colocando o sutiã.

— Você vai me odiar de manhã por isso?

— Claro que não.

Ele colocou a calça.

— Podemos repetir à noite?

— Não sei. Não deveríamos.

— Por que eu não vou estar totalmente potente? Desconfio que não teremos nenhum problema do gênero... e isso nada tem a ver com meu ego.

— Fechou o zíper. — Você exerce um efeito poderoso sobre mim, Jenna.

O ruído demonstrava que ela estava colocando o vestido. De repente parou. Hesitante, perguntou:

— É verdade mesmo?

— Você não percebe?

— Palavras o vento leva. Uma pessoa pode dizer o que o outro quer ouvir. Muita gente se comporta assim. — Chateado que as experiências anteriores dela com homens tivessem sido tão frustrantes, ele repreendeu-a:

— Eu não. — Amaciou a voz. — E, além disso, não são só palavras. São os gestos. Acha que eu poderia fazer amor com você desse jeito se não morresse de atração por você? E, basicamente, sem preliminares!

Jenna ficou quieta.

— Vamos, responda...

— Está bem.

— Está bem. Podemos repetir à noite?

— Se você sente atração por mim...

Ele suspirou.

— Quanto entusiasmo!

Ela continuou se vestindo:

— Estou contente.

— Quanto *entusiasmo*!

Foi a vez de Jenna suspirar.

— Entusiasmo pode ser perigoso. Vamos embora amanhã.

— Mas não precisamos ir — disse ele, achando ser esse o momento exato para abordar o assunto. — Estou desocupado por enquanto.

— Mas eu não estou. Tenho a McCue.

— Mas você é a chefe. — Ele acariciou-lhe os braços até os ombros. — Você não precisa bater ponto. — Ele ajudou-a a subir o zíper. — Você pode tirar outro dia de folga, se quiser. — Ele encostou a boca em sua têmpora: — Faça isso, meu anjo. Passe outro dia comigo.

— Ah, Spencer — sussurrou e abraçou-lhe a cintura. Houve um tempo em que Spencer, ao ouvir um sussurro e sentir um aperto daqueles, viraria de costas e sairia correndo, o mais rápido possível, na direção oposta. Nunca se sentira preso a mulher alguma. Nunca tinha permitido ou desejado. Já não tinha tanta certeza no momento. Tudo que sabia era que o som de seu nome, sussurrado de forma tão doce por Jenna, fazia seu coração derreter-se. E o abraço apertado o fazia sentir-se aquecido.

Tudo era tão confuso... A relação entre os dois não tinha futuro. Não a longo termo. Ele tinha as viagens; ela, a McCue. Além disso, havia a questão do bebê. Ela era categórica na determinação de criá-lo sozinha e isso lhe caía perfeitamente bem porque não tinha a menor disposição para trocar fraldas.

Mas, droga, ele gostava de ficar com Jenna.

— Fique — sussurrou. — Vamos curtir. Um dia a mais. Serei um bom menino: ficarei por cima e vou cuidar para que você não se mova durante uma hora quando acabar. Vou até mesmo fazer sexo na cama embora seja contra meus princípios. Quero dizer fazer amor no mesmo lugar duas vezes.

Ela bufou de frustração.

— Puxa, Spencer, você é impossível.

— Mas irresistível. Você fica?

— Fico.

— Até quarta de manhã?

— Até quarta de manhã, mas depois tenho que ir embora, Spencer. Tenho uma reunião do conselho na quinta de manhã. Sou a presidente do conselho. Não posso faltar.

— Não vai faltar. — Ele levantou-lhe o queixo e plantou-lhe um beijo estalado na boca. — Obrigado, Jenna. Você não vai se arrepender.

Jenna não se arrependeu, mas se Spencer tivesse lhe falado sobre

seus planos, ela teria reconsiderado.

Ele não fez amor com ela na segunda à noite, o que a deixou meio confusa — em parte porque queria que ele fizesse. Em vez disso, ele comprou entradas para ver o Kirov Ballet no Wolf Trap Farm e contratou uma limusine para levá-los. Ocorreu-lhe que ele podia tentar algo arriscado no largo branco traseiro a caminho de casa — nada! — e quando chegaram ao quarto do hotel, ele a instalou confortavelmente recostada nele para ver um filme que jurou ser um clássico de terror. Sem nunca ter sido fã de filmes de terror, ela ficou com sono logo após perceber que ele realmente tinha a intenção de ver o filme.

Acordou em seus braços na terça de manhã. Ele a puxou a seu encontro. Massageou-lhe as costas e beijou-a carinhosamente. Ela sabia que ele estava excitado, podia sentir; ainda assim não tentou fazer amor. Em vez disso, numa voz preguiçosa, falou sobre sua casa em Key West e de como era acordar com o sol refletindo no oceano.

— Eu sei o que é isso. Também vejo o sol no oceano.

— Mas você está no norte, onde faz frio. Em meu ninho na floresta, a gente pode andar pelado no deque o ano inteiro.

— Pobres dos vizinhos.

— Não há vizinhos por perto. É parecido com seu pátio. Só que mais quente.

Isso dito, pulou da cama. Estava nu — sempre dormia nu — e embora ela só conseguisse ver seu bumbum quando foi para o banheiro, já era o suficiente. Os quadris eram estreitos, o bumbum bem-feito. Os ombros pareciam ainda mais largos devido ao contraste. As costas e as pernas eram bastante bronzeadas. O andar era macio e fluido.

Jenna tinha visto muitos modelos por conta de seu trabalho. Embora alguns fossem mais jovens e bonitos nenhum superava Spencer em termos de virilidade.

Ao sair do banheiro um tempo depois, vestia um robe, mas ela não podia esquecer-se dele sem o robe. A imagem a perseguia, deixando-lhe o sangue em brasa a cada vez que ocorria, o que era freqüente. Ela não tinha outra ocupação — trabalho, por exemplo — para distrair a mente. E Spencer estava ali, ao alcance de suas mãos.

Tomaram o café da manhã no quarto. Enquanto ele tomava banho, ela ligou para a secretária para avisar que só voltaria no dia seguinte. Depois foi sua vez de tomar banho. Ao terminar, partiram para

Georgetown.

Se não fosse o fogo lhe ardendo por dentro, o dia teria sido tão descontraído quanto os demais. Mas junto com a imagem de Spencer nu havia o seu pequeno avião rumando para o sul de manhã. Se ela estivesse grávida, não havia mais desculpas para voltarem a se encontrar. Ele podia se sentir atraído por ela, mas não queria saber de bebês e ela sim — agora mais do que nunca. Enquanto Spencer corresse em busca de aventuras, ela teria seu filho para amar.

Mas ele ainda não tinha partido. E se lembrava disso a todo instante: quando ele pegava-lhe a mão, quando sorria para ela, quando a fitava com aqueles olhos azuis cheios de promessas. Ele parecia não perceber as mulheres que o olhavam, atraídas seja por aqueles olhos ou pela altura ou pela cicatriz. Ele fez Jenna se sentir como se fosse a única mulher do mundo. Nenhum homem a tinha feito se sentir daquela maneira — motivo pelo qual, quando jantaram aquela noite e bebiam a terceira xícara de café, Jenna estava pronta para segui-lo até o fim do mundo. Quando ele perguntou se ela queria voltar para o hotel, ela não teve outra reação a não ser acenar afirmativamente com a cabeça.

O hotel estava calmo. Pegaram o elevador até o andar da suíte e atravessaram o corredor. Spencer destrancou porta e a seguiu. Em seguida, vindo por trás, a envolveu num abraço.

— Jenna?

Ela cerrou os olhos e recostou-se nele.

— Sim?

— Quero você.

Isso estava claro no mesmo instante, para seu infinito alívio.

— Você podia me ter tido a noite passada.

— Eu sei. Mas quis esperar. Quis que você também me desejasse.

Meiga, segurando-lhe o punho, ela disse:

— Eu o desejo.

— Então você promete fazer algo para mim?

— Depende.

— Quero que deixe a camisola no banheiro. Não vou acender a luz, se isso lhe for mais conveniente, mas quero sentir você inteira.

Dois dias antes, Jenna poderia ter vacilado, mas dois dias antes ela não conhecia aquele desejo enlouquecido. Valorizava a timidez, mas desde que não interferisse na satisfação. E satisfação era tudo que precisava de Spencer. Ele era seu amante, sim, seu amante. Não podia mais negar. Ele a queria nua. Ela também.

— Está bem — disse baixinho, e ouviu o som abafado emitido por ele.

— Você vai ficar nua?

— Vou.

Virando-a em seus braços, beijou-a com uma ternura que poderia ter lhe trazido lágrimas aos olhos se ela já não estivesse ardendo por dentro. Era esse o efeito que ele lhe causava.

Ela estava segurando-lhe a gola da camisa quando ele parou de beijá-la.

— Você vai se despir também? — sussurrou Jenna.

— Eu sempre o faço.

— Mas, quando eu me dispo? Junto com você?

— Se você quiser.

— Eu quero.

Ele lhe deu outro beijo, ainda mais suave, depois começou a desabotoar a camisa. Ela tirou as sapatilhas e soltou o cinto. Quando se desfez do cinto, abriu a bermuda e a tirou. Spencer estava desabotoando a calça, os olhos grudados nela e embora o quarto estivesse escuro, ela imaginou aqueles olhos azuis vendo tudo. No passado, teria achado isso amedrontador, ficaria morrendo de vergonha, mas nada aconteceu. A noite era um véu de emoção, dizendo-lhe que agia corretamente. Então tirou a camisa pela cabeça e a deixou cair. Depois fez o mesmo com o sutiã e a calcinha. Quando olhou para Spencer, ele estava parado nas sombras, tão nu quanto ela.

— Venha aqui — disse ele baixinho.

Os pés não fizeram barulho no carpete. Com o coração palpitando, ficou parada na frente dele, quase desejando poder ver mais, quase agradecida por não poder. Quando ele continuou imóvel, ela tocou-lhe o peito.

— Spencer?

A voz dele estava baixa quando disse:

— É isso que quero. Toque-me mais, meu anjo. Sua mão me leva ao paraíso.

Por um minuto, ela não fez nada. Nunca tinha sido ativa no que dizia respeito a sexo. Mas tocar Spencer agora parecia tão natural quanto antes tinha sido segurar-lhe a mão. A satisfação era totalmente inesperada. E estimulante.

A mão tremeu em seu peito. Ela colocou a mão no seu ombro e achou tão gostoso que colocou a outra. Sua pele era macia. Querendo mais, desceu as mãos até o peito cabeludo, tocando-lhe os mamilos pequeninos e duros. A respiração dele tornou-se mais ofegante, o que a excitou. Lentamente, as pontas dos dedos seguiram a linha de pêlos escuros que diminuía, transformando-se num fio perto do umbigo. Ela espalmou-lhe as mãos na cintura e as deslizou pelos flancos, depois na parte anterior das coxas.

Ele gritou-lhe o nome em desespero. As mãos ficaram congeladas; os olhos buscaram os dele. Enquanto tentava descobrir-lhe as sensações, ele soltou outro grito mais estrangulado.

— Não pare, meu anjo. Não pare agora. Continue. Preciso que me toque aqui embaixo.

Jenna teria rido, se não estivesse tão curiosa. Tocou-o onde ele tinha pedido. Ficou surpresa com a maciez, tão duro, tão ereto. Explorou-o com uma das mãos, com as duas até que seu gemido a fez lembrar-se do resto do corpo. Passando os braços à sua volta, encostou-se nele, nua pela primeira vez.

Aquele contato entre os corpos era o que faltava. Se ainda havia algum tipo de freio, de súbito se foi. Ele a beijou e a tocou como um homem querendo mais. Levou-a ao clímax uma vez e mais outra quando estava dentro dela. Depois de ter atingido o orgasmo, permaneceu dentro dela até recobrar o fôlego. Com cuidado, para mantê-la deitada de costas, começou tudo de novo. Dessa vez, a beijou por inteiro. A boca conheceu cada parte de seu corpo, cada centímetro, silenciando os poucos protestos que ela fez sem uma palavra. Jenna ficou tão surpresa por sentir tanto prazer e por tanto tempo, que logo cessou de protestar. Spencer sabia o que estava fazendo e ela se entregou de corpo e alma.

Perdeu a conta do número de vezes que fizeram amor. Cessou de se importar com quem estava por cima, por quanto tempo ficaria deitada imóvel ou se a contagem de esperma de Spencer estava baixa.

Ela não sentiu nenhuma centelha de vida. Na verdade, ao amanhecer, estava tão agradavelmente dormente que não tinha certeza se sentiria uma explosão dentro do corpo. Mas ela sabia. Sabia. Num determinado ponto naquela noite, eles tinham gerado um bebê. Tudo que restava fazer era esperar duas semanas para obter a confirmação.

Capítulo Nove

COMO previra, o período não veio no dia marcado no calendário. Ela não se sentiu inchada ou dolorida, como normalmente se sentia naquele período do mês. O teste de gravidez caseiro deu positivo.

Estava nas nuvens. Sorrisos chegavam-lhe aos lábios com frequência. Ela tinha desejado tanto um bebê e agora teria um. E que bebê! O filho de Spencer seria deslumbrante. Mal podia esperar para senti-lo dentro dela, vê-lo, segurá-lo. Um bebê em maio. Nove meses pareciam uma eternidade.

Naquela noite, parada, despida em frente ao espelho do banheiro, examinou o corpo com atenção. A gravidez não era visível. Os seios não estavam maiores do que antes; a barriga continuava lisinha. Presumiu que ainda demoraria várias semanas até detectar a primeira mudança.

Mais tarde, deitada na cama com o mesmo sorriso de encantamento que tinha ido e vindo o dia inteiro, pensou a respeito. Não tinha pressa de que em seu corpo a gravidez ficasse visível. Sempre tivera a intenção de manter sigilo sobre a gravidez, simplesmente porque era seu doce segredo pessoal e queria saboreá-lo. Pretendia esperar para contar aos diretores da empresa sobre o bebê no segundo trimestre e só quando a barriguinha comesse a aparecer. Alguns desaprovavam a decisão de ser mãe solteira, mas até então ela estaria num estágio avançado da gravidez e teria encontrado argumentos suficientes para acalmar as preocupações deles.

Então, a diretoria poderia esperar para saber da novidade. E as amigas idem. Mesmo Caroline. Mas e Spencer? Passou a noite agoniada, sem saber que atitude tomar. Ele tinha ligado na semana anterior para saber como ela estava — foi o ponto alto da semana — e perguntara para quando estava previsto o período menstrual. Ela tinha prolongado o prazo em um dia, pois queria ter certeza absoluta, antes de contar que estava grávida.

Agora já não tinha certeza se queria contar-lhe. Não queria lhe dar a oportunidade de dizer adeus e nunca mais telefonar. Queria outro final de semana com ele. Só mais um.

Que mal havia? Uma mentirinha inofensiva... Nem mesmo uma mentira, mas a omissão da verdade... Era assim tão horrível, levando-se em conta como ele a fazia se sentir mulher e quão pouco dessa sensação experimentara ao longo da vida? Estava preparada para colocar a maternidade acima de tudo, mas, antes disso, um último encontro apaixonado seria tão terrível?

Achava que não, motivo pelo qual, quando ele ligou na noite seguinte, ela escolheu as palavras com cuidado.

— Já veio? — perguntou ele logo depois de ter dito "Oi".

Ele ia direto ao ponto, uma das características que amava em Spencer. Não ficava fazendo rodeios como alguns dos homens que conhecia. Era um cara decidido.

Ela hesitou por algum tempo para sugerir sofrimento e disse numa voz bem baixa, soando como um pedido de desculpas:

— Acho que vamos precisar tentar novamente. — Ela não se estendeu sobre o assunto. Falar pouco era melhor; na verdade, melhor que isso só o silêncio.

— Meu anjo, sinto muito. Está muito triste?

— Não muito.

— Meu Deus, lamento. Tinha quase certeza de que acontecera em Washington. Quero dizer, fizemos sexo tantas vezes e ambos estávamos tão soltos. Tem idéia de qual possa ser o problema?

— Não deve haver problema nenhum — disse com firmeza. Não queria vê-lo preocupado, sentindo-se culpado ou julgando haver algo errado com ele. — Afinal, o que são dois meses? Nada, realmente.

— Não acredito que seja a posição. Fiquei em cima de você tantas vezes quanto por baixo... e me recuso a acreditar que isso aconteceu porque fizemos sexo demais. E nem comece a imaginar na possibilidade de ter funcionado se tivéssemos ido ao consultório do médico, porque não teria! E mesmo se tivesse — afirmou com veemência —, eu não teria me divertido. Foi tão bom.

Ela sentiu as partes femininas ganharem vida.

— Eu sei.

— Então vamos tentar novamente.

Ela disse calma:

— Se você não se importar.

— Não me importo. — Ele parecia tranqüilo, nem um pouco aborrecido.

— Obrigada, Spencer. Você leva tudo na esportiva.

— Ahã. Isso. Bem, tenho uma outra idéia dessa vez. Se fôssemos seguir o padrão anterior, devíamos nos encontrar daqui a duas semanas. Sugiro nos encontrarmos antes, dentro de dez dias, e acho que você devia planejar tirar umas férias de verdade. Preciso estar em Nova York nessa época. Podia passar aí, pegar você e voarmos até aqui. Minha casa é perfeita para umas férias.

— Sua casa? — Ficou imaginando o sol, o isolamento e a areia.

— Faz calor, há bastante lugar ao ar livre. É relaxante. Se existe um lugar perfeito para conceber um bebê, é aqui.

Jenna não duvidou, embora a concepção tivesse deixado de ser uma preocupação. A preocupação era sua tranqüilidade de espírito. Conhecer a casa dele tornaria ainda mais difícil esquecê-lo. Mas, afinal, queria ver onde ele morava.

— Acredito poder tirar uns dias de folga — concordou.

— Não são alguns dias. Estou falando de férias de verdade.

Ela pensou no escritório e na agenda para as próximas semanas. A época não podia ser melhor. O final de agosto era o período mais tranqüilo do ano.

— Posso tirar cinco dias e um final de semana — sugeriu.

— Estava pensando em dez. Mais os finais de semana. Duas semanas inteiras.

— Eu não poderia.

— Claro que pode. Não me venha dizer ter muito movimento nessa época do ano.

Ele tinha razão.

— Mas nunca me afastei do escritório por tanto tempo... a não ser em viagens de negócios. Ele fez uma pausa antes de exclamar:

— Você vai ficar muito mais tempo fora quando o bebê nascer!

— É verdade, mas estarei por perto, acessível por telefone.

— Ei, não estou falando sobre uma viagem de camelo pelo deserto do Saara. Estou falando de Key West, na Flórida. Somos civilizados por aqui. Temos telefones. Se precisarem de você, podem ligar. Por favor, meu anjo — pediu gentilmente — aceite!

Ele tinha razão: sobre o período de pouco movimento em agosto, o

telefone, a civilização — e ela queria ficar com ele. Pensando a respeito, se deu conta de que não podia ter escolhido uma época melhor ou um lugar mais legal.

— Está bem, mas encontro você aí. Posso tomar um avião para Miami, alugar um carro e dirigir até sua casa.

— Eu estarei em Nova York de qualquer jeito. Quero que venha comigo de avião.

— Seu avião é muito pequeno.

— Mas é meu avião. Eu o conheço como a palma da minha mão. Se algo estiver errado, posso sentir antes que apareça no painel de controle.

— Uh-huhh. Se bem me lembro, você teve problemas com o avião há poucas semanas.

— E o problema foi resolvido bem antes de eu sofrer um acidente.

— Óbvio. Se tivesse sofrido um acidente, não estaria falando sobre ele. Seria impossível sobreviver. Aquele avião não o protegerá de nada. Eu o vi. Parece ter sido amarrado com elástico.

— Elástico ou não, nos últimos quinze anos atravessei este continente naquele avião mais vezes do que os meus dedos das mãos e dos pés e os seus juntos. É um avião seguro, Jenna, e sou um bom piloto.

— Pode até ser, mas eu morro de medo de aviões. Vou deixar você louco antes de decolar. Sério, Spencer. Seria melhor para nós dois se eu encontrasse você aí.

Ele ficou quieto por um segundo. Depois, parecendo rejeitado, resmungou:

— Você não confia em mim.

— Confio sim. Não confio é no avião nem no tempo.

Em tom sério, ele declarou:

— Eu não decolo se houver problemas no avião ou se o tempo não estiver bom, o que não posso garantir quando se trata de pilotos comerciais em geral. Eles têm uma rotina para cumprir. Eu não. Honestamente, acredita que tenho vontade de morrer?

— Algumas pessoas acreditam, levando-se em conta as aventuras em que se meteu.

— Mas e você?

Sem pestanejar, ela respondeu:

— Não. — Ele respeitava a vida. Ela tinha essa convicção através dos livros escritos por ele e por tudo que vivenciaram juntos.

— Então voe comigo.

Ela apertou os olhos.

— Spencer, eu vou ficar tão nervosa.

— Não, não vai, porque vai estar sentada ao meu lado observando meus gestos e sabe que eu nunca faria nada para colocar em perigo você ou o bebê que um dia vai chegar... se fizermos tudo certinho desta vez.

Ela não queria voar no avião dele. Realmente não queria. Mas sentiu-se culpada por deixá-lo acreditar que ainda não havia um bebê — quando havia — e em se tratando de confiança, não havia ninguém em quem confiasse mais do que em Spencer.

— Você vai se arrepender — avisou. — Serei a pior passageira do mundo. Posso até mesmo ficar enjoada e vomitar por toda a cabine. — Grande idéia! Teria uma desculpa no caso de ter enjôos!

O tom de voz elevou-se.

— Não, querida. Vou levar sacos plásticos. Ei, isso é fantástico, Jenna. Vamos nos divertir muito. Estou esperando ansioso por isso.

— Ahã. Bem, eu também... assim que chegarmos em sua casa. O que devo levar?

De acordo com a resposta dele: um biquíni, shorts, camisetas e um vestido, Jenna chegou à conclusão de que Spencer levava uma vida totalmente informal em Key West. Não que esperasse ou quisesse nada diferente. Roupas eram irrelevantes. Estar com Spencer era o que contava.

Ele enviou-lhe flores: uma dúzia de rosas amarelas, Chegaram ao escritório na manhã seguinte, acompanhadas de um cartão com os dizeres: "Ânimo. As melhores coisas, em geral, exigem muito trabalho. Vamos conseguir dessa vez. S." Um gesto tão doce, desnecessário... Sentiu-se tão culpada que, de pronto, começou a chorar. Estava imensamente agradecida por todos os seus funcionários estarem ocupados. Era a presidente da empresa. Seu pessoal ficaria chocado ao vê-la chorar por causa de um vaso de rosas.

Mas as rosas ficaram expostas em sua escrivaninha, e se emocionava

só de olhá-las. Quando Spencer ligou duas noites depois, ela agradeceu efusiva e lhe garantiu que as flores contribuíram para se sentir melhor. Ele ligou duas noites depois disso para saber se estava bem. Outro telefonema, três noites depois para se assegurar de que ela não teria problemas em se ausentar do escritório para tirar férias. Em seguida, de Nova York um dia antes de buscá-la, para ter certeza de que ela estava pronta.

Se, por um lado, Jenna adorava conversar com ele, por outro se sentia mal por enganá-lo. Então decidiu que iria caprichar e fazer o que estivesse a seu alcance para estar espetacular. Com esse objetivo, foi ao salão fazer hidratação e cortar os cabelos, limpeza de pele, as mãos e os pés. Sendo uma McCue, também fez compras. Pesquisou em cinco de suas lojas, em três diferentes estados. Todas cinco já estavam com roupas de outono, mas cada uma delas tinha um departamento de roupas esporte com maiôs, biquínis, shorts e camisetas durante todo o ano. Estremeceu ao pensar no vestido, mas já estava cansada dos seus. Além do mais, várias das camisetas compradas eram grandes o suficiente para virarem vestidos quando usadas com um cinto nesta viagem, e depois folgadas mais tarde, quando precisasse de mais espaço.

Quando Spencer passou para buscá-la em casa, deu de cara com uma mala grande e uma bagagem de mão lotada.

— Tudo isso para um biquíni, duas camisetas, dois shorts e um vestido de verão? — perguntou, olhando as malas, horrorizado.

Ela não se ofendeu. Ele era uma visão tão maravilhosa que duvidava poder se irritar com alguma coisa vinda dele — exceto o avião, o que lhe exigia um monumental esforço para esquecer.

— Eu sei como faz calor por lá e vou suar um bocado. Quero poder trocar de roupa.

— Podia ficar nua. Seria mais simples. — Os olhos a provocaram com um lampejo indecente e apesar de tudo que haviam compartilhado ela sentiu um calor subir-lhe ao rosto. Ele riu ao perceber e pegou as malas. — Vamos.

Ela estava sob controle a caminho do aeroporto. Não se permitiu pensar que esse vôo seria diferente dos outros. O coração subiu-lhe à garganta quando viu o avião, mas colocou-o de volta no lugar. As pessoas voavam em aviõezinhos diariamente, disse a si mesma. Olhou os outros aviões particulares que se moviam na área. Não achava que nenhum deles cairia. Não havia razão para acreditar que isso acontecesse com o de Spencer.

Nesse momento, pensou na responsabilidade não só pela própria

vida, mas também pela do bebê e sentiu vontade de contar a Spencer. Mas se contasse, ele não teria motivos para levá-la a lugar nenhum. Ela queria tanto estar com ele... Além do mais, depois de tudo que acontecera, ela lhe confiava a vida.

Agarrando-se a esse pensamento, permaneceu calma ao se dirigir para a sala de comando. Após Spencer ter entregado as coordenadas e recebido as instruções de vôo, caminhou com ele para a pista. O avião, com toda certeza, era maior de perto. Incrível! Era exatamente o contrário. Ainda assim, manteve a pose. Confiava em Spencer. Era um piloto veterano. Sabia o que fazia. Não deixaria nada de mal lhe acontecer.

Quando ele acomodou a bagagem na parte traseira, ela arregalou os olhos diante das outras coisas estocadas: uma enorme variedade de malas, caixas e pacotes.

— O que é isso tudo?

— Provisões. Sempre que venho aqui, compro coisas para levar para casa.

Duas bolsas lhe chamaram a atenção de pronto. Eram de um roxo familiar e estavam cheias até a borda.

— Você foi à McCue?

— Precisava de toalhas e cobertas novas.

Outra mala — não da McCue — continha papéis. Várias outras — na verdade quatro ou cinco, calculou — continham mantimentos. Viu uma caixa de isopor grande, uma bolsa cheia de livros, um rádio/toca-fitas na caixa e uma bolsa da Tower Records.

— Achei que você estivesse em Nova York a negócios. Mas pelo que vejo, passou o tempo todo fazendo compras.

— Tratei de negócios.

— O manuscrito ficou pronto? — Ela sabia que o editor dele o tinha feito trabalhar ainda mais do que trabalhara naquele final de semana em sua casa.

— Finalmente. — Ele a ajudou a subir no avião, depois se sentou no banco do piloto. Assim que os cintos de segurança foram apertados, ele começou a mexer nos botões do painel. Indiferente, disse: — Você não parece nervosa.

— Você disse que eu não precisava ficar: estaria mais segura em seu avião do que num jato comercial e era o melhor piloto das redondezas.

Simplesmente acredito em suas palavras, Spencer. Confio-lhe minha vida. — A voz era quase tão indiferente quanto a dele, mas os olhos lhe enviaram uma mensagem contundente.

Se ele se sentiu incomodado com a responsabilidade, não o demonstrou.

— Você é uma mulher sábia — disse seguro. — Levando-se em conta as circunstâncias, era a melhor coisa a fazer.

Jenna alimentava essa confiança. Isso a manteve serena enquanto ele examinava a rota de vôo, conversava com a torre de comando e se dirigia para a pista de decolagem. Explicava todos seus gestos, passo a passo. Identificou os barulhos sem que ela precisasse perguntar e assegurou-lhe que os sacolejos e vibrações eram absolutamente normais.

Com uma facilidade surpreendente, o avião estava no ar, subindo, e embora o coração de Jenna batesse com mais rapidez que o normal, não estava nem um pouco em pânico. Era evidente que Spencer sabia o que fazia. Ele parecia à vontade com os controles como ela se sentia atrás do volante do carro.

— Você está se comportando muito bem — disse ele. — Estou orgulhoso. — Pegou-lhe a mão e a levou até a boca para beijá-la.

Ela a puxou rápido.

— Ambas as mãos nos controles, por favor. Você tem razão, estou me comportando muito bem, mas apenas porque você está totalmente concentrado. Se começar com gracinhas, pegarei o primeiro pára-quedas para casa.

— Não tenho pára-quedas.

— O quê?

Ele soltou uma gargalhada.

— Estou brincando. Não apenas tenho pára-quedas, mas eu mesmo os dobro. Tenho experiência em salto livre. Já lhe falei a respeito?

— Não, mas presumi que já tivesse feito praticamente tudo: voou de asa delta, esquiou saltando de helicópteros, andou de balão.

Os olhos dele se iluminaram de entusiasmo, sinal de que adorava o último item.

— Você já andou de balão?

— Não.

— Você ia adorar. É tranquilo e silencioso. Dá uma paz incrível.

— Deve ser bem mais simples do que isso — refletiu, o olhar perdido no painel e seus inúmeros botões e bússolas.

Spencer deu de ombros.

— Isso não é complicado. Até você pode pilotar.

— Não, obrigada. Passo.

— Estou falando sério.

— Eu também. Você me fez vir até aqui. Não me provoque.

Ele voltou a dar uma gargalhada e prestou atenção no painel de controle que ela achara tão complexo. — Deixe-me dizer uma coisinha. O tempo está ótimo. O percurso até a costa está limpo. Na semana passada o furacão Chloe ameaçava causar um bocado de destruição.

Jenna acompanhara o curso do Chloe com atenção. Se o furarão tivesse passado perto de Key West, teria um ataque nervoso de preocupação por causa de Spencer.

— Você só pegou chuva, não foi?

— Foi.

— Mas você sobreviveu a coisas bem piores.

— Você nem imagina. Essa estação é complicada. Se não é um furacão, é uma chuva tropical, tempestades ou temporais. Por isso o salvamento do galeão agora está fora de questão. Com o mar agitado, os perigos se multiplicam e esse é justamente o período do ano em que os mares ficam agitados com uma regularidade inacreditável. — Rangeu os dentes. — Então o juiz pode levar quanto tempo quiser para decidir, Não podemos fazer droga nenhuma na água até o tempo firmar. — Ele bateu em um dos marcadores. Jenna percebeu. O pulso falhou.

— Algum problema?

— Nada.

— Está dando para ler direito?

— Está ótimo.

Ele parecia confiante e isso lhe bastava. O pulso voltou ao batimento

normal. Relaxou o máximo possível, levando-se em contar estar num avião, ou seja, era capaz de respirar fundo, soltar as mãos agarradas nas laterais do assento e colocá-las com serenidade no colo. A viagem não era tão ruim, na verdade. Sério. Sentia bem mais as oscilações do que teria sentido num avião maior, mas Spencer tinha razão, havia a sensação de controle. E talvez esta sensação de controle viesse da fé que depositava nele. Duvidava haver outra pessoa no mundo capaz de fazê-la entrar num avião daquele tamanho.

— Tudo em ordem? — perguntou Spencer.

— Tudo.

— Não está enjoada?

— Nem um pouco. — Esperou que ele dissesse "eu lhe disse" — como esperara o mesmo comentário quando ele tinha dito para não ir a Hong Kong. Mas ele não disse nada naquela ocasião e não o fez agora. Ele era especial nesse sentido também. Outros homens eram machistas, orgulhosos e superiores. Spencer não, embora ele tivesse todos os motivos do mundo para ser. A diferença residia na autoconfiança. Spencer confiava em si mesmo. Ele havia conquistado isso. Tinha se testado um monte de vezes sobre as coisas que realmente contavam para ele. Ela sentia tanto respeito por ele, tanto respeito.

O respeito aumentou ainda mais durante as duas horas seguintes. Spencer pilotava o avião da mesma maneira calma e eficiente com que lidava com ela. Quando fazia mudanças nos controles, lhe dizia o que estava fazendo e o porquê e isso incluiu um pouso em Savannah do qual Jenna não tinha conhecimento. Pousos e decolagens, em definitivo, não eram sua atividade predileta, mesmo em jatos. A agência de viagem há tempos aprendera a fazer reservas para ela apenas em vôos sem escala. Mas Spencer não era seu agente de viagens e alegou que se ela não precisava ir ao banheiro, o avião precisava de combustível. Ela não tinha como contra-argumentar.

Então aterrissaram em Savannah. Depois de terem ido ao banheiro, à cafeteria e de encherem os tanques, levou-a de volta às alturas. Sem dúvida, foi mais fácil da segunda vez: o som e a sensação tinham se tornado familiares. Ainda assim, sabia que não ficaria totalmente à vontade até terem pousado em Key West. Até ter, enfim, pousado lá; até, enfim, saber que não voltaria a voar nas próximas duas semanas, não conseguiria relaxar e curtir Spencer.

Até Savannah, tinham sobrevoado a costa. Agora voavam por sobre a água. Jenna recostou a cabeça, fechou os olhos e cochilou, seu escape

preferido. Quando acordou, tinham acabado de passar a oeste de uma grande ilha das Bahamas.

Não demorou muito para notar um ar preocupado no rosto de Spencer. Ela não estava alarmada por completo. Sobrevivera a quatro horas no ar, duas decolagens e um pouso. Era uma espécie de veterana.

— Algo errado? — perguntou casualmente.

— Não — respondeu e voltou a atenção para a frente.

Mas algo na maneira como tinha dito "não", como se estivesse mais chateado do que convicto, a manteve alerta aos movimentos. Vários minutos depois ele voltou a bater no mesmo aparelho e franziu a testa.

— O que foi? Pode me dizer. Estou preparada para o pior.

— Não é o pior. Esse aparelho vem me dando dor de cabeça nos últimos seis meses. Já o substituí duas vezes, mas ainda continua fazendo leituras distorcidas.

— Você me disse que o avião era seguro.

— E é.

— Você me disse que podia perceber se algo errado acontecesse, antes mesmo de aparecer no painel. Você está percebendo alguma coisa errada?

— Não — disse sereno. — O avião está voando sem problemas. Mas eu também afirmei ser um piloto prevenido e um piloto prevenido não ignora uma leitura distorcida. Preciso checar. — O avião começou a descer depois de reduzir o motor e apertar dois botões.

— Descer? Aonde? — Até então Jenna tinha se comportado super bem. Nesse momento, a calma começou a desaparecer. — Tudo que vejo é água.

— Vamos passar por cima de uma ilha. — Ele apontou, sem tremer. — Ali? Está vendo?

Ela via algo muito vagamente.

— É uma miragem.

— Não; é uma ilha.

— Qual ilha? — A imagem não parecia grande o suficiente para permitir um pouso, quanto mais reparos no avião.

— Fica ao norte de Bimini.

— Como se chama?

— Ilha particular nº 457.

Ela o encarou boquiaberta.

— Está falando sério?

— Pode ser a de nº. 483 ou 421. É difícil afirmar. Você sabia que existem setecentas ilhas nas Bahamas e que apenas trinta delas não são habitadas?

Jenna teve um pressentimento horroroso.

— Está tentando me dizer algo, Spencer?

Ele sorriu.

— É, parece. Estou tentando dizer que presumindo que há uma razoável extensão de praia, vou pousar naquela pequena ilha e é bem provável que sejamos os únicos por lá.

— Vamos pousar numa ilha deserta? — Ela engoliu em seco. — Sem pista de pouso?

— Mas uma praia é uma ótima pista de pouso.

— Spencer! — queixou-se. Ele não parecia nem um pouco chateado, o que deveria tranquilizá-la, mas não foi esse o efeito produzido. O pesadelo se tornara realidade.

— Vamos lá, meu anjo — censurou-a com delicadeza. — Não corremos perigo. Se essa ilha não for adequada para pousar, encontrarei outra. E quando pousarmos vou checar se há algum problema. Se houver, ou eu mesmo conserto ou então passo um rádio pedindo ajuda. Se não houver, decolamos novamente e só teremos perdido alguns minutos.

Jenna estava novamente agarrada à lateral do assento; mas dessa vez apenas com uma das mãos. A outra pousou na barriga, num gesto protetor.

— Eu devia ter viajado num avião comercial. Era o que eu queria fazer.

— Mas você concordou em vir comigo porque confiou em mim e estou dizendo que pode continuar a confiar. Você acha que equipamentos não sofrem pane em jatos comerciais? É claro que sim. Mas jatos comerciais não podem pousar em praias, então continuam até seu destino e um

mecânico pode dar uma olhada rápida nos mostradores entre os vôos. Estou me precavendo.

— Pousando numa praia?

Ele levantou um dedo.

— Só se a praia for segura. Já afirmei não ter impulsos suicidas e falava sério. Também afirmei que não faria nada para colocar você em risco e estava falando sério a respeito disso também. — Ele apertou-lhe o queixo. — Isso é uma aventura, meu anjo. Pense nas histórias que terá para contar a seus netos um dia.

— Ahã — disse Jenna com o fiapo de energia que lhe sobrara. O resto estava concentrado no desejo do avião continuar no ar até alcançar a ilha. Imaginou ouvir todo tipo de barulhos esquisitos vindo do motor. Imaginou o ar da cabine diferente. Imaginou o avião perdendo velocidade numa taxa alarmante a ponto de obrigá-los a pousar na água, sem dúvida infestada de tubarões.

Em silêncio começou a rezar. Prometeu ser boa, muito boa, se o avião não caísse. Sua vida estava apenas começando. Tinha tanta vida pela frente. Não queria morrer do mesmo jeito que os pais e especialmente não queria morrer antes de ter o filho. Podia o destino ser tão cruel?

— Tudo sob controle? — perguntou Spencer.

— Tenho escolha? — retrucou em tom estridente.

— Tem. Você podia procurar um pára-quedas aí atrás.

Os olhos se arregalaram.

— É seu conselho?

— Claro que não. Não há necessidade de pára-quedas se temos uma praia perfeita para pouso.

Ela olhou pela janela. A ilha tinha assumido contornos lembrando um chocolate, mas na cor verde, rodeado por uma larga faixa de areia.

— Esses pousos são difíceis?

— De jeito nenhum. Moleza.

Ela voltou a rezar. Ou isso ou berrar com Spencer por colocar em risco sua vida, mas isso seria contraproducente. Ele precisava se concentrar no pouso. Depois ela gritaria.

— Tudo bem — suspirou. — Esse pouso será exatamente igual ao de

Savannah. — Fez uma manobra, inclinando o avião e fazendo uma curva para alinhá-lo com a praia. Continuou conversando, como fizera no pouso anterior.

O coração de Jenna subiu-lhe à garganta e lá ficou todo tempo. Sua vida passou como um filme quando a faixa de areia se aproximou. Pensou nos pais e no que eles deviam ter pensado nos minutos antecedendo a queda do avião. Pensou nos amigos, no pessoal da McCue e se perguntou o que aconteceria com a loja. Pensou no bebê, com tanto potencial — e em Spencer, tão cheio de vida, tanta coisa boa ainda por vivenciar. Se não estivesse paralisada de medo, teria gritado diante de tantas perdas.

O avião desceu os últimos cem metros e sobrevoou a praia por um segundo antes de tocar na areia. Tocou uma vez, depois uma segunda e uma terceira numa rápida sucessão, antes de finalmente permanecer no solo.

Jenna parecia ter virado uma estátua.

— Pode respirar agora — disse Spencer carinhoso. Desafivelando o cinto de segurança, ele abraçou o corpo rígido. — Desculpe, meu anjo. Calculo como deve ter sido difícil para você.

— Difícil? — perguntou em voz fraca. Recobrou um pouco de força e disse mais alto: — Difícil? Foi horrível! — Desvencilhou-se de seus braços e o fitou. — Como pôde fazer isso comigo, Spencer Smith? Sabe que morro de medo de aviõezinhos. Para começar, nunca deveria ter sugerido que eu viesse com você! — Abrindo a porta, ela escorregou pela asa e atingiu a areia num passo zangado.

— Aonde você vai? — perguntou Spencer, seguindo-a.

— Aonde posso ir? — gritou e continuou andando. Tinha que se afastar daquele avião. Tinha que recuperar o juízo. Então andou a passos largos na praia até um aglomerado de grandes pedras. Subiu na maior, ficou de costas para Spencer e o avião e sentou-se, olhando, irritada, para o mar.

Algum tempo depois, Spencer foi a seu encontro. Não a tocou, nem mesmo sentou-se na pedra ao lado. Escolheu uma com algum espaço entre eles — atitude sensata, ponderou Jenna. Dependendo do que ele dissesse, se estivesse mais perto, ela, com certeza, bateria nele.

— Temos um problema — começou ele.

Ela apertou as coxas com os braços.

— A leitura daquele mostrador está com defeito. Não há nada errado

com o sistema hidráulico. O problema é elétrico, motivo pelo qual o mostrador estava descontrolado.

Ela colocou o queixo nas mãos e trincou os dentes.

— Infelizmente — prosseguiu — quando desliguei o motor o problema que afetava o mostrador causou um grande curto-circuito que agora está afetando bem mais do que só um mostrador. Então me parece que não vamos decolar agora. Estas são as boas novas — disse, como se adivinhasse seus pensamentos. — As más notícias é que não temos material para consertar o estrago. Não vamos decolar até alguém aparecer para nos buscar.

Ela soltou um suspiro e voltou a prender as coxas com os braços.

— Quanto tempo vai levar?

— Depende — disse de uma maneira tão hesitante que ela o fitou.

— Depende de quê?

— De quando nos acharem.

— O que quer dizer com "quando nos acharem"; Você não pode simplesmente mandar um rádio dando o alarme?

Ele sacudiu a cabeça.

— O sistema elétrico não está funcionando.

— Certo. Então é isso o que tem a lhes dizer.

— Não posso dizer nada. Não consigo ligar. Não consigo entrar em contato com ninguém. O rádio faz parte do sistema elétrico e o sistema elétrico pifou. O rádio não serve para nada.

Jenna o encarou.

— Para nada?

— Não funciona. Avariado. Quebrado.

— Não acredito.

— Você acha quê eu ia brincar com algo tão sério?

Não, supunha que não. Lentamente ela começou a entender.

— Então estamos presos aqui?

— Receio que sim.

— Até alguém ver o avião na praia?

— Parece que sim.

Ela engoliu em seco.

— Quanto tempo vai levar?

— Não sei. Pode ser um dia ou dois. Pode ser mais.

— Mais?

— Uma semana. Talvez mais.

Jenna pensou na última possibilidade. Mais de uma semana poderia significar um mês ou dois ou cinco. Se ficassem isolados todo esse tempo, ela estaria bem barriguda quando fossem encontrados e todo esse tempo ficaria sem cuidados médicos. Não sabia do que seria capaz, se algo acontecesse com o bebê.

— Podemos sobreviver? — perguntou nervosa.

Spencer não parecia nada nervoso.

— Tranqüilamente. Temos comida. Temos abrigo. Temos roupas. Temos até toalhas e cobertas.

— Essa é a estação dos furacões. E se tiver uma tempestade?

— Então vamos ficar sentados do lado de fora. A ilha sobreviveu a mais tempestades do que eu e você seríamos capazes de contar.

— Mas não há nenhum ser vivo aqui porque não há nada para fazer aqui. Então, o que vamos fazer?

— Vamos comer a comida que eu trouxe. Ler os livros que comprei. Tomar sol. Nadar. — Os olhos de Spencer subitamente cintilaram. — Posso pensar numas outras coisinhas que podemos fazer.

Jenna também queria bater nele por lembrá-la. Era inapropriado pensar em sexo quando suas vidas corriam perigo.

Ela considerou contar sobre a gravidez. Ele tinha direito de saber. Precisava dividir a responsabilidade pelo bem-estar do bebê. Depois se deu conta de que ele não tinha que dividir responsabilidade nenhuma! Papéis neste sentido tinham sido assinados por ela no escritório do advogado. Desde o início, ela havia prometido que não pediria nada além do esperma. Pretendia manter a promessa.

Então não iria contar-lhe sobre o bebê, pois não era responsabilidade

dele. Não faria nenhuma diferença quanto às chances de resgate. E ele ficaria furioso por ela ter mentido.

— Devia ter voado de Delta — murmurou.

— Certo. E teria chegado a minha casa e esperaria, esperaria e eu ainda estaria nesta ilha. Então o que é melhor? — Ficou de pé. — Ficar lá sozinha esperando ou estar aqui comigo? — Ele saiu passeando em direção ao avião.

Num acesso de fúria — sem dúvida resultado do terror experimentado durante o pouso na praia — ela gritou:

— Lá, Spencer. Eu preferia estar lá e se você é tão arrogante a ponto de acreditar que estou mentindo, está se iludindo! — Levantou-se com as mãos nos quadris. — Você e seu avião tiraram dez anos de minha vida. Vou ter pesadelos com esse pouso por dias, e ainda por cima tenho que me preocupar em sobreviver até ser resgatada. Bem, deixe-me dizer-lhe uma coisinha: quando esse avião de resgate chegar, não dou a mínima se ele vai trazer as partes que você necessita para fixar essa geringonça. Vou voltar com o pessoal do resgate! — Ela respirava com dificuldade, sentindo-se emocionalmente em frangalhos. Quando ele continuou andando, ela gritou ainda mais alto:

— Você não é só arrogante, mas falso. Obrigou-me a voar com você. Quis que eu confiasse em você e eu confiei e olhe só onde fui parar... — E ainda mais alto:

— Estou presa numa ilha deserta no meio do oceano com um homem que passa a vida vivendo suas fantasias infantis. Cresça, Spencer! A vida não se resume a galeões espanhóis, ao brilho do ouro e sexo!

Quando ficou sem forças e sem respiração, ele parou de andar. Ficou parado com a cabeça inclinada por um minuto antes de virar-se com vagar. Com vagar, mas decidido, ele voltou a caminhar em sua direção e quanto mais perto chegava, menos à vontade ela se sentia. Ele parecia furioso. Estava satisfeita por estar parada no alto de uma rocha, o que lhe dava uma pequena vantagem em termos de altura. Depois se perguntou se isso ajudaria. Com o cabelo negro caído na testa, as sobrancelhas juntas e a mandíbula contraída de um jeito tal que a cicatriz parecia pulsar, ele parecia um homem muito zangado.

Se o orgulho tivesse permitido, teria recuado. Mas era Jenna McCue, presidente e chefe do conselho da McCue. Era uma mulher racional e, talvez, momentaneamente exaltada, mas também era a futura mãe do filho de Spencer Smith — mesmo que ele ainda não soubesse — e se recusava a acovardar-se. Levantou o queixo e encontrou-lhe o olhar, tão

corajosamente quanto podia.

Parando na base da pedra, ele a olhou por um minuto. Antes de descobrir o que planejava e afastá-lo, ele abaixou-se e a pendurou no ombro. Atônita, ela lutou para conseguir recuperar a respiração, mas no momento em que pôde protestar, ele caminhava, atrevido, de volta para o avião.

Capítulo Dez

— COLOQUE-ME no chão! — gritou. — Spencer, você não pode fazer isso! Coloque-me no chão!

Ele continuou andando.

O sangue subiu-lhe à cabeça, fazendo-a sentir-se estúpida.

— Não estou brincando, Spencer! — Ela agarrou-se em sua camisa para evitar o balanço causado pelos seus passos. — Coloque-me no chão!

O braço a prendia pelos joelhos. Ele a segurava com firmeza e, ao mesmo tempo, evitava que ela o chutasse. Não que ela fosse agir assim. De repente começou a se sentir muito aborrecida: aborrecida pelo defeito no avião, aborrecida por não poderem pedir ajuda, aborrecida por Spencer estar zangado, aborrecida por ter dito aquelas coisas horríveis. Estava aborrecida também por causa do bebê, pois estava determinada a não expô-lo ao perigo, mas o fizera. Era sua culpa, tudo sua culpa. Se não tivesse mentido para Spencer, ele não a teria convidado para viajar para o sul e se não a tivesse convidado, não estariam isolados numa ilha deserta sem perspectivas de resgate.

Sentindo-se tonta e deprimida, começou a chorar. Pressionou o rosto contra as costas dele. — Por favor, Spencer, me desculpe. As palavras saíam inaudíveis de sua boca. Ele se curvou e deixou-a escorregar do ombro. Quando viu as lágrimas, praguejou. Levantou-a nos braços e enquanto ela comprimia o rosto em seu pescoço, carregou-a até o ponto onde começava um gramado. Palmeiras cresciam no local, curvando-se para cima, criando guarda-sóis formados pelas folhagens nos topos, espalhando-se por uma larga extensão de praias convidativas. Spencer recostou-se numa árvore, sentando Jenna entre suas pernas. Manteve um braço em torno dela, mantendo-a próxima.

— Não chore por minha causa, meu anjo — disse numa voz melancólica. — Não suporto ver você chorar. Juro preferir ouvir o canto de um bando de caçadores de cabeças a ouvir seu pranto. Quietinha. Calma, Jenna. Psiu. Já vi você me olhando duas vezes com olhos lacrimejantes: primeiro quando achou que eu não doaria meu esperma, depois quando eu lhe disse que daria e nas duas vezes a visão dessas lágrimas me emocionaram. Agora você está soluçando. Droga! Eu é quem devia estar chateado. Afinal, eu fui xingado de todo tipo de nomes.

— Eu sei. — Ela limpou as lágrimas. — Lamento. Eu não deveria ter

me descontrolado. Agi mal. — Os olhos estavam novamente encharcados. Apertou o rosto na camisa dele para que ele não tivesse que vê-la chorar.

Ainda melancólico, Spencer disse:

— Não há motivo para ficar chateada. Não estamos em perigo.

— Estamos abandonados numa ilha deserta.

— Estamos provavelmente a menos de 160 quilômetros de Miami.

— Mas não podemos chegar lá.

— E daí? Estamos a salvo, temos suprimentos.

— Mas por quanto tempo? Ah, Spencer, se não fosse por mim, você não estaria aqui.

— De onde tirou essa idéia? Eu estava em Nova York. Teria que voltar para casa.

— Mas teria ignorado aquele mostrador e chegado em casa sem problemas. O sistema elétrico só queimou quando pousamos. O avião estava voando bem até então. Você apenas pousou para me provar como era cauteloso. — Quando ele não disse nada, ela perguntou: — Não é verdade?

— É, mas isso são águas passadas. Não estou chateado por estarmos aqui, Jenna.

— Mas podemos ficar aqui para sempre. — Começou a imaginar o parto naquela praia, sem saber o que fazer. Havia sido treinada para ser uma mulher de negócios e não uma dona de casa. Havia lido inúmeros livros sobre a gravidez, mas não sobre o parto. Não tinha ido ao médico desde que a menstruação não viera. Certamente não tinha começado as aulas para o parto ainda.

— Não vamos ficar aqui para sempre — repreendeu-a.

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque conheço essas ilhas. Aviões fazem essa rota todo tempo. Transatlânticos também. As empresas de turismo usam praias como essa para piqueniques.

— Durante a estação de furacões? — perguntou cética.

— Durante toda a estação se estiverem ganhando direito. Tudo bem, se houver possibilidade de furacões, não. Mas o serviço de meteorologia não previu furacões essa semana, então alguém vai nos encontrar.

— Antes que a comida acabe?

— Não vamos ficar sem comida. Além de bananas e peixes, temos mantimentos de sobra.

— Bananas?

— Na floresta. E tenho uma vara de pescar novinha em folha no avião.

Jenna supôs que um bebê devia gostar de bananas, mas não havia chance de gostar de peixes. Ela mesma odiara peixe durante os primeiros 23 anos de vida. É claro, tinha planejado amamentar o bebê bastante tempo e como ela gostava tanto de bananas quanto de peixe, talvez não precisasse colocar em pauta morte por inanição. Mas outros assuntos sim.

— E meus conhecidos? — perguntou. — Vão achar que sofremos um acidente de avião. Pode imaginar como Caroline e seus pais vão se sentir? E o pessoal da minha empresa? Vão providenciar velório, mandar rezar missas. — Ela gemeu. — Vai ser horrível.

Ele deu-lhe um abraço.

— Não se antecipe, meu anjo. O pessoal do escritório espera sua volta daqui a duas semanas, portanto só então começariam a se preocupar. Quanto à minha família, estão acostumados a ficar sem notícias bem mais tempo. Já desapareci antes e apareci são e salvo vezes demais para alguém pensar duas vezes a respeito, especialmente minha família. Caroline sabe que você está comigo. — Jenna tinha lhe contado que eles passariam algum tempo juntos. — Ela vai supor que eu fiz exatamente o que eu fiz: parei numa ilha deserta para ter você só para mim por duas semanas.

Jenna enxugou os olhos na camisa dele.

— Queria que não dissesse coisas assim.

— Por que não?

— Por que são meigas. E você não faz o gênero meigo. Você é tido como um valentão insolente.

Ele afrouxou o abraço.

— Lamento desapontá-la, meu anjo. Ei, por que não vem explorar a ilha comigo? Quero ver onde estamos metidos. E então, me acompanha?

Ela levantou os olhos. Se Spencer estava preocupado em voltar à civilização, não havia a menor evidência no rosto. Ele dava a impressão de ter parado na ilha para uma tarde de aventura. Mas, afinal, aventura era

seu meio de vida. Era bom nisso. Adorava isso. Para agradá-lo, concordou. Ele enxugou as últimas marcas de lágrimas de seu rosto e sorriu:

— Essa é a minha garota. — Ajudando-a a levantar-se, levou-a até a praia.

Passaram pelo avião com o motor aberto onde ele esteve trabalhando. Passaram uma dúzia de palmeiras iguais àquela onde tinham se sentado à sombra. Spencer parava, vez por outra, para espiar buscando uma vegetação cerrada, mas só quando chegaram ao final da praia encontraram a floresta.

Jenna esperava uma floresta linda, daquelas de tirar a respiração, como deveria ser, raciocinou, se estavam numa ilha selvagem. Mas essa não era bonita. Não tinha nem certeza de poder chamá-la de floresta. O matagal era mais ou menos da altura de Spencer e indescritível. Além das palmeiras, parecia estar em Rhode Island.

Enquanto avançavam para o interior, entretanto, as coisas começaram a mudar de figura. O caminho começou a tornar-se mais íngreme. As árvores tornaram-se mais verdes e quase tocavam o céu. Embora Spencer segurasse sua mão, Jenna manteve o olhar atento com receio de pisar em algo onde pudesse tropeçar com facilidade. Também ficou atenta a cobras e outros seres rastejantes que poderiam lhe tirar o sono. Quando Spencer notou a maneira vigilante com que andava e quis saber o que estava acontecendo, ela contou-lhe sobre seus medos. Ele lhe garantiu que não havia cobras e, se houvesse alguns lagartos, seriam inofensivos. Como para provar o que dizia, indicou uma cauda de uma dessas criaturas que ele jurava terem mais medo deles do que vice-versa. Jenna não tinha tanta certeza, mas não contestou.

Continuaram caminhando. Os tênis faziam pouco barulho no chão da floresta comparado ao zumbido dos insetos e ao grito ocasional de um pássaro. Spencer apontou várias espécies de vegetação, mas ele parecia estar ouvindo alguma coisa. Quando chegaram a uma clareira, ele abriu um sorriso. Com ar de vitória, exclamou:

— Achei ter sentido o cheiro de água. — E estava certo: um riacho estreito atravessava a clareira.

— Sentiu o cheiro?

— É inconfundível. — Ajoelhou junto ao riacho e bebeu a água com as mãos. Com os olhos, convidou Jenna a fazer o mesmo.

Ela estava sedenta e morrendo de calor. Ajoelhando-se, bebeu a água clara e fresca e lavou o rosto, nuca, pescoço e pulsos. Que delícia!

Spencer a olhou.

— Está calor aqui. O ar não se move tanto quanto na praia. Quer voltar?

— Não se você quiser explorar mais. — Ela se recusava a fazer com que ele interrompesse a caminhada e, na verdade, sentia-se bem andando. Preferia andar a voar. Nesse dia em especial, andar a fazia relaxar da tensão do voo e do pouso forçado.

Mas Spencer parecia inclinado a voltar.

— Posso continuar a exploração outro dia. Estou com fome.

— Você sempre está com fome — disse, mas olhando para o corpo magro através das roupas, lembrando-se da sensação de seu corpo nu no escuro, duvidou que ele tivesse um grama de gordura.

— Você não está?

— Nem sempre.

— E agora?

— Um pouquinho. — Na verdade, bem mais do que um pouquinho. Estava faminta. Será que já era resultado da gravidez? Esperava que não. O suprimento de comida era limitado. Apesar da declaração de Spencer sobre a quantidade ilimitada de bananas e peixe, ela precisava prestar atenção ao que comia. Se comesse moderadamente e fizesse uma dieta balanceada, o bebê estaria bem.

A volta para a praia pareceu mais curta. O fato de ser uma descida ajudou, assim como a brisa soprando com mais frequência enquanto se aproximavam da água, diminuindo o efeito do calor.

Spencer declarou-se o cozinheiro. Alegando que algumas das comidas que trouxera estragariam em pouco tempo, preparou dois enormes sanduíches de queijo com presunto — com croissants de uma padaria de Manhattam. De sobremesa, um bolo de chocolate surgiu do isopor, onde também estavam latinhas de cerveja e água Evian.

— Nossa! — disse Jenna, examinando o conteúdo do isopor. — Quando você acampa, o faz em alto estilo. — E realmente o fizeram em alto estilo. Comeram numa grande toalha de praia debaixo da sombra de um agrupamento de palmeiras cujas folhagens balançavam ao vento. O som era tão relaxante quanto o das ondas batendo. Fechando os olhos e escutando, Jenna quase podia esquecer que estava presa numa ilha deserta por tempo indeterminado.

Quase. Mas não sempre. A cada vez que se lembrava, sentia um renovado desconforto. Uma coisa seria estar ali por três dias ou mesmo uma semana. Podia conviver com a idéia. Mas indefinidamente? Esse era um pensamento assustador.

Spencer, aparentemente, não compartilhava o mesmo medo. Findo o almoço, esticou-se, recostou as costas com o ombro tocando-lhe a coxa, cruzou as mãos no peito, entrelaçou os tornozelos e adormeceu. Parecia absolutamente calmo, totalmente relaxado e obviamente contente.

Enquanto ele dormia, Jenna o observou, o que não tivera ocasião de fazer antes. Admirou-lhe os pés descalços. O olhar subiu pelas compridas e cabeludas pernas até os shorts ajustados nos quadris estreitos de uma forma que deixava seu sexo pronunciado. Ficou com os olhos grudados naquele ponto por um bom tempo até se desviarem para a camiseta mostrando o peito largo, o pescoço e finalmente o rosto. Uma ligeira sombra começava a aparecer em seu queixo. Será que ele ia fazer a barba enquanto estivessem na ilha? Será que ia se banhar no oceano? Será que pediria que ela lhe cortasse o cabelo quando ele crescesse e ficasse desgrenhado?

Mas, droga, ela não era barbeiro, assim como não era dona de casa. Nunca tinha sido bandeirante.

Nunca acampara. Quando se tratava de atividades ao ar livre, tinha entusiasmo, mas pouca experiência. Nesse contexto, o que a esperava nos próximos dias, talvez semanas ou meses, era amedrontador.

Ficou irritada por Spencer não compartilhar desse medo. Ele simplesmente almoçara e adormecera como se não tivesse nada melhor a fazer. Mas tinha! Podia começar a trabalhar de imediato no avião. Está certo ter dito faltarem as peças para consertá-lo, mas talvez pudesse dar um jeitinho e algo começasse a funcionar. Podia ao menos tentar.

E se não quisesse trabalhar no motor, podia fazer um inventário dos mantimentos com o propósito de racioná-los. Uma coisa era comer sanduiches enormes e bolo de chocolate no primeiro dia de isolamento, nem que fosse com o intuito de levantar o ânimo. Mas se continuassem a comer sem se preocupar com os dias por vir, poderiam se arrepender, amargamente, depois de duas ou três semanas.

E se não quisesse fazer o inventário, podia construir um abrigo. O avião podia servir como proteção durante uma chuva, mas não podiam dormir nele. Não tinha espaço para se esticarem. Para um período prolongado, precisavam de mais conforto. Ela poderia tomar as providências, se tivesse idéia do que fazer, mas não tinha. Executar tarefas

pesadas era a especialidade de Spencer, não sua. Mas Spencer dormia a sono solto como uma criança e ela não podia acordá-lo.

Então ela continuou a meditar. Olhou a fisionomia serena e se perguntou como um homem podia aceitar como tanta displicência seu destino. Desviou o olhar para o mar e perscrutou o horizonte. Ele havia comentado, que transatlânticos passavam por ali. Barcos de turistas paravam para piqueniques. Mas não via nada que lembrasse nem remotamente um barco e quanto a aviões passando no céu, o céu estava muito azul e vazio. Ocorreu-lhe que desde o momento do pouso, há quase três horas, não tinha ouvido um único barulho de outro avião. Aviões passavam por ali toda hora... E Spencer dormia.

Precisando fazer algo, Jenna levantou-se e passeou pela areia, até chegar à grama, onde encontrou pedaços de madeira trazidos pela correnteza. Juntou-os até os braços ficarem cheios e carregou-os, aos poucos, até arrumar uma pilha na parte mais alta da areia perto do avião, onde a maré não subiria. Precisariam de uma fogueira, caso um barco ou um avião passasse do anoitecer ao alvorecer. Mesmo quem nunca acampara na vida sabia disso. Spencer tinha fósforos. Agora eles tinham madeira.

Lançando olhares intermitentes em direção a Spencer, ela se imbuíu de uma eficiência fanática. Foi e voltou até juntar uma quantidade razoável de madeira, mas então se lembrou que em caso de chuva, a madeira ficaria molhada e inutilizada. Reiniciou a operação, formando uma pilha, dessa vez meio desorganizada, debaixo do avião. A esta altura, os shorts e camisa estavam sujos, o esmalte de duas unhas descascara, o cabelo tinha se soltado dos grampos e suava em bicas. Mas, pelo menos, alguém fizera alguma coisa prática, pensou. Neste momento a voz ruidosa de Spencer quebrou a paz da ilha.

— O que está fazendo? — Ele estava se levantando e parecia furioso.
— Só porque o sistema elétrico está ruim, não significa que tudo está ruim. Que diabos vai conseguir queimando tudo?

— Não estou queimando — retrucou Jenna — embora devesse depois de todo o ocorrido. Estava juntando madeira e esse pareceu o único lugar seguro para guardá-la e evitar estragos se chover. Se algo passar por perto, vamos precisar de um sinal de fogo.

Sua raiva desvaneceu-se no ato. Ele passou a mão pelo rosto, como se estivesse despertando, e depois no cabelo.

— Bem pensado. — Ele a analisou com atenção e um ligeiro sorriso.
— Bem pensado mesmo. Estou orgulhoso de você, Jenna.

Ela não apreciou o sorriso. Sugeriu surpresa por ela ter uma cabeça em cima dos ombros e foi a atitude mais chauvinista que já vira nele.

Estendeu a mão em direção à toalha.

— Você come até se empanturrar e cai num sono tão profundo que seria preciso um exército para acordá-lo. Nesse meio-tempo, nosso resgate poderia ter passado e ido embora.

Ele deixou escapar um suspiro.

— Ei, você está agitadinha de novo?

— Alguém tem que estar, ou jamais sairemos daqui.

— Pra que a pressa?

Ela apontou na direção onde supunha ser a casa dele, apesar de não poder dizer nem para que lado ficava o norte. — Tenho uma vida. Coisas a fazer. Não posso passar os próximos anos de minha vida comendo peixe e bananas numa ilha tropical.

Ele soltou um suspiro aborrecido.

— Não é tropical. Não estamos nem no Caribe. Isso é o Atlântico.

Ele levantou uma sobrancelha.

— As pessoas são resgatadas do Atlântico com mais frequência do que do Caribe?

— Pare com isso, Jenna.

— Quero ser resgatada — afirmou. — Não sou uma aventureira como você. Não estou acostumada a viver em situações precárias. Você adora o mistério das aventuras, o desafio, mas eu não. Gosto de segurança. Gosto de estabilidade. Gosto de saber onde estarei daqui a um mês. — Ela sacudiu a cabeça com lentidão.

— Não posso aceitar situações como essa sem me estressar, como você pode. Não posso simplesmente me virar pro lado, dormir e esperar pela sorte. Tenho que fazer alguma coisa.

Ele curvou a cabeça até os olhos estarem no mesmo nível e disse exasperado:

— Mas não há nada a fazer.

— Podemos acender uma fogueira.

— Não à luz do dia. Além do mais, tenho uma pistola sinalizadora no avião. Um único tiro basta para alertar alguém passando por perto.

Ela ficou parada por um segundo.

— Você tem uma pistola sinalizadora. Eu passei metade da tarde juntando madeira para uma fogueira e você tem uma pistola sinalizadora. Mas isso é fantástico! — Virando-lhe as costas, pisou a toalha. — Você podia ter me dito. — Atirou-se no chão, exausta, recostando-se na palmeira.

Ele a seguiu.

— Você não perguntou.

— E como podia? Você foi dormir.

— Bem, estava cansado. Você acha que é a única a ficar tensa? Pode ser... — quem sabe?... que pousar tenha sido difícil para mim também.

Jenna não estava com disposição para ficar com peninha dele.

— Não acredito. Você se excita diante do perigo, Pelos dez anos que perdi durante o pouso, você provavelmente ganhou cinco.

— Se é verdade, você os está tirando bem rápido. Pelo amor de Deus, Jenna, se acalme — murmurou e começou a desabotoar a camisa. — Isso não é o fim do mundo.

Os olhos pousaram em seu peito.

— O que está fazendo?

— Vou nadar. Caso não tenha notado, está calor.

— E você trabalhou a valer...

— Não trabalho a valer a não ser que haja uma boa razão e não há. Não aqui. Não agora. — Jogou a camisa de lado. — Temos mantimentos, abrigo e todo o tempo do mundo. — Ele desabotoou os shorts. — Se quer se manter ocupada, cuidando das tarefas domésticas, fique à vontade. — Ele tirou os shorts e a cueca. — Só não me peça para ajudar. — Completamente nu e com a maior desinibição, colocou as mãos nos quadris. — Eu serei o primeiro a preparar uma refeição ou preparar um plano ou cavar uma latrina, mas me recuso a sair em busca de outros afazeres. Não preciso de rotina. Não preciso de obrigações para me manter feliz. Se estou confinado aqui, pretendo aproveitar ao máximo. Tenho a intenção de me divertir.

Jenna engoliu em seco e se mexeu pouco à vontade. Desesperada, tentava manter os olhos acima da linha do pescoço dele, mas estava bastante consciente do que estava abaixo. Já tinha tocado ali. Conhecia a textura do pêlo e a firmeza da carne quando excitado.

— Vá em frente — ele provocou. — Pode olhar. Não sou tímido.

— É óbvio que não — disse, mas manteve os olhos nos dele. O que viu era quase tão desconcertante quanto o que estava vendo abaixo da linha da cintura. Aqueles olhos azuis faiscavam. De repente tinham se tornado debochados, mandavam sinais de perigo e estavam se aproximando. Com movimentos sinuosos, se aproximou, curvou-se e colocou as mãos nos quadris dela.

A respiração dele era suave em seu rosto.

— Desafio você. Desafio você a olhar para mim. — Ele permaneceu abaixado daquele jeito, deixando os lábios brincar com sua orelha.

Incapaz de resistir, ela olhou-lhe o corpo. O peito apertou, diante da visão. Ele era grande e atrevido, suspenso de forma tão maravilhosa que parecia esculpido por um mestre — como de fato tinha sido, meditou. Tentando resistir ao desejo incontrollável de tocá-lo, pressionou as mãos no tronco da palmeira.

Lentamente ele se esticou e deu um passo atrás. Ela continuou olhando, curiosa, fascinada, impressionada, excitada.

— Desafio você Jenna — veio a voz baixa — Desafio você a tirar a roupa e nadar comigo. — Os olhos voaram até seu rosto e tudo que viu reforçou o desafio. — Desafio você a me deixar vê-la nua.

O coração batia baixinho e rápido, um animalzinho preso entre o perigo e o desejo. Voltou a engolir em seco. Os olhos se arregalaram.

Depois ele deu uma piscadela sedutora, característica de um gato, se virou e caminhou para a água dizendo, com calma, por cima do ombro: — Sabe onde me encontrar. Ela ficou sentada olhando-o trêmula. Já o vira nu de costas antes, mas não com o sol batendo na pele bronzeada e não com o brilho da água realçando o porte alto e majestoso. Aquela figura deslumbrante tirou-lhe a respiração.

Numa tentativa de restaurá-la, inclinou-se para a frente e abraçou os joelhos. Dessa posição o viu entrar na água. Ele caminhou nas águas até as ondas alcançaram-lhe as coxas, depois mergulhou e começou a nadar vigorosamente.

Ele tinha razão. Odiava admitir, porque o sucesso alcançado em sua

vida era fruto de uma profunda análise da situação, seguida de ação, mas agir estava fora de cogitação. Se Spencer se julgasse capaz de dar um jeito no motor para resolver o problema, o faria. Ela acreditava que ele conhecia o avião nos mínimos detalhes. Se ele disse estarem com as mãos atadas até receberem as peças, era verdade.

Então o que tinham a fazer nesse meio-tempo? Não muito. Podiam sentar e se desesperar diante da situação ou aproveitar. Afastando os olhos da cabeça escura e dos braços movendo-se sincronizados na água, ela examinou a paisagem. A ilha era linda. Embora não tivesse uma vegetação viçosa como algumas das que visitara, tinha seus atrativos naturais. Era calma e quieta. A areia era macia e branca, a água de um turquesa translúcido. O ar era puro, a brisa refrescante. Se tivesse desejado um cenário especial onde pudesse estar com Spencer, não podia imaginar outro melhor.

O perigo estava presente, o mesmo desde o dia em que Spencer anunciara estar de acordo em ser o pai de seu filho. Jenna sempre sentira uma ligeira atração por ele. Desde a primeira noite passada juntos, ela temera que a atração pudesse se transformar em algo mais profundo. Acontecera — e tanto que ela, sempre tão sincera, mentira para poder passar mais tempo com ele.

Devia desperdiçar a mentira? Devia jogar fora o tempo que dispunha com ele se preocupando em voltar para a civilização? Ou deveria confiar inteiramente nele e acreditar em suas palavras, de que voltariam e poderiam se divertir naquele lugar?

Ela podia acabar amando-o ainda mais. Esse era o perigo que corria. Se acontecesse, o sofrimento seria ainda pior quando o tempo na ilha chegasse ao fim e cada um seguisse seu caminho. Mas se acontecesse, teria lembranças — lembranças que um dia passaria para o filho sobre a atmosfera na qual ele havia sido concebido.

Voltou a olhar para o mar. Spencer estava nadando de peito, em linha paralela à beira da praia. Enquanto olhava, ele virou de costas. Um braço musculoso seguiu o outro num ritmo seguro. Ele estava obviamente relaxado e se divertindo. Ela também queria ficar relaxada. Queria se divertir. Se o máximo que poderia ter eram lembranças, droga, então era isso que queria.

Colocando-se de pé, começou a se despir. Colocou as roupas numa pilha arrumadinha, pensando nos hábitos difíceis de serem quebrados, como a organização e o pudor. Spencer voltara a nadar crawl, então não

podia vê-la. Ainda assim, o toque da brisa em sua pele desnuda a fez ter consciência de sua nudez, assim como o beijo do sol nas curvas virgens quando se dirigiu para o mar. Andou a passos mais rápidos do que os de Spencer, procurando a proteção das ondas. A água estava quente como a de uma banheira. Mergulhou. Virou a cabeça para trás e o cabelo afastou-se da testa e desceu-lhe pelos ombros, perdendo os poucos grampos que ainda trazia. Foi andando até ver Spencer. Ele nadava em sua direção, a cabeça acima da água, os braços mais embaixo. As ondas o ajudaram. Ele mantinha os olhos nela.

Ela continuou a caminhar na água. Quando ele estava à distância de um braço, colocou os pés no fundo e ficou de pé. Quando eles ficaram frente a frente, os olhos deles fizeram uma pergunta silenciosa, depois baixaram até a superfície da água procurando a resposta. Jenna só precisava olhar através das ondas para o pêlo visível no meio do peito para saber o que ele estava vendo.

Batendo as pernas, ele chegou mais perto e percorreu-lhe os braços até as costas e o bumbum. Ao perceber que ela não estava usando nem a parte de baixo do biquíni, os olhos azuis pareciam ter adquirido vida. Ela manteve-se ligada neles, tomando a coragem necessária.

— Segure-se em meus ombros — pediu. Ao mesmo tempo, puxou-lhe os quadris para a superfície. Quando ela estava encaixada nele, ele começou a nadar de peito vigorosamente, fazendo com que ela oscilasse para trás. Nem uma vez os olhos dele abandonaram os seus.

Soube no mesmo instante que ele podia ficar em pé. Ele colocou o pé na areia, voltou a bater os braços e pernas e nadou afastando-se um pouco mais da praia até que a água batesse no meio de seu peito. Quando as pernas dela começaram a afundar, ele a puxou contra si.

Ela colocou os braços em volta de seu pescoço e fechou os olhos. Era isso que queria — a proximidade, a sensação do corpo dele contra o seu, a força dos braços dele à sua volta. Sentiu-se segura e apreciada. Sentiu-se desejada pelo que era, totalmente sem adornos.

Ele continuou a caminhar até que a água batia-lhe na cintura. Tirou-lhe os braços do pescoço e a colocou de pé. O olhar recaiu-lhe sobre os seios, que flutuavam logo acima da linha da água. O rosto dele tornou-se inflamado de desejo.

Ele não disse uma única palavra. Não precisava. Os olhos a tocavam com uma reverência que lhe deu coragem para deixá-lo olhar à vontade e quando a coragem se foi, o prazer a substituiu. Isso a surpreendeu. Ela não esperava sentir tanto prazer diante do olhar dele. Não esperava sentir-

se orgulhosa e excitada, mas era como se sentia.

Retirando as mãos da água, ele tocou-lhe os seios com as pontas dos dedos. Circundou-os, depois os segurou deixando os polegares livres. Eles beliscaram a pele molhada; primeiro nas laterais do seio, depois, progressivamente, chegando para o centro até que, quando Jenna estava prestes a enlouquecer de frustração, cobriram-lhe os mamilos.

Ela nem mesmo tentou conter o som de prazer emitido. Spencer a olhava como se ela fosse uma mulher. A tocava como se ela fosse uma mulher. O fato de gemer era normal e aceitável, até mesmo desejável, se a expressão de satisfação no rosto dele significasse alguma coisa.

Segurando-a pelos quadris, ele a fez andar de costas em direção à beira do mar até que a água não mais lhe tocou primeiro as costelas, depois a cintura e depois o umbigo. Ele parou para olhar seu corpo fora d'água. Abriu os dedos, movendo as palmas das mãos. Continuou empurrando-a um pouco mais até que suas coxas emergiram, e ficou parado um tempo enorme com o olhar preso em seu corpo. Depois, num ritmo lento, acariciando-a com o olhar, sem parar, percorreu-lhe o corpo até os olhos unirem-se aos seus.

— Nunca mais se esconda de mim, Jenna. Você é bonita demais para fazer esse jogo.

Ela não podia falar, não podia tirar os olhos do rosto dele. O olhar era tudo com que sempre sonhara e embora não se iludisse acreditando que iria durar mais do que a permanência na ilha, ela se entregou ao prazer. Isso lhe deu confiança para ficar na ponta dos pés e dar-lhe um beijo demorado e intenso, daqueles que nunca gostara com os outros homens, e que nunca fora capaz de retribuir.

Ele a compensou mergulhando, ficando de joelhos e trazendo-a para o colo. Ela o sentiu crescer dentro dela para encher o vazio pulsante que a consumia e ali, com o oceano batendo de leve em suas pernas, ele a amou como ela nunca sonhara em ser amada. Ela o tocou e se ofereceu a seu toque. Ela abriu a boca para ele, abriu o corpo para ele. Entregou-se por inteiro e quando ambos atingiram o clímax, quando os gemidos fogosos tinham diminuído e se transformado em gemidos de satisfação, ela soube ter tomado a decisão acertada.

Pelo tempo que passassem na ilha, pertenceria a Spencer. Ele era a fantasia que nunca ousara alimentar, e mesmo se, ao final, só restasse a dor, no momento se entregaria ao prazer. Devia isso a Spencer como um agradecimento por ter lhe dado um filho. Ela devia isso à criança, como uma fonte de memória do pai, para aquecer as longas noites de inverno.

Entretanto, mais do que tudo, devia isso a si própria. Era uma mulher. Dar à luz um filho seria uma fonte de realização. Estar com Spencer era outra.

Capítulo Onze

O PARAÍSO era uma ilha deserta, no final das contas, decidiu Jenna várias noites depois, deitada nos braços de Spencer. Ele tinha providenciado uma cama, espalhando samambaias na areia e cobrindo-as com toalhas. Cobertas enroladas transformaram-se em travesseiros. Tinha até mesmo estendido uma manta da cabine até a asa do avião para prover abrigo se chovesse durante a noite.

Choveu à tarde, uma chuva de verão de uma hora que foi embora junto com a nuvem escura. Tiraram as roupas ensopadas e ficaram nus. Jenna nunca tinha feito nada semelhante antes e estava atônita com a sensação de liberdade total. Duvidava esquecer-se um dia da experiência ou das carícias da chuva na pele desnuda, enquanto vivesse.

No momento, entretanto, não havia previsão de chuva. Uma lua crescente brilhava por cima da água, colorindo de prata as ocasionais nuvens no céu. O mar batia devagar na praia solitária. Era uma noite calma e silenciosa.

Eles prepararam o jantar — carne do isopor e batatas — usando a madeira recolhida por Jenna para acender uma fogueira. A chama há tempos se apagara, deixando um brilho alaranjado na areia não muito distante de onde estavam deitados. Ela estava de lado, o rosto recostado no peito de Spencer e uma perna entre as dele, enquanto ele a mantinha colada a ele com um só braço. Embora ela vestisse uma das camisas dele e ele usasse shorts, a lembrança da pele contra a pele, como acontecera nos três dias desde que tinham pousado na praia, os mantinha aquecidos.

Ocorreu a Jenna que nunca se sentira tão em paz ou feliz, o que era especialmente notável já que não havia sinal de um transatlântico, de um veleiro e muito menos de um avião de resgate. Deveria estar preocupada. Mas não estava. Era cedo demais para se preocupar. Estava passando um tempo maravilhoso com Spencer.

— Em que você está pensando? — ele perguntou, a boca colada em seu cabelo.

— Em como Rhode Island parece tão distante... Não apenas em termos geográficos, mas emocionais. Como se fosse outro mundo. Como se eu tivesse entrado numa máquina do tempo.

— Deve ser consequência do trauma do pouso.

— O pouso não foi assim tão ruim — disse, percebendo um tom de

perturbação na voz dele. Sim, ela tinha ficado chateada. Pensando melhor, entretanto, não houve um momento em que tivesse realmente acreditado no risco de um acidente. Spencer estava no controle todo o tempo. — Acho que há uma enorme diferença entre este lugar e Rhode Island. Aqui não há a sensação de tempo. A vida é lenta, sem pressa. Fazemos o que queremos, quando queremos. Lá a vida obedece à agenda.

— Conte-me mais sobre essa vida, Jenna. Sobre como são os dias.

Ela moveu o rosto contra seu peito, adorando a sensação do pêlo, adorando a firmeza da carne, adorando o jeito com que ele fazia perguntas. Sendo um aventureiro, era naturalmente curioso, mas nunca pensara que a curiosidade se estenderia a detalhes de sua vida. Ainda assim, essa não era a primeira vez que ele fazia perguntas.

— Meu dia é muito organizado — começou. — Minha secretária prepara, todo dia, minha agenda antes de deixar o escritório. Assim, ao chegar na manhã seguinte, saberei exatamente o que fazer. Algumas vezes tenho relatórios para ler. Em geral, estou ocupada com reuniões e ligações.

— Onde são as reuniões?

— Às vezes na minha sala. Outras na sala de reuniões. Algumas em restaurantes. Muitas vezes em restaurantes — emendou indiferente. — Homens de negócios adoram uma desculpa para comer em alto estilo e mandar a conta para a empresa.

— Homens de negócios. Sei... E as mulheres de negócios?

— Nós, não. Estamos sempre fazendo dieta. Ficaríamos felizes em ter reuniões em nossos escritórios. É o lugar mais seguro.

— Por causa da comida?

— Por causa dos homens. Num escritório, a linha é bem delimitada. Eu sento em minha mesa e a outra pessoa senta do outro lado. Num restaurante, estas linhas se tornam indistintas. Sinto-me mais ameaçada com homens em restaurantes.

— Isso porque você é solteira.

— Imagino que sim.

— Isso ainda me surpreende. Não posso acreditar que nenhum cara incrível tenha aparecido e deixado você nas nuvens.

Ela deu uma risada.

— Os caras incríveis não estão sentados na cidade consumindo

refeições por conta da empresa. Estão no Himalaia procurando a arca de Noé ou refazendo a expedição de Peary ao Pólo ou explorando o Amazonas. — Ela lhe deu um beliscão, provocando-o.

Ele não riu. Sério, perguntou:

— O que torna esses caras incríveis?

— São ativistas. Não conformistas. São interessantes. — Ela suspirou, sabendo o que tinha a dizer a seguir. — Não se prendem ao convencional, o que os torna ainda mais atraentes. Mas ir atrás deles é como tentar pegar o vento. Pará-los seria como prender um pássaro selvagem. — Exatamente como se sentia. Estava loucamente apaixonada por Spencer, mas nunca iria prendê-lo, muito menos tentar. Sabia como ele se ressentia com os pais. Recusava-se a cometer os mesmos erros. As aventuras de Spencer eram muito importantes para ele; não havia chance de vir a abrir mão delas.

Além disso, só porque estava apaixonadíssima por ele, não significava que ele sentisse nada além de atração e afeição por ela.

Forçou um suspiro.

— De qualquer forma, eu disse a você desde o início não estar à procura de marido. Não preciso de um. Tenho minha vida sob controle.

Ele ficou quieto por um minuto.

— Me pergunto como você vai fazer com o bebê. Jogamos nossas regras por água abaixo.

— Eu sei. — Eles vinham fazendo amor quando e na posição que queriam, sem pensar no melhor para a concepção. Mas Jenna sabia que isso não importava. Nem mesmo trouxera o termômetro. Quando Spencer lhe perguntou, ela respondera — com vergonha — saber que fariam amor com frequência enquanto estivessem juntos. Então, saber o dia exato em que estava ovulando não faria diferença. Na verdade, não quis que Spencer visse que a temperatura não tinha baixado nada aquele mês. Pelos seus cálculos, estava grávida de quatro semanas.

— Você está preocupada em não engravidar?

— Vai acontecer.

Ele ficou novamente quieto por um tempo antes de perguntar, com uma espécie de curiosidade relutante:

— Você pensa muito sobre o bebê? Quero dizer, não sobre ficar grávida, mas sobre o bebê em si?

Ela ficou surpresa e satisfeita por ele ter perguntado.

— Um bocado.

— Você quer um menino ou uma menina?

Ela dobrou a cabeça para encontrar-lhe os olhos.

— Deveria dizer que não me importo desde que o bebê seja saudável e uma grande parte de mim realmente pensa assim.

— E a outra parte?

— Quer uma menina.

— Por quê?

Ela voltou o rosto para seu peito. Devagar, para que ele não visse nisso uma queixa, uma crítica ou, pior ainda, alguma menção sutil, comentou:

— Imagino que seria mais difícil criar um menino sem uma figura paterna por perto. Não impossível. Apenas mais difícil. Por outro lado, há o companheirismo. Há uma mútua identidade com uma criança do mesmo sexo.

— Sempre há competição. Caroline e minha mãe costumavam enfrentar isso. Você e sua mãe não discutiam?

— Algumas vezes. Mas não muito. Suponho que me mimava por eu ser filha única. E porque passavam muito tempo ausentes.

— Para onde iam?

— Todos os lugares. Viajavam a negócios e sempre que podiam emendavam alguns dias extras. Diziam que eram segundas luas-de-mel. — Ela sorriu. — Devem ter tido uma centena de segundas luas-de-mel ao longo dos anos. Eram muito apaixonados um pelo outro. E também eram muito amigos. — Seu sorriso desapareceu e tornou-se pensativa. — Suponho que foi melhor morrerem juntos. Se um ficasse sem o outro, a dor seria intolerável.

— É raro encontrar duas pessoas assim tão apaixonadas.

— Mmm.

— Você já desejou algo parecido?

— Tudo que quero é um bebê.

— Agora. Mas e em outras ocasiões? Você nunca sonhou em encontrar esse tipo de amor?

Apesar de Spencer ser naturalmente curioso, Jenna ainda se surpreendeu por ele falar sobre amor. A maioria dos homens não o fazia. A maioria dos homens se sentia desconfortável discutindo o assunto. Usavam o termo normalmente na cama, antes ou depois do sexo, mas quando uma mulher perguntava o que queriam dizer, se fechavam como moluscos. Spencer, ao contrário, buscava a discussão. Sentiu que lhe devia uma resposta honesta.

— Já sonhei em encontrar o amor — disse tranqüila. — Costumava sonhar todo o tempo. Mas como não veio, disse a mim mesma que podia viver sem ele.

— E pode?

— Tenho que viver, não tenho? — disse com uma risada que pretendia indiferente, mas saiu seca.

Spencer não respondeu. Quando finalmente falou, fez outra pergunta:

— Acha que vai conseguir conviver com isso pelo resto da vida?

— Se eu tiver um filho...

Ele estava cético.

— Um bebê será o suficiente?

— Sim.

— E quando o bebê crescer e se mudar?

Eles tinham tocado no assunto em uma das primeiras conversas, em Rhode Island, quando Jenna tentava explicar porque queria tanto um bebê. Desde então, tinha se apaixonado por Spencer. Ele a deixaria também, o que tornava a pergunta e a resposta ainda mais apropriadas.

— Quando o bebê, criança, adulto, se mudar, eu ainda terei meu trabalho, embora nunca vá deixar de ser mãe. Existe um ditado que diz que mãe é mãe pelo resto da vida. Certamente amarei sempre essa criança. Sempre me sentirei responsável por ela. Com um pouco de sorte, nós sempre seremos próximos.

— Você não vai querer outra?

Ela respirou fundo.

— Ah! Uma grávida sempre se faz se essa pergunta.

— Você vai? Se você encontrasse o amor de sua vida e não precisasse de um doador de esperma, você teria mais de uma criança?

Sem hesitar, ela respondeu.

— Teria. Teria pelo menos duas ou três. Se eu encontrasse o amor de minha vida, também gostaria de viajar com ele, mas não ia querer que um filho meu sofresse de solidão como eu sofri. Não estou criticando meus pais. Eles sempre me deixaram bem cuidada. Mas eu sentia saudade deles quando não estavam por perto. Se eu tivesse tido um irmão ou irmã, talvez não tivesse sido tão doloroso. — Ela suspirou. — Mas isso realmente não vem ao caso. Ficarei contente com uma criança apenas. Vamos fazer companhia um ao outro.

Vários dias depois, Spencer a surpreendeu ao voltar a tocar no assunto do bebê. Estavam sentados na areia molhada à beira da água, brincando com conchinhas e algas, desenhando e rabiscando na areia. Divertiam-se a cada onda apagando o que tinham feito e formando algo ainda mais interessante e atraente do que eles tinham começado. E claro que voltava a mudar com a nova onda, e diminuía a cada onda sucessiva, mas isso não importava. Eles simplesmente começavam tudo de novo.

— Quando você pensa sobre o bebê — perguntou — pensa em fazer coisas como essa?

Ela não estava pensando no bebê naquela hora. Não estava nem mesmo pensando sobre Spencer, embora ele fosse seu parceiro na arte. Ela estava envolvida na atividade, sentindo-se des preocupada e satisfeita. Brincaria desse jeito com o bebê?

— Adoraria. Crianças ficam fascinadas com as alterações na areia. — Ela riu quando uma nova onda bateu. — Eu fico fascinada. Olhe. — Ela dobrou um joelho para deixar a onda passar e viu um novo desenho emergindo na areia.

— Você mora na beira do mar. Vê isso todo o tempo.

— Mas você conhece nossa areia. É diferente. Mais grossa. Além disso, acho que nunca senti assim na minha cidade. Nunca tenho tempo. Quando o bebê chegar, vai ser diferente. — Presumindo que conseguiria voltar para Rhode Island. O fato de que nem mesmo um barquinho a vela tivesse passado a preocupava de tempos em tempos. Mas Spencer dissera que seriam resgatados, então eles iriam ser resgatados. Se ele não estava preocupado, ela também não ficaria. Era bem mais divertido colocar novas conchas em seu desenho na areia.

Estranhamente, ele parecia preocupado com o bebê.

— Vai ficar nervosa criando uma criança pequena tão perto da água?

— Você foi criado perto da água. E eu também. Nenhum de nós se afogou.

— Cheguei bem perto mais de uma vez. Meus pais nunca me deixaram esquecer. Dizem que deviam ter adivinhado o tipo de adulto que eu seria quando continuava a testar a sorte daquele jeito. E se você tiver um menininho como eu?

Ela sorriu para ele.

— Eu adoraria ter um menininho como você.

— Você ficaria cheia de cabelos brancos.

— Talvez não. Talvez ele me mantivesse jovem.

— Você é jovem. Muito jovem.

— Só seis anos mais nova do que você.

— Nesse exato momento, você parece ter uns 12 anos. — O olhar tocou-lhe os seios. — 14. — Ele franziu a testa e levantou-se. — Você está ficando vermelha. Vou pegar o protetor. — Caminhou para o avião.

Jenna o seguiu com o olhar por um minuto. Estava contente por sua sunga não ser minúscula como a usada em Creta anos atrás. Sungas minúsculas ficavam bem em adolescentes e em homens na faixa dos 20, mas o biótipo de Spencer exigia algo mais clássico. Como a sunga que usava. Era um short ajustado que lhe realçava o corpo.

Caramba, ele estava certo. Os preparativos que ela fizera para a viagem — manicure e pedicure, limpeza de pele, corte de cabelo — foram totalmente desnecessários. Se não fosse por seus seios, ela ainda teria aparência mais jovem, com certeza, e não precisava de um espelho para comprovar. Não usava maquiagem nem jóias. Na cabeça, para proteger os olhos do sol, usava um boné de beisebol de Spencer com o rabo de cavalo saindo pelo buraco. Seu biquíni — do qual usava apenas a parte de baixo — era do departamento infantil e por que não? Ela estava aproveitando o tempo perdido. Quando adolescente, era muito gorducha para usar qualquer coisa pequena. Por um longo tempo depois de ter emagrecido, continuou a se sentir gorda, imaginando dobras que as amigas garantiam não ter. Gradualmente, passou a sentir-se confortável em seus ternos bem cortados. Apenas nos últimos anos usou biquínis e só diante de seleta companhia.

Spencer era a companhia mais seleta que conseguira. Ele a tinha visto sem nada tantas vezes que nem poderia contá-las. Ele não lhe lançava olhares maliciosos. Simplesmente gostava de olhá-la. Ela tinha a impressão de que ele gostava tanto de ver-lhe o corpo quanto de ver como ela se sentia confiante em exhibir-se sem roupa.

Ela tinha percorrido um longo caminho, pensou com um sorriso e o viu retornar pela areia. Ele agachou-se e ela ficou entre seus joelhos. Colocou o protetor em seus ombros, fechou a tampa e começou a espalhá-lo por sua pele.

— Você cuida muito bem de mim — disse sentindo-se mimada.

— Queimadura de sol não é nada divertido.

— Pensei que estivesse ficando morena.

— Está. Debaixo do vermelho.

Suas mãos hábeis a massageavam, espalhando-lhe o protetor nos ombros, costas e peito. Ele demorou bastante em seus seios para deixá-la arrepiada. Mostrava-se ávido, e não importava se era meia-noite ou meio-dia. Ela tinha se tornado positivamente devassa.

Ele esfregou o braço embaixo dos seios, levantando-os ligeiramente.

— Isso sempre me surpreende. Só de tocar neles sabia que eram firmes, mas não tinha imaginado que fossem tão grandes.

Eles estavam maiores do que há um mês e Jenna sabia o motivo. Entretanto, a barriga continuava lisinha, o que significava que Spencer não adivinharia seu estado. Quando ela não ficasse menstruada em dez dias, ele saberia, mas tudo bem. Seria a melhor maneira de descobrir. Afinal, não saberia se o bebê chegasse um mês adiantado. Não estaria por perto.

— Quando você me toca — disse meiga — eu me excito. Quando você está perto, eu me excito.

Ele pressionou a boca em sua nuca. As palmas da mão moveram-se em círculos, uma delas nas costas, a outra na barriga. Depois de um minuto, ele soltou um suspiro trêmulo.

— Meu Deus.

Algo no tom da voz a assustou, superando a excitação.

— Alguma coisa errada?

Os olhos azuis acinzentados faiscaram.

— Eu quero você. Eu sempre quero você. Já deveria ter superado isso.

Quando a confissão saiu, o coração de Jenna parou, pois demonstrava perturbação e isso não era algo que normalmente associasse a Spencer. Ele sempre era forte e seguro. Sua perturbação era desconcertante.

Mas as palavras fizeram seu coração cantar de alegria.

Ela queria lhe dizer que o amava tanto que podia sentir o gosto das palavras na boca. Mas não podia dizer nada. Não ousava. Ele não queria ouvir. Chegaria o momento — ela se permitiu pensar por um breve minuto antes de afastar o pensamento da mente — em que ele desejaria essas palavras da forma como lhe desejava o corpo. Até então, ela só podia fazer a segunda melhor coisa, que era amá-lo sem que ele soubesse, com a boca, as mãos e o corpo que ele treinara tão bem.

Não apareceu um avião de resgate. Não apareceu um transatlântico, nem um barco a vela, nem um de turismo. Estavam na ilha há dez dias e mesmo Spencer começava a demonstrar dúvida. Ele tentou esconder, mas ela percebia o olhar preocupado quando ele se sentava na praia olhando o mar, com as pernas dobradas e os cotovelos nos joelhos. Ela tinha parado de perguntar, em parte porque ele nunca admitiria a inquietação, em parte por não querer que ele admitisse — porque estava no paraíso.

Jenna já tinha tirado férias antes, mas nunca como essas. Nenhum dos dois usava relógio. Acordavam de manhã quando estavam descansados e iam dormir à noite quando estavam cansados. Os dias eram preenchidos caminhando, nadando e pegando sol. Liam bastante: tanto Spencer quanto Jenna tinham trazido livros e os gostos eram parecidos o suficiente para trocarem os favoritos. Ocasionalmente escutavam o toca-fitas com bateria, embora ambos concordassem que a música natural da ilha era preferível.

Quanto às necessidades, estavam bem melhor do que ela jamais esperou. Tinham se alimentado primeiro com a comida fresca trazida por Spencer. Agora comiam enlatados e comida congelada, cuja presença a surpreendera. Spencer lhe contou que comia comida congelada nas viagens e tinha um fornecedor fantástico em Nova York, motivo pelo qual trouxera um suprimento com ele. Ela pensou na feliz coincidência. As comidas congeladas, acondicionadas em quentinhas, eram comidas na própria embalagem. Ele tinha o suficiente para um mês de alimentação regular e não estavam nem mesmo comendo-as regularmente. Uma vez por dia, Spencer mergulhava na extremidade da ilha, cercada de recifes e rasa, e

pescava. Limpava e cozinhava os peixes. Jenna nunca havia provado nada tão fresco nem tão gostoso. Sabia que parte se devia ao ambiente da ilha. Sentiu-se parte do meio ambiente, uma criatura a mais lutando pela sobrevivência.

Não. Lutando não. Spencer estava certo. Eles tinham comida e abrigo. Não corriam perigo. Na verdade, deixando de lado a preocupação quanto ao resgate, ela estava vivenciando o melhor período de sua vida. Agora conhecia a ilha e apreciava a beleza até mesmo dos recantos a princípio considerados sem graça. Sem contar aqueles considerados lindos desde o início.

A cachoeira era um desses lugares. Ficava localizada no ponto mais alto da ilha. Tinham-na descoberto no segundo dia, quando seguiram o riacho até o topo onde brotava através de uma grande formação de rochas. E era o mais próximo do Éden que Jenna jamais imaginara. As árvores eram altas e verdes, o piso atapetado com musgo. As rochas eram lisas, algumas altas, algumas lisas e a água que jorrava do ponto mais alto era mais suave e refrescante do que qualquer chuveiro onde se banhara. Eles criaram o hábito de subir a colina ao final do dia, não apenas para tirarem o sal e a areia dos corpos, mas para ver o pôr-do-sol no oceano.

Nesse dia, Jenna tinha curtido em especial a cortina de água que caía no cabelo, descendo pelos ombros e corpo. Acordara tonta naquela manhã e conforme o dia progrediu, o calor a incomodou mais do que de costume. Agora, deixando o sabonete escorrer, sentia-se renovada.

Spencer tinha terminado o banho. Era mais rápido do que ela, mesmo nos dias em que se sentia melhor, mas nunca a apressava. Pelo contrário: quando terminava, estirava-se na maior e mais lisa das pedras e a admirava. Ao terminar, enxugou o rosto com a toalha enquanto ele torceu seu cabelo para retirar o excesso de água.

— Se você tiver uma filha, ela vai ter o cabelo assim. Você já pensou nisso? Já imaginou como nossa criança vai ser?

Jenna não respondeu imediatamente. A palavra "nossa" reverberava em sua mente. Ele nunca a usara antes, nem quando fizera outras perguntas. E como perguntava! Para um homem que proclamava não querer saber de crianças, Spencer tinha desenvolvido um surpreendente interesse na de Jenna. Mas nunca dissera "nossa" antes.

Era como a expressão "fazer sexo", meditou. Com o tempo, tinha se tornado "fazer amor" e fazia sentido, já que ela estava apaixonada. Mas Spencer fora o primeiro a usar o termo e ele não estava apaixonado — e se estivesse era um amor que vinha em segundo lugar, depois do trabalho —

o verdadeiro amor de sua vida.

Ela o imaginou partindo em novembro para explorar o galeão espanhol. Depois o imaginou partindo no ano seguinte em outra exploração. Nessa altura, o bebê teria nascido. Ela o imaginou também e sentiu uma onda de serenidade.

— Cachos — ela disse. — Eu tinha cachos quando era pequena. Menino ou menina terá cachos. E cabelo escuro. Nós dois temos. Assim como a pele clara.

— Eu não tenho a pele assim.

— Tem sim.

— Aonde?

Ela virou a cabeça e o olhou maliciosa.

— Na virilha.

— Você é observadora...

— Hum-hum. — Na verdade "observadora" não era o termo adequado. Suspeitava conhecer melhor o corpo de Spencer do que o seu. Podia certamente vê-lo mais facilmente, em particular quando ele se esticava e a deixava olhá-lo, o que fazia quase sempre. A única regra era ela não parar de olhar. Ela não a tinha quebrado uma única vez.

Agora ela franziu a testa.

— Se for uma menina, vai ser maravilhosa. Os caras vão correr atrás dela. Você vai precisar tomar cuidado, Jenna. Eu sei o que os caras fazem. Eu era uma peste quando criança.

— Quando era criança? — perguntou alegre.

Se ele ouviu, fingiu não ter ouvido.

— Todo mundo fala sobre sexo seguro, mas os jovens ainda se julgam imortais.

Jenna não podia pensar tão à frente, quando tinha tanto a enfrentar primeiro. Ela tirou o resto da água do corpo, depois pegou a loção que sempre carregava. Ele tinha rido da primeira vez que ela o fez, dizendo que sua loção corporal era totalmente inadequada numa cachoeira, mas tinha sido o primeiro a lembrá-la de trazê-la na vez seguinte.

— É barra criar uma criança nos dias de hoje — prosseguiu. — Mesmo numa família com pai e mãe. Tem certeza de que será capaz de

cuidar de tudo sozinha?

— Aha. — Ela esfregou a loção nas pernas e na barriga.

— Bebês são totalmente dependentes. Precisam de cuidado constante. Não vai ser árduo?

— Não mais do que para qualquer mãe.

— Como vai sair? Bebês choram por qualquer coisa.

— Eles choram se estão cansados, famintos ou molhados. Vou cuidar para que isso não aconteça, pelo menos, não por muito tempo e não se eu o levar comigo. — Ela espalhou a loção nos ombros.

— Você vai pendurá-lo nas costas em um daqueles cangurus?

Ela sorriu.

— Parece divertido.

— Mas como vai conseguir? Não precisa de duas pessoas para colocá-la nas costas?

Ela voltou a olhá-lo.

— Você precisa de ajuda para colocar sua mochila nas costas?

— Não.

Ela levantou a sobrancelha, depois voltou a espalhar a loção nos braços, mas o pensamento continuou preso às perguntas. Algo passava pela cabeça dele. Se estava tentando sugerir que ela precisava de um marido, ele estava indo pelo caminho errado. Se estava tentando se convencer que bebês davam mais trabalho do que valia a pena e, portanto, estava certo em não querer participar, não receberia nenhum encorajamento. E se estava tentando desencorajá-la a ter um bebê, era tarde demais.

— Não se pode levar um bebê aonde eu vou — ele declarou.

Ela passou o hidratante nas mãos.

— Não se pode ter uma mulher aonde eu vou — acrescentou.

Ela tirou o creme de entre os dedos.

— Algumas vezes estou a quilômetros da civilização — continuou indiferente. — Não há telefone, banho ou cama.

Jenna podia jurar que ele tentava justificar não ter esposa e família,

mas o descrito não era nada diferente do vivido no momento. Tudo bem: ela não era esposa dele, mas não estava se importando com a vida ali. Não tinha reclamado uma única vez.

— Se ficar doente — argumentou — não pode correr para a farmácia para comprar um anti-histamínico. Não pode correr para um restaurante para jantar se estiver cansada de cozinhar. Não pode ir ao cinema se estiver entediada ou a uma livraria comprar algo para ler.

— Me parece uma vida bem difícil — disse Jenna.

— E é difícil. Há dias em que eu ando quilômetros e quilômetros com uma mochila pesada nas costas. Uma mulher não poderia fazer isso, muito menos com um bebê. — Ele gargalhou. — Parece que estou vendo você parando no meio da tundra para amamentar. — Ficou imóvel. — Você está planejando amamentar, não está?

— Estou.

— Bem, você não pode amamentar aonde eu vou. Normalmente caminhamos doze horas por dia. — Ele gargalhou de novo, mais alto desta vez. — Você pode imaginar como uma mulher no final da gravidez poderia levar essa vida?

Calmamente, ela respondeu:

— Não posso imaginar a vida de uma mulher no final da gravidez em nenhuma circunstância, já que é minha primeira. — Mal as palavras saíram, o coração começou a palpitar. Será que ela tinha se denunciado? Ele tinha percebido?

Quando ele não respondeu, olhou por cima do ombro. Ele parecia confuso. O coração bateu mais forte.

— Está com medo?

— Medo?

— Do último mês.

Ela deixou escapar um suspiro suave.

— Um pouco.

— Fico imaginando se vai ficar muito barriguda. — Ele pegou-lhe o braço e a girou. Os olhos tocaram-lhe os seios e depois repousaram na barriga. A mão fez o mesmo trajeto. Ele esfregou a pele macia abaixo de seu umbigo. A voz não passava de um murmúrio quando disse: — Na tribo que estudei, vi garotas grávidas. Elas não usavam mais roupas que as outras,

então dava para ver as barrigas. Algumas vezes um cotovelo ou um joelho ficavam visíveis e eu costumava ficar fascinado. — A mão deslizou mais para baixo, os nós dos dedos esfregando um ponto perto de onde o bebê de Jenna sairia. — Elas me deixaram ver um parto uma vez. Foi incrível.

Jenna engoliu em seco. O coração tinha dobrado de tamanho, motivo pelo qual disse sem pensar:

— Você pode ver o nascimento de seu bebê se quiser.

A mão imobilizou-se, depois se retirou. Ele a colocou na pedra, ajeitou os ombros e levantou os olhos para os seus.

— O acordo era que eu a engravidaria. Só isso.

Ela ficou magoada. Rapidamente disse:

— Eu sei e posso me cuidar sozinha, mas você disse achar incrível ver um parto, então pensei...

— Pense apenas na gravidez. — Ele levantou-se. — Quando vai saber?

Ela afastou a mágoa.

— Cinco dias. Ou seis. — Não tinha certeza. Era difícil ter noção do tempo. Um dia se fundia no próximo.

Ele acenou e virou-se para pegar a toalha. Sem esperar por ela, começou a descida da colina.

Jenna acordou na manhã seguinte nauseada. Melhorou tão logo tomou o café da manhã, então Spencer não percebeu. Sentia-se infinitamente agradecida. Ele não estava no melhor dos humores quando voltaram para o avião na noite anterior e embora a tivesse abraçado durante a noite e parecesse mais calmo pela manhã, não queria se arriscar.

A náusea voltou no final da tarde. Comeu vários biscoitos, o que funcionou.

Na manhã seguinte, todavia, não teve tanta sorte. Voltou a acordar nauseada. Pensou em ir até a fossa que usavam como banheiro, mas a meio caminho, mudou de direção e despejou o conteúdo do estômago na floresta.

Quando voltou, Spencer estava de pé esperando.

— O que houve?

— Não estou me sentindo bem. — Passando por ele, voltou rápido para a praia, querendo apenas molhar o rosto e lavar a boca.

Ele estava bem atrás.

— Você vomitou?

— Sim.

— Alguma coisa que comeu?

— Não sei.

— Você se sentiu mal de madrugada?

— Não.

Ela apressou o passo na areia. Quando alcançou a água, ajoelhou-se e jogou água no rosto. Ele ficou de cócoras a seu lado.

— Jenna?

— Me dê um minuto — murmurou fraca. Ainda se sentia enjoada, embora não tivesse mais nada no estômago.

— E cedo demais para os enjoos matinais, não é?

Ela não respondeu. Estava fraca e de repente cansada de manter o segredo.

— Não é, Jenna?

— Não sei.

— Você disse que os enjoos matinais só começavam com cinco ou seis semanas de gravidez. Você me disse isso antes de ir para Hong Kong, se lembra?

Ela concordou. A água ajudava. Jogou mais na testa, na boca, na nuca.

— Se aconteceu enquanto estamos aqui, só estaria grávida de uma semana e meia.

— Talvez seja uma aberração.

— Talvez estivesse grávida antes de pôr o pé em meu avião. Isso explica porque os seios estavam maiores do que eu me lembrava.

Ela jogou água no rosto uma última vez e o escondeu entre as mãos.

— Jenna?

Ela não sabia o que dizer.

— Droga, Jenna — ele murmurou. — É verdade, não é? — Pegou-lhe os pulsos e afastou-lhe as mãos do rosto. — Você está grávida?

Capítulo Doze

JENNA não podia mentir. Não mais.

— Sim, estou grávida — disse e manteve os olhos presos a Spencer para ver a reação.

Ele olhou a barriga, engoliu em seco e voltou a encará-la.

— Aconteceu em Washington?

Ela acenou afirmativamente.

— Mas você negou.

— Eu sei.

— Por quê?

Podia voltar a mentir e dizer que não tinha certeza de estar grávida, mas afastou o pensamento em um segundo. Não era uma pessoa falsa. Desde o início não queria mentir, mas não tivera outra escolha. A decepção no rosto de Spencer a feriu. Era hora da verdade

— Fui egoísta — disse, sentindo o peso da culpa. — Queria ficar novamente com você. Sabia que seria a última vez e achei que isso não causaria nenhum dano.

— Nenhum dano? — perguntou ele, aumentando o tom da voz. Num acesso de raiva que Jenna conhecia, mas tinha visto tão raramente dirigido a ela, o rosto tornou-se subitamente sombrio, as mãos lhe apertaram os pulsos. — Você veio em meu avião sabendo ter um medo mortal, sabendo que o vôo seria traumático...

— Traumático não...

— Assustador o suficiente para perder o bebê.

— Não perdi o bebê. Nunca achei que iria perdê-lo.

— Você não disse nada quando pousamos. Deixou-me continuar achando que não estava grávida. Eu a levei para cima e para baixo, por todos os lugares da ilha. A fiz caminhar na chuva e dormir no chão, comer biscoitos secos e carne congelada e com tudo isso manteve a boca fechada, quando deveria estar em casa consultando um médico e comendo comida fresca e tomando vitaminas. — Enfiou-lhe os dedos na carne. — Pensei que quisesse esse bebê.

— E quero — gritou. — Eu quero. — Lágrimas rolaram de seus olhos.
— É o bem mais precioso no mundo para mim.

— Se é, por que não me disse estar grávida?

— Porque não teria mudado nada! — Explicou, na defensiva: — Não há nada de errado em subir colinas, andar na chuva, dormir no chão ou comer o que comi. Tudo isso não faz mal... me certifiquei disso. Mas se eu lhe contasse a verdade, você ficaria zangado e preocupado, exatamente como está agora, quando não há motivo! Toda a raiva e preocupação do mundo não vai nos tirar desta ilha. Seu avião não vai voar. Você não pode mudar isso, Spencer!

Ele a encarou fixamente por muito tempo. Finalmente, numa voz desafiante, disse:

— Pode apostar que sim.

Ela não compreendeu, mas antes que pudesse perguntar o que ele queria dizer, ele soltou-lhe os pulsos e caminhou direto para o avião. A meio caminho, deu meia volta até onde ela ainda estava ajoelhada e pegou-lhe a mão.

— Vamos juntar nossas coisas.

— Agora?

— Vamos embora. — Ele a levantou e a puxou. Seu pulso era firme, a voz, tensa.

— Mas como? — perguntou confusa.

— Em meu avião.

— Mas precisa das peças.

— Não preciso.

— Mas você disse não poder voar sem elas.

— Menti.

— O quê?

— Menti.

Ela enfiou os pés na areia.

— Mentiu?

— Não há nada errado com o avião. Podemos voar.

— Nada errado?

— Isso mesmo.

— Nenhum problema elétrico? Nenhum problema com o rádio?

— Não.

— Não acredito.

— Acredite no que quiser. Você vai comer alguma coisa enquanto desmonto o acampamento. Vamos decolar.

Ela ainda estava tentando digerir o que ele dissera. Por 11 dias tinham ficado isolados numa ilha esperando por resgate. Ou assim ela pensara.

— Estamos partindo, assim, sem mais nem menos?

— Quero você de volta a Rhode Island onde tudo é seguro e previsível. Quero que consulte seu médico. Diabos, não leio nada além de cuidados pré-natais ultimamente.

No momento, Jenna não dava a mínima sobre cuidado pré-natal.

— Você mentiu para mim, Spencer?

— É, menti.

Furiosa, ela tirou a mão da dele e deu um passo atrás.

— Você planejou esse acidente, sabendo que meus pais morreram em um exatamente igual? Como pôde?

Ele subiu no avião e gritou por cima do ombro:

— Já era hora de superar esse medo. Além disso, não houve nenhum acidente. Disse a você saber o que estava fazendo. Nosso pouso aqui foi uma manobra cuidadosamente planejada.

— Mas pousamos numa praia!

Ele estava mexendo nas caixas de comida.

— Pousei nessa praia dezenas de vezes. A ilha pertence a um amigo meu. Ele sabia que estaríamos aqui. Por isso ninguém apareceu.

A fúria dela cresceu.

— Você sabia que não precisaríamos de uma fogueira? Sabia que não precisaríamos de sua pistola de sinalização? Sabia que ninguém nos

procuraria? Aposto que disse a Caroline aonde íamos.

— Com certeza. Não queria ninguém preocupado. — Emergiu com uma caixa de suco e a atirou para ela. Ela pegou-a num reflexo e raivosamente jogou-a de volta. Não acertou nele, mas na porta, caindo no chão.

— Todos esses mantimentos... você os comprou de propósito. — Nenhuma coincidência, mas planejamento cuidadoso. Ela devia saber. Tinha lido todos os seus livros. Ele planejava bem suas aventuras. — Você tinha comida fresca suficiente para ser consumida antes de estragar, suficientes pacotes de gelo para manter a comida congelada até a comida fresca terminar. Tinha sabonete, toalhas e papel higiênico. Tinha livros e um toca-fitas. Tinha até protetor solar.

— Você também — respondeu ele e pegou a caixa de suco.

— Claro que tinha. Achei que estava indo para Key West! — A extensão do engano tomou conta dela. — Devia ter imaginado. Era muito conveniente. Mas confiei em você!

— Assim como eu confiei em você.

— Espere aí, Spencer. Há uma diferença. Nunca menti. Nunca disse não estar grávida. Omiti: não o corriji quando presumiu que eu não estava. Mas você... Você inventou uma história, uma mentira atrás da outra. Isso não tem desculpa.

Ele lhe entregou uma barra de chocolate — que antes tinha dito ter trazido por gostar de mastigar essas coisas em casa.

— Coma isso. E o suco.

Ela ignorou a oferta.

— Como ousa fazer isso comigo, Spencer? Como ousa decidir quando eu devo superar o medo de voar? Como ousa tomar minha vida em suas mãos sem me dizer?

— Jenna, por favor! — murmurou. Depois, mais alto: — Coma, pelo amor de Deus.

— Não quero. Quero saber por quanto tempo pretendia me manter aqui.

As sobrancelhas escuras se juntaram.

— Do jeito como fala, parece que estava na cadeia. Estava infeliz? Foi maltratada?

— Fui privada da liberdade de partir.

— Você queria partir?

— Isso não importa. O que importa é que tinha o direito de saber a verdade.

Os olhos dele perfuraram os de Jenna.

— Eu também!

— Você conheceria a verdade quando meu período não viesse — disse, sentindo-se de repente ludibriada. O estômago voltou a ficar embrulhado. — Todo o tempo eu sabia que contaria a você. E você? Quando planejava me contar?

— Bem antes, posso afirmar. — Ele deu um sorriso forçado. — Nunca achei que você conseguiria ficar aqui. Achei que estaria arrancando os cabelos depois de uma semana. Achei que ficaria farta da areia, farta dos insetos, farta do calor. Você me surpreendeu, meu anjo. — Ele estendeu-lhe a comida. — Coma.

— Não quero! — Ela afastou-se. — Estou enjoada. — Sem saber mais o que fazer, ela andou pela praia até as pedras onde se sentara naquele primeiro dia, quando se sentira exasperada. Estava se sentindo exasperada agora. E enjoada.

Spencer a seguiu e lhe ofereceu cream crackers.

— Eu devia saber o que estava acontecendo quando vi você mastigando isso — resmungou. — Há quantos dia está enjoada?

— Dois.

Xingando entre os dentes, ele enfiou-lhe os biscoitos na mão até que ela finalmente os pegou. Depois, voltou para o avião.

Por vários minutos, Jenna olhou os biscoitos. Sentia-se infeliz. Eles iriam acalmar seu estômago, mas não sabia o que acalmaria sua mente. Não precisava olhar para saber que Spencer estava arrumando as coisas. Ele a estava levando de volta para casa. O tempo juntos chegara ao fim.

Enfiando o rosto nos joelhos, começou a chorar. Soluços profundos. Queria parar — Spencer odiava lágrimas — mas a emoção era forte demais. Então, apertando as pernas, deixou-os sair até diminuírem. Soluçando, voltou o rosto para o mar.

Seria bom voltar para casa, disse a si mesma. Seria bom tomar um bom banho quente, pentear o cabelo até ele ficar macio, vestir roupas de

verdade. Mas, céus! Sentiria saudade de Spencer. Sempre soubera que amar poderia ser um problema, mas tinha subestimado o perigo. Esquecê-lo seria impossível. Ela o veria sempre que passasse pelo quarto onde ele dormira em sua casa, toda vez que assistisse a um filme na televisão, toda vez que lesse um livro, comesse um bife ou visse um avião, toda vez que desse um beijo de boa-noite no bebê. Deixá-lo partir seria como arrancar uma parte de seu coração. Já sentia a pontada.

Ficou com um nó na garganta. Respirou fundo; se esticou. Chorar não a levaria a nada. Ela era uma sobrevivente. A vida prosseguia. Ia superar — mais do que isso — ia viver bem. Afinal, o bebê estava a caminho.

Afinal, quem queria um aventureiro? Aventureiros podiam ser excitantes, mas não estariam por perto quando mais se precisasse deles. Estaria em busca dos próprios sonhos. Além do mais eram manipuladores, mentirosos descarados.

Lentamente comeu um cream cracker e mais um. Amassando os poucos que restavam, jogou-os na água para as andorinhas do mar que mergulhavam perto. Aproximou-se da água para apagar as marcas de lágrimas do rosto. Depois, sabendo que as próximas horas seriam as mais dolorosas de sua vida, mas que precisavam ser enfrentadas, voltou para o avião.

Ele estava quase pronto. Retirara a lona impermeabilizada, dobrara as toalhas e cobertas e tinha empacotado os pertences pessoais deixados numa mesa de madeira. A praia que tinha sido o lar deles parecia tão tragicamente vazia que Jenna sentiu a ameaça das lágrimas de novo, mas recusou-se a deixá-las correrem. A vida era uma seqüência de dores de cabeça, disse a si mesma. Ia superar. Ora se ia.

— Está menos enjoada? — perguntou Spencer mal-humorado.

— Estou.

— Então coma isso. — Deu-lhe uma banana e um pacote de granola.

Ela não queria falar ou discutir ou fazer nada que prolongasse a agonia da partida. Quanto antes voltasse para Rhode Island, melhor. Então, apesar de não ter a menor intenção de comer, pegou a comida.

Ele permaneceu olhando-a com as mãos nos quadris, parecendo adivinhar o que ela tinha em mente.

— Vamos.

— Vou comer enquanto você junta tudo.

— Já terminei. Coma antes de decolarmos.

Ele estava implicante. Ela não gostava nada.

— Você comeu?

— Não estou com fome.

— Bem, nem eu.

— Coma para o bebê então.

— Comerei para o bebê depois — retorquiu, pensando como um homem podia ser tão incrivelmente autoritário. — Não estou com vontade de comer agora.

— Que bela mãe vai ser.

— E que diferença faz para você? Para começar, não queria esse bebê. Não queria a responsabilidade. Então estou dizendo a você que não assuma. Deixe eu me preocupar com o bebê.

Ele a fitou então e o olhar a chocou. Ela já tinha visto raiva neles antes, mas nunca a fúria que transformava o tom de prata dos olhos em gelo. Arrepiou-se da cabeça aos pés.

Melhor assim, raciocinou, embora o coração doesse um pouco mais. Ela e Spencer não poderiam voltar a serem amigos. Os sentimentos eram muito fortes para tal. Se não podiam se amar, teriam que odiar-se — uma exigência atroz de sua parte e com a qual seria forçada a conviver, mas não tinha outro jeito. Nenhum.

Como se ele tivesse chegado à mesma conclusão, Spencer fez um gesto irritado com a cabeça para ela entrar no avião. Entrou depois dela e colocou o cinto de segurança, depois começou a acionar os botões. O motor começou a girar.

— Seu filho-da-mãe — murmurou ela.

— Puxa!

Ela trincou os dentes e olhou para a frente sem nada ver. Não olhou para Spencer quando ele manobrou o avião até o final da praia e fez uma curva. Não olhou para o acampamento deles quando acelerou. Estava muito deprimida para ter medo quando as rodas deixaram o solo e o avião lentamente subiu aos céus.

Tudo que queria era ir para casa. Demoraria uma hora e meia até Savannah, depois duas e meia até Rhode Island. Rezava para o tempo

passar depressa Depois de alguns minutos, esperando que isso ajudasse, olhou pela janela.

— Que lugar é esse? — A terra se estendia à frente e atrás até onde sua vista alcançava e parecia um continente.

— A Flórida — respondeu lacônico.

— Se estamos indo para o norte, o que a Flórida está fazendo do meu lado do avião?

— Estamos indo para o sul.

— Mas moro no norte.

Ele não respondeu, apenas contraiu a mandíbula, o que tornou o perfil ainda mais duro do que já era. Ele estava mais tenso do que nunca e zangado, muito zangado. Bem, pensou Jenna, ela também estava e não gostou do que lia nas entrelinhas.

— Pensei que estava me levando para casa.

— Estou. Para a minha casa.

Jenna contraiu um músculo do maxilar, que parecia tão tenso a ponto de estalar.

— Chega, Spencer! — declarou, ajeitando-se no assento. — Você decidiu que íamos para aquela ilha e fomos. Agora é minha vez de decidir e decidi que vai me levar de volta para Rhode Island.

— Não vou fazer todo o percurso agora.

— Por que não? Não tem nada melhor a fazer até novembro. Você mesmo disse.

— Preciso pensar. Preciso de tempo. Não sei o que fazer.

— Eu lhe digo o que fazer. Me leve para Rhode Island, me deixe lá e me deixe em paz.

— Não posso fazer isso.

— Por que não?

— Por que ainda não terminamos.

Jenna sentiu uma ligeira físgada no estômago. A dor era insuportável.

— Terminamos... terminamos! Você fez sua parte. Deu-me o bebê. Não tem nada mais a fazer. Eu assinei os papéis deixando isso bem claro.

— Bem, eu não assinei papel nenhum! — explodiu. — Por mim, você pode pegar os seus e queimá-los. Eles não significam porcaria nenhuma para mim!

Jenna o fitou incrédula. Ele prosseguiu zangado:

— Eu sabia estar me metendo em confusão. Eu disse que não podia ter um filho e não me importar. Eu avisei, Jenna, mas você parecia acreditar que aqueles malditos papéis funcionariam como proteção. Bem, não funcionaram! Não posso ignorar o fato de ter o meu filho crescendo dentro de você. Não posso simplesmente virar as costas e esquecer. Droga! Acha que eu não me pergunto como ele vai ser também? — Passou uma das mãos no cabelo. A outra estava com os nós dos dedos brancos grudados no manche.

Jenna teve medo de pensar no significado das palavras.

— É, planejei esta viagem — continuou. Os olhos estavam focados no horizonte. O tom de voz era debochado. — Pensei comigo mesmo, tudo bem, Spence, a mulher o excita. Foi fácil conviver com ela em Little Compton. Foi realmente fácil conviver com ela em Washington. Deve ser realmente fácil conviver com ela em Key West. Depois pensei na ilha e achei que seria uma tremenda aventura. Ela está acostumada com mármore e veludo. Vamos ver como se comporta com algas marinhas e suor. — Acrescentou baixinho: — Não me enganei tanto. É verdade que queria ver se você iria desmoronar, mas até então queria gozar de sua companhia. E não era só sexo. Queria ficar junto de você.

Ele franziu os lábios. As narinas dilataram-se quando ele inspirou.

— Isso estava me deixando louco. Ficarmos juntos. Gostar de estarmos juntos. Ansiar por estarmos juntos. Nunca senti isso por outra mulher e não queria sentir com você. Mas fui em frente e fiz planos para nos isolarmos por umas duas semanas na ilha porque não resisti. E foi um bocado divertido comprar os suprimentos! Senti-me como se por anos viesse acumulando conhecimento para enfim colocá-lo em prática pela primeira vez. Pode imaginar?

Ele parecia não poder. Jenna colocou as pontas dos dedos na boca.

Ele bufou baixinho e sacudiu a cabeça.

— Droga! Foi bom. Tudo foi bom. Quero dizer, você não desmoronou. Não reclamou. Estava se divertindo tanto quanto eu e estava fazendo tudo no meu estilo. — A voz falseou. — Acho que nunca vou me esquecer de seu modo de sentar nas pedras usando apenas a calça do biquíni e meu boné de beisebol. E por falar em tentar lutar contra sentimentalismo... — Ele

voltou a praguejar, e ela achou ter visto algo úmido brilhando em seus olhos. — Eu podia ficar lá para sempre. Sabia disso? Acho que nunca fiquei em lugar nenhum por mais de seis meses nos últimos 23 anos, mas ficaria naquela ilha para sempre. Ou pelo menos, até acabar a comida. — Ele gemeu. — Ou até que você ficasse grávida. Caramba, não demorou muito, não foi?

Jenna queria falar, mas a garganta estava apertada. O coração estava atravancando a garganta, junto com suas esperanças e sonhos.

— E agora eu não sei que diabos fazer — esbravejou. — Tudo bem, tirei você da ilha e a estou levando de volta para a civilização, mas se isso significa não ver você de novo, não posso concordar, simplesmente não posso. Estou ligado a você. Quero você demais. Não posso simplesmente deixar você lá e voar de volta. E fique sabendo que apenas parte desse sentimento tem a ver com o bebê. A maior parte tem a ver com você. Quando estávamos fazendo amor, não estava pensando no bebê. Quando me disse, no mês passado, não estar grávida, fiquei desapontado por você, mas não por mim. Não ficaria chateado se tivéssemos que continuar tentando por meses a fio, porque isso me daria tempo para pensar. Mas, droga, você está grávida. Então não tenho tempo. E não sei o que fazer.

Jenna se permitiu ter esperanças.

— O que você quer fazer?

Ele lhe deu um olhar amedrontado.

— Casar com você. Já ouviu alguma coisa mais louca? Quero dizer, eu, sempre perambulando pelo mundo, quero me casar com você. Quero você legalmente ligada a mim. Quero saber que você vai estar me esperando quando eu chegar em casa. Quero voltar a lhe mandar flores e passar protetor solar em você de novo e carregar seus sapatos, suas malas e seus livros. Quero prender novamente minha gravata em seu cabelo. Quero que nosso filho use meu sobrenome. — Ele lhe lançou outro olhar, não menos amedrontado que o primeiro. — Mas você não quer nada disso e não a culpo. Você é independente. Tem sua própria empresa, sua própria casa e agora seu próprio bebê. Não precisa de mim. — Dessa vez, quando ele a olhou, fez uma cara feia. — Ponha isso de volta, Jenna.

Ela tinha soltado o cinto de segurança e estava vindo em sua direção. Quando seu bumbum tocou-lhe a coxa, passou os braços em volta de seu pescoço.

— Você está enganado, está enganado, enganado — sussurrou e começou a chorar. — Eu preciso... preciso de você. Tanto...

— Meu Deus, não chore, Jenna, por favor. — A voz dele tremeu. — Você não sabe como me sinto. — Ele passou um braço em volta dela e a apertou.

— Eu amo você — soluçou Jenna.

— Meu Deus.

— Amo sim... e contei outra mentira. Lá na ilha... eu disse que o bebê era... meu bem mais precioso. Não é verdade... era, mas não é mais. Você é... tão precioso para mim quanto o bebê... mas não posso prendê-lo, Spencer. Se o fizesse, você se ressentiria da mesma forma como se ressentisse com seus pais. Isso me mataria.

O abraço ficou mais apertado.

— Oh, Jenna.

— Eu amo você — sussurrou ela novamente. Agora que tinha dito, parecia não poder parar de repetir.

— Eu amo você.

Ele deixou escapar um gemido.

— Ah, meu anjo. — A mão que estava em volta dela afastou-lhe o cabelo da orelha para que ele pudesse colocar os lábios. Num sussurro torturado, disse: — Eu não quero viver fantasias infantis quando estiver velho e grisalho. Quero que a vida seja mais que galeões espanhóis, ouro reluzente e sexo.

— Não devia ter dito isso a você.

— Você estava certa em dizer.

— Mas sua vida é fantástica.

— Não é o bastante. Vivo correndo para não perder o que se me oferece, mas perco, assim mesmo. Quero afeto, meu anjo. Quero um lar.

Jenna nunca imaginou ouvir essas palavras. Voltou a chorar.

— O que devemos fazer?

— Pensar. Temos que pensar. E você deve se sentar e voltar a colocar o cinto de segurança. Sinto necessidade de fazer mais do que abraçar você.

— Oh! — Ela jogou a cabeça para trás e o olhou. — Mas nada foi definido.

Ele beijou-lhe as lágrimas.

— Uma coisa foi. — A voz era tão afetuosa, tão cheia de carinho quanto o brilho de seus olhos. — Existe amor. De alguma forma vamos encontrar uma maneira de fazer funcionar.

Enquanto vivesse, Spencer nunca acreditaria como simples, mas isso porque, nunca tendo amado antes, não conhecia o poder do amor.

Jenna insistira em passar a presidência da McCue para seu vice-presidente. Spencer protestou, mas ela justificou sua atitude dizendo que o teria feito, de qualquer maneira, quando o bebê nascesse. Queria mais tempo para a família e, além disso, ainda era presidente do conselho e dona das ações da empresa.

Casaram-se no final da semana de Ação de Graças. Os pais de Spencer ficaram super satisfeitos com a união — depois atemorizados quando Spencer prontamente levou Jenna para os Mares do Sul por três meses. Mesmo Caroline ficou magoada, reclamando que em vez de recuperar um irmão, perdera uma cunhada. Mas Jenna insistira na viagem. Sabia que Spencer queria ir. Recebera autorização do médico e dizia a todos os que contestavam sua decisão que, já que Spencer ganhara o caso, mas esperava explorar o galeão logo depois do nascimento do bebê, essa era definitivamente a hora de ir.

E Spencer que se julgava louco por viagens! Ela tinha se mostrado tão entusiasmada quanto ele durante toda a viagem, andando de balão, barriguda e tudo.

Agora, estavam de volta para esperar o nascimento do bebê. Depois de passarem um tempo em Rhode Island para se certificar de que tudo corria bem na empresa, alugaram um chalé na costa do Maine, longe o suficiente dos pais de Spencer para ele poder respirar, mas perto o suficiente de um hospital de primeira linha, se o bebê chegasse antes do previsto.

Era final de março, ainda frio o bastante para Spencer acender a lareira. As chamas consumiam as toras de madeira. Ele se sentou no chão, recostado no sofá. Jenna sentou-se em seu colo. Os braços envolviam-lhe o pescoço. Os olhos na mesma altura dos dele, um sorriso doce nos lábios.

— Você é um homem muito bonito, Sr. Smith — disse.

— Com cicatriz e tudo?

Ela tocou-lhe o maxilar.

— Com cicatriz e tudo.

— Você sabia que uma das primeiras coisas que me encantaram foi você não dar importância à cicatriz? Você não ficou fixada na maldita cicatriz.

— É só uma cicatriz. Faz parte de você há tanto tempo que eu raramente a noto.

— Sabe como a consegui?

— Hum-hum. Num acidente de jipe no Quênia.

— Eu costumava dizer às mulheres que fui ferido por um elefante.

— Não...

— É verdade. É mais dramático.

Ela revirou os olhos.

— Posso viver com menos drama. — Ela sorriu. — Ainda não acredito que você é meu.

Ele levou-lhe a mão aos lábios e beijou a aliança de diamante que lhe dera com tanto orgulho.

— Sou seu. — Enfiou a mão por baixo de seu suéter. Ela teria o bebê em seis semanas, mas havia momentos quando ele se perguntava se ela explodiria antes disso. Cada quilo que ganhara fora para sua barriga, protuberante como uma melancia. De costas, estava magra como sempre e ele gostava dela de costas, mas isso era o que amava, essa barriga grande, quente, lisa e viva. — Está se sentindo bem?

Ela acenou.

— Sinto-me ótima. Adoro esse lugar.

— Eu também. Talvez possamos voltar depois do nascimento do bebê.

Ela sacudiu a cabeça.

— Vamos para o sul. Seu navio espera.

— Você está realmente ansiosa para fazer isso, não está?

— Pode apostar. Nunca trabalhei com uma equipe de salvamento antes.

— Jenna, você não vai trabalhar com a minha equipe. Quantas vezes preciso repetir?

— Já sei, já sei. Vou ficar no barco com um capitão a bordo todo o

tempo, mas estaremos perto dos barcos de resgate para que eu possa ver o que será trazido. Tem certeza que seus homens não vão se ressentir com minha presença?

Spencer não tinha a menor certeza. O barco que comprara para ele e Jenna era bem mais luxuoso do que aquele em que seus homens viveriam. O ressentimento era inevitável e, se atingisse um nível insustentável, mandaria os homens rapidamente para a terra firme.

— Meus homens vão ficar bem. Mas eu terei problemas.

— De ressentimento?

— De distração. — Seus olhos arregalaram-se. A voz baixou para um murmúrio excitado. — Está se mexendo. Ei, está sentindo? — Ele estava com as duas mãos em sua barriga, os dedos esparramados para sentir uma perninha ou bracinho.

Jenna riu.

— Quanto encantamento! Sua expressão não tem preço. E você já sentiu isso antes.

— Continua sendo a coisa mais incrível do mundo. — Ele manteve as mãos onde estavam. Gostava de pensar que o bebê reconhecia seu toque. Gostava de pensar que a mais primitiva forma de vínculo acontecia.

Provavelmente não. Mas gostava de acreditar que sim.

— Spencer?

Ele levantou a cabeça para encontrar seus olhos de repente profundos e intensos.

— O que foi meu anjo?

— Estou feliz por estar aqui.

— Aonde mais poderia estar? Nenhum outro lugar no mundo traria metade do desafio ou uma fração de gratificação.

— Quero dizer, estou feliz por estar aqui acompanhando a gravidez.

— Sou seu marido.

— Mas não era meu marido quando engravidei e eu disse que faria tudo sozinha. Acho que estava enganada. Essa não seria uma experiência tão fácil ou excitante se você não a compartilhasse comigo...

Ele a calou com um beijo, depois a envolveu com os braços e fechou

os olhos quando ela gemeu de contentamento contra seu rosto. Ele sempre ficava surpreso ouvindo-a dizer essas coisas, já que ele é quem estava tão enganado sobre ser independente e auto-suficiente. Com certeza, podia ser as duas coisas. E ela também. E era ótimo ser assim, se fosse preciso. Se não, ahh, isso era onde a verdadeira felicidade morava.

Desde que estava com Jenna, a mínima coisa na vida tinha adquirido um novo sentido. Sua opinião era importante para ele. Seu entusiasmo contagiava o seu e vice-versa.

Quando ele pensou em viajar, pensou num jeito de fazê-lo com Jenna. E com o bebê. O bebê também iria junto. Ele estava pensando em espaçar as viagens, na verdade. Na verdade, estava pensando em voltar a estudar. Ele e Jenna tinham passado horas discutindo suas experiências com os índios na Amazônia e lhe ocorreu que uma graduação em antropologia seria interessante. Ocorreu-lhe que, se fizesse um doutorado, poderia dar aulas. Podia combinar o trabalho na universidade com trabalho de campo. Poderia ter uma vida ao mesmo tempo excitante e diversificada, mas estável o suficiente para uma esposa e criança. Crianças.

Queria tudo isso. E o mais importante, Jenna também, e a felicidade dela era o que mais importava no mundo para ele. Ela era um tesouro que lhe caíra nas mãos. Agora que a havia encontrado, não a deixaria partir.